



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ROMÁRIO NEVES COELHO

UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO *NÓS/A GENTE* NO FALAR
ANORIENSE (AM)

MESTRADO EM LETRAS

MANAUS

2024

ROMÁRIO NEVES COELHO

UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO *NÓS/A GENTE* NO FALAR
ANORIENSE (AM)

MESTRADO EM LETRAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Grace dos Anjos Freire
Bandeira.

MANAUS

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C672o Coelho, Romário Neves
Um olhar sociolinguístico sobre a variação nós/a gente no falar anoriense (AM) / Romário Neves Coelho . 2024
169 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Grace dos Anjos Freire Bandeira
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Sociolinguística. 2. Português brasileiro . 3. Variação pronominal de P4. 4. Anori (Amazonas). I. Bandeira, Grace dos Anjos Freire. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ROMÁRIO NEVES COELHO

UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO SOBRE A VARIAÇÃO *NÓS/A GENTE* NO FALAR
ANORIENSE (AM)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Aprovada em: 11/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Grace dos Anjos Freire Bandeira – **Presidente**
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof.^a Dr.^a Flávia Santos Martins – **Membro Interno**
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo – **Membro Externo**
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Prof.^a Dr.^a Raynice Geraldine Pereira da Silva – **Suplente**
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Dedico esta dissertação ao Espírito Santo, por cuidar tão bem de mim. À Ramile Henrique, companheira de vida. Aos meus amados pais, Francisco e Neusa.

FINANCIAMENTO

A presente pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), por meio do Programa de Apoio à Pós-Graduação *Stricto Sensu* – (POSGRAD), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

RESOLUÇÃO N.º 002/2023 – POSGRAD UFAM – Edição 2023/2024

AGRADECIMENTOS

Do início ao fim desta jornada, fui abençoado com o apoio e o carinho de muitas pessoas. Sem esse suporte, a trajetória não teria sido tão agradável, pois, sozinhos, não chegamos a lugar algum. Por isso, quero expressar aqui minha profunda gratidão.

Primeiramente, a Deus, por me permitir realizar o sonho de cursar o mestrado numa universidade pública; por guiar meus passos em cada decisão e me proteger de todo mal, pelo aprendizado adquirido e finalmente pela conclusão em tempo hábil.

Ao meu pai Francisco Oziel Coelho Marques e à minha mãe Neusa Neves Coelho, por todo amor e apoio que sempre me deram. Suas orações, conselhos e fé foram muito importantes em cada etapa da minha vida, pois, mesmo sem terem frequentado a escola, sempre me mostraram como a educação é importante. Obrigado, pai e mãe, vocês são tudo para mim.

À minha esposa, Ramile Marques, mulher de fé e incentivadora excepcional, agradeço imensamente por seu apoio incondicional no meu ingresso, na jornada no mestrado e na vida. Obrigado por gerenciar tão bem as demandas da vida na minha ausência, por seu cuidado, orações e companheirismo. Sua compreensão de que a conclusão do mestrado é uma conquista nossa me deixa realizado.

Aos sogros, Francisca (Chaguinha) e Tica, pelo apoio durante todo o período de estudos. Não me esquecerei do apoio recebido.

Ao irmão Ednei Neves Coelho e à cunhada Leiliane Barbosa dos Santos, pelos inúmeros galões de água levados para casa durante minha estadia em Manaus, também à dona Sabá, pela hospedagem e calorosa recepção em sua casa, sempre que precisei. Muito obrigado.

À minha irmã Ednalva Neves Coelho e ao seu esposo, Alex Sandro Vivaqua, pelas orações, palavras de incentivo e por cuidarem tão bem de minha casa e de nossos pais em minha ausência.

À Universidade Federal do Amazonas, uma excelente instituição pública de ensino, que conta com um corpo docente competente no Departamento de Letras.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, através do Programa de Apoio à Pós-Graduação *Stricto Sensu*, pelo apoio financeiro destinado a esta pesquisa, sem o qual não teria sido possível concluí-la.

À admirável professora, orientadora e amiga, Dra. Grace dos Anjos Freire Bandeira, minha gratidão em acolher esta pesquisa, pelas aulas de sintaxe, momentos de aprendizado e de muitas trocas. O que falar das inúmeras orientações e revisões? Elas foram muito valiosas, agradeço pelo carinho e voz tranquila, ao dizer “Romário, querido, você consegue, força!” Sua

confiança em mim ampliou meus horizontes e fortaleceu minha escrita. Sua dedicação nas leituras, revisões e contribuições, mesmo em meio a tantos desafios de ordem familiar, foram essenciais para aprimorar este trabalho. Foi uma honra tê-la como minha orientadora. “Sou o último pupilo”. Obrigado, querida professora Grace! Desejo vida longa e saúde à senhora e à sua família.

À banca examinadora, composta pela professora Dra. Flávia Santos Martins e pelo professor Dr. Orlando da Silva Azevedo, pela inestimável contribuição intelectual a esta pesquisa na qualificação, a fim de tornar este trabalho mais qualitativo.

À professora e amiga Dra. Flávia Santos Martins, pela confiança e parceria. Pelas risadas, almoços, confraternizações e conversas, junto ao querido prof. Dr. Edson Galvão Maia na biblioteca Arthur Reis, na constituição do *corpus* da fala amazonense. Não posso deixar de agradecer o auxílio nas rodadas estatísticas, sem sua ajuda teria sido mais difícil. Obrigado pelas oportunidades e tantas gentilezas. Você é brilhante!

Ao amigo querido José Fabrício Affonso Ferreira Júnior, pela dedicação e competência em me auxiliar na codificação dos *corpora* desta pesquisa, expresse meus sinceros agradecimentos.

À professora Me. Dorotéia Costa e aos graduandos dos cursos de Letras (Língua Portuguesa e Inglesa) do Centro Universitário do Norte, em especial à Thaís Botelho, por quem tenho grande apreço. Obrigado por me receberem para falarmos sobre a nossa língua, na ocasião da integralização de estágio docente ao ensino superior.

Aos grupos de pesquisa Para a História do Português no Amazonas (PHPB-AM) e Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas (GELAM), dos quais faço parte, e aos colegas pesquisadores, pelos conhecimentos compartilhados.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFAM), em especial ao professor Dr. Cacio Ferreira, pela colaboração na parte burocrática da academia.

Ao professor Dr. Mateus Coimbra, a quem atribuo valiosas contribuições a esta pesquisa, durante a disciplina Seminário de Dissertação, e pela generosidade em me convidar para participar das correções de provas na Comissão Permanente de Concursos (COMPEC), da UFAM, proporcionando-me momentos de grande aprendizado.

A Alécio Vaneli Gaigher Marely, a quem recorri nas horas de desespero e fui prontamente atendido. Amigo de todas as horas e de parceria em projetos de escrita. Valeu, amigão!

A Marisa Vega e César Vega, amigos de longa data, cujo apoio e incentivo têm sido constantes em minha jornada. Agradeço imensamente pela torcida e pelo estímulo para que eu

seguisse em frente com meus estudos e realizasse o mestrado em Letras. Vocês significam muito para mim.

Manifesto a minha sincera gratidão ao meu primo Artur Miranda e à sua esposa Esmalele Silva, amigos preciosos e singulares. Em todos os momentos, vocês demonstraram total comprometimento e dedicação durante a coleta de dados na Comunidade da Liberdade, em Anori. Agradeço de coração pela coragem de se aventurarem comigo neste projeto de pesquisa, na ocasião da coleta de dados na localidade. Foi um momento muito importante para este estudo.

Ao presidente da Comunidade da Liberdade, à agente de saúde, e à Adriana, pela cooperação em disponibilizar os dados históricos e sociais sobre o local.

Aos amigos Franciscarlos e Natacha que, mesmo de longe, oraram e torceram para esta conquista; obrigado pelas palavras de incentivo e apoio fraterno.

Ao colega professor Jemuel Araújo, pelo auxílio na elaboração de mapas dos locais de pesquisa usados nesta dissertação.

À coordenação estadual de educação em Anori e à gestão escolar, da qual fiz parte como docente contratado.

À Adriana Coelho e Cindy Antunes, professoras competentes que me substituíram durante a realização do mestrado.

Aos meus demais irmãos, sobrinhos e familiares que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente com esta pesquisa.

Por fim, agradecimentos especiais aos informantes desta pesquisa, sem os quais não teríamos nenhum resultado. Obrigado por me permitirem adentrar suas casas, pela excelente recepção e por disporem um pouco de seu tempo para uma conversa boa e agradável.

“Mas aqueles que esperam no SENHOR renovam as suas forças. Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam” (Bíblia [...], 2018, Is 40, 31, p. 492).

RESUMO

Esta pesquisa investigou o fenômeno variável “expressão pronominal de P4”; em particular, o comportamento das variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito na fala de 16 informantes da região de Anori, interior do Amazonas, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Também consideramos fundamentalmente Omena (1986, 1998, 2003), Tarallo (1986), Scherre (1998), Lopes (1993, 1998, 2003, 2004), Tamanine (2010), Vieira (2014), Araújo (2016), Mendes (2019), Ribeiro (2020) e Fernandes (2021). A partir desses pressupostos, assumimos que condicionadores extralinguísticos e linguísticos influenciam o uso das variantes *nós* e *a gente*, descritas neste estudo. Os objetivos específicos foram os seguintes: a) descrever as variantes do fenômeno variável “expressão pronominal de P4” no falar dos moradores das regiões urbana e rural do município de Anori (AM); e b) analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso das variantes *nós* e *a gente* no falar dos moradores das regiões urbana e rural do município de Anori (AM). A metodologia utilizada consistiu em pesquisa de campo, através da coleta de dados de fala; depois dessa coleta, houve a transcrição grafemática dos dados obtidos, de acordo com os parâmetros de Preti (1999) e, em seguida, foi realizado o tratamento estatístico pelo programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). Foram controlados os seguintes grupos de fatores extralinguísticos e linguísticos: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, localidade, preenchimento do sujeito, função sintática, referência do pronome, concordância verbal, tempo verbal, paralelismo entre os sujeitos e saliência fônica. No que diz respeito aos grupos de fatores, após as devidas exclusões e amálgamas, o programa selecionou os seguintes como favorecedores da aplicação da regra para *a gente*: faixa etária (25 a 59 anos; 60 anos ou mais); escolaridade (baixa: sem escolaridade ou até o ensino fundamental I, e alta: ensino fundamental II até o ensino médio); preenchimento do sujeito (preenchido e nulo); tempo verbal (presente do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo, futuro do subjuntivo, infinitivo, futuro do presente do indicativo e imperativo); referência do pronome – (determinada/indeterminada); paralelismo entre os sujeitos (sim e não); e localidade (zona urbana e zona rural de Anori). Os grupos de fatores sexo/gênero, função sintática e concordância verbal, não selecionados e excluídos da análise, foram analisados qualitativamente e por meio percentual. Nossa amostra contou com 1.351 ocorrências de variação em P4. Os resultados gerais indicam que a forma inovadora *a gente* é preferida pelos anorienses, correspondendo a 64% das ocorrências (864 casos), enquanto a variante conservadora *nós* fica como segunda opção, com frequência de 36% (487 casos).

Palavras-chave: Sociolinguística, português brasileiro, variação pronominal de P4, Anori (Amazonas).

ABSTRACT

This research investigated the variable phenomenon “P4 pronominal expression”; in particular, the behavior of the variants *nós* and *a gente* in the subject function in the speech of 16 informants from the region of Anori, in the countryside of Amazonas, it is based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics, according to Weinreich, Labov and Herzog (2006 [1968]). We also fundamentally consider Omena (1986, 1998, 2003), Tarallo (1986), Scherre (1998), Lopes (1993, 1998, 2003, 2004), Labov (2008 [1972]), Tamanine (2010), Vieira (2014), Araújo (2016), Mendes (2019), Ribeiro (2020) e Fernandes (2021). Based on these assumptions, we assume that extralinguistic and linguistic conditioning factors influence the use of the variants *nós* and *a gente*, described in this study. The specific objectives are as follow: a) to describe the variants of the variable phenomenon “pronominal expression of P4” in the speech of the inhabitants of the urban and rural regions of the municipality of Anori; b) to analyze the groups of linguistic and extralinguistic factors that condition the use of the variants *nós* and *a gente* in the speech of the inhabitants of the urban and rural regions of the municipality of Anori. The methodology used consisted of field research, speech data collection, graphematic transcription according to Preti's parameters (1999) and statistical treatment using the Goldvarb X program (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005). The following groups of extralinguistic and linguistic factors were controlled: sex/gender, age group, schooling, location, subject completion, syntactic function, pronoun reference, verb agreement, verb tense, parallelism between subjects and phonic salience. As far as the groups of factors are concerned, after the appropriate exclusions and groupings, the program selected the following as favoring the application of the rule for *a gente*: age group (25 to 59 years; 60 years or older); education level (low: no education or up to elementary school I, and high: elementary school II to high school); subject completion (completed and null); verb tense (present indicative, present subjunctive, past perfect indicative, future past indicative, past imperfect indicative, past imperfect subjunctive, past perfect indicative, future subjunctive, infinitive, future present indicative and imperative); reference of the pronoun - extended I (determinate/indeterminate); parallelism between the subjects (yes and no); and location (urban and rural areas of Anori). The groups of factors sex/gender, syntactic function and verb agreement, which were not selected and excluded from the probabilistic analysis, were analyzed qualitatively and by percentage. Our sample included 1,351 occurrences of P4 variation. The general results indicate that the innovative form *a gente* is preferred by anorienses, corresponding to 64% of occurrences (864 cases), while conservative variant *nós* stands as second option, regarding 36% (487 cases).

Keywords: Sociolinguistics, brazilian portuguese, pronominal variation of P4, Anori (Amazonas).

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Representação da sentença “Pedro viu Maria” | 32 |
| Figura 2 – Estudos sobre <i>nós/a gente</i> no Brasil..... | 44 |
| Figura 3 – Possibilidades interpretativas de <i>a gente</i> | 58 |
| Figura 4 – Ocorrências do processo de pronominalização da forma <i>a gente</i> | 59 |
| Figura 5 – Percurso histórico: <i>a gente</i> > (substantivo)/ <i>a gente</i> (pronome) | 60 |
| Figura 6 – Localização do município de Anori no Brasil..... | 78 |
| Figura 7 – Localização do município de Anori no Amazonas | 81 |
| Figura 8 – Mapa da localização do município de Anori e da Comunidade da Liberdade..... | 83 |
| Figura 9 – Fachada da Escola Municipal Nova União | 85 |
| Figura 10 – Plantação de feijão (à esquerda) e de mandioca (à direita) | 86 |
| Figura 11 – Vila única e casas na Comunidade da Liberdade | 90 |
| Figura 12 – Pesquisador na região urbana de Anori..... | 93 |
| Figura 13 – Pesquisador na região rural de Anori | 96 |
| Figura 14 – Mapa dos bairros do município de Anori..... | 97 |
| Figura 15 – Seleção e codificação da expressão pronominal de P4 no Excel, a partir da fala de Anori (AM)..... | 102 |
| Figura 16 – <i>Nós/a gente</i> segundo a variável <i>localidade</i> no estudo de Maia (2009)..... | 133 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1 – Distribuição geral do uso de <i>nós/a gente</i> no falar anoriense (AM)..... | 116 |
| Gráfico 2 – Uso de <i>nós/a gente</i> segundo a concordância verbal, no falar dos moradores de Anori (AM)..... | 138 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 – Termos utilizados para representar a realidade linguística brasileira..... | 41 |
| Quadro 2 – Estudo da região Sul do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural | 45 |
| Quadro 3 – Estudo da região Nordeste do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural | 46 |
| Quadro 4 – Estudo da região Nordeste do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural | 48 |
| Quadro 5 – Estudo da região Sudeste do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural | 50 |
| Quadro 6 – Estudo da região Centro-Oeste do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural .. | 52 |
| Quadro 7 – Estudo da região Norte do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural..... | 53 |
| Quadro 8 – <i>Corpus</i> organizado por Lopes (2003)..... | 56 |
| Quadro 9 – Comparativo: gramáticas normativas e descritivas do Português Brasileiro | 61 |
| Quadro 10 – Os pronomes <i>nós/a gente</i> em algumas gramáticas brasileiras..... | 69 |
| Quadro 11 – Estratificação dos informantes da pesquisa | 99 |
| Quadro 12 – Identificação dos informantes da pesquisa | 100 |
| Quadro 13 – Grupos de fatores extralinguístico e linguístico com os respectivos códigos ... | 102 |
| Quadro 14 – Verbos comuns às variantes <i>nós/a gente</i> no falar anoriense (AM) | 141 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 – Frequência e probabilidade da variante <i>a gente</i> , segundo a variável <i>faixa etária</i> , no falar dos moradores de Anori (AM) | 120 |
| Tabela 2 – Frequência e probabilidade da variante <i>a gente</i> , segundo a variável <i>escolaridade</i> , no falar dos moradores de Anori (AM) | 122 |
| Tabela 3 – Frequência e probabilidade da variante <i>a gente</i> , segundo a variável <i>preenchimento do sujeito</i> , no falar dos moradores de Anori (AM) | 125 |
| Tabela 4 – Frequência e probabilidade da variante <i>a gente</i> , segundo a variável <i>tempo verbal</i> , no falar dos moradores de Anori (AM) | 126 |
| Tabela 5 – Frequência e probabilidade da variante <i>a gente</i> , segundo a variável <i>referência do pronome</i> , no falar dos moradores de Anori (AM) | 129 |
| Tabela 6 – Frequência e probabilidade da variante <i>a gente</i> , segundo a variável <i>paralelismo entre sujeitos</i> , no falar dos moradores de Anori (AM) | 131 |
| Tabela 7 – Frequência e probabilidade da variante <i>a gente</i> , segundo a variável <i>localidade</i> , no falar dos moradores de Anori (AM) | 132 |
| Tabela 8 – Frequência de <i>nós/a gente</i> , segundo a variável social <i>sexo/gênero</i> , no falar dos moradores de Anori (AM) | 134 |
| Tabela 9 – Frequência de <i>nós/a gente</i> , segundo a variável linguística <i>função sintática</i> , no falar dos moradores de Anori (AM)..... | 136 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|---|
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CNS | Conselho Nacional de Saúde |
| EF | Ensino Fundamental |
| EF I | Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) |
| EF II | Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) |
| EJA | Educação de Jovens e Adultos |
| EM | Ensino Médio |
| FAPEAM | Fundação de Amparo à Pesquisas do Estado do Amazonas |
| GEF/UFG | Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás |
| GPEL | Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos |
| H | Hora |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IDAM | Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas |
| IPAAM | Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas |
| Min | Minuto |
| NORPOFOR | Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza |
| NURC | Norma Urbana Culta |
| PB | Português brasileiro |
| PCE | Programa Ciência na Escola |
| PortVix | Português Falado em Vitória |
| POSGRAD | Programa Institucional de Apoio à Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> |
| PR | Peso Relativo |
| PROHPOR | Programa Para a História da Língua Portuguesa |
| SEAS | Secretaria de Assistência Social |
| séc. | Século |
| SN | Sintagma Nominal |
| SN | Sintagma Nominal |
| SV | Sintagma Verbal |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, doravante |
| TVM | Teoria da Variação e Mudança linguística |
| UBS | Unidade Básica de Saúde |

| | |
|--------------|---|
| UESB | Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia |
| UFAM | Universidade Federal do Amazonas |
| UFBA | Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia |
| UFCE | Universidade Federal do Ceará |
| UNINORTE | Centro Universitário do Norte |
| UFG | Universidade Federal de Goiás |
| UTI | Unidade de Tratamento Intensivo |
| V | Verbo |
| VarFon-Minas | Variação Fonético-Fonológica em Minas Gerais |
| VARSUL | Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil |
| WLH | Weinreich, Labov; Herzog |

SUMÁRIO

| | | |
|------------------|--|-----------|
| 1 | QUESTÕES INTRODUTÓRIAS | 22 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA | 29 |
| 2.1 | FUNDAMENTOS PRECURSORES DA SOCIOLINGUÍSTICA..... | 29 |
| 2.2 | SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA | 33 |
| 2.2.1 | Conceitos-chave | 39 |
| 2.3 | REVISÃO DA LITERATURA..... | 44 |
| 2.3.1 | Variação entre as formas <i>nós/a gente</i> no Brasil..... | 44 |
| 2.3.2 | Formas pronominais <i>nós/a gente</i> nas gramáticas brasileiras..... | 60 |
| <i>2.3.2.1</i> | <i>Vilela e Koch (2001).....</i> | <i>62</i> |
| <i>2.3.2.2</i> | <i>Perini (2005).....</i> | <i>63</i> |
| <i>2.3.2.3</i> | <i>Cegalla (2008).....</i> | <i>63</i> |
| <i>2.3.2.4</i> | <i>Bechara (2009).....</i> | <i>64</i> |
| <i>2.3.2.5</i> | <i>Terra (2011).....</i> | <i>65</i> |
| <i>2.3.2.6</i> | <i>Rocha Lima (2011).....</i> | <i>66</i> |
| <i>2.3.2.7</i> | <i>Azaredo (2014).....</i> | <i>67</i> |
| <i>2.3.2.8</i> | <i>Cunha e Cintra (2017).....</i> | <i>67</i> |
| <i>2.3.2.9</i> | <i>Castilho (2020).....</i> | <i>68</i> |
| 2.4 | OBJETIVOS, QUESTÕES NORTEADORAS E HIPÓTESES | 71 |
| 2.4.1 | Objetivo geral | 71 |
| 2.4.2 | Objetivos específicos | 71 |
| 2.4.3 | Questões norteadoras e hipóteses..... | 71 |
| <i>2.4.3.1</i> | <i>Hipóteses de natureza linguística</i> | <i>73</i> |
| <i>2.4.3.1.1</i> | <i>Preenchimento do sujeito.....</i> | <i>73</i> |
| <i>2.4.3.1.2</i> | <i>Função sintática.....</i> | <i>74</i> |
| <i>2.4.3.1.3</i> | <i>Referência do pronome</i> | <i>74</i> |
| <i>2.4.3.1.4</i> | <i>Concordância verbal.....</i> | <i>74</i> |
| <i>2.4.3.1.5</i> | <i>Tempo verbal.....</i> | <i>74</i> |
| <i>2.4.3.1.6</i> | <i>Paralelismo entre sujeitos.....</i> | <i>75</i> |
| <i>2.4.3.1.7</i> | <i>Saliência fônica.....</i> | <i>75</i> |
| <i>2.4.3.2</i> | <i>Hipóteses de natureza extralinguística (social e geográfica)</i> | <i>75</i> |
| <i>2.4.3.2.1</i> | <i>Sexo/gênero</i> | <i>76</i> |
| <i>2.4.3.2.2</i> | <i>Faixa etária.....</i> | <i>76</i> |

| | | |
|------------------|---|------------|
| 2.4.3.2.3 | <i>Escolaridade</i> | 76 |
| 2.4.3.2.4 | <i>Localidade</i> | 77 |
| 2.4.4 | Síntese | 77 |
| 3 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 78 |
| 3.1 | APRESENTAÇÃO DOS LOCAIS DE PESQUISA | 78 |
| 3.1.1 | Zona rural de Anori – Comunidade da Liberdade | 83 |
| 3.1.2 | Características dos ribeirinhos pertencentes à Comunidade da Liberdade | 85 |
| 3.2 | DIÁRIO DE CAMPO | 87 |
| 3.2.1 | Primeiro contato | 88 |
| 3.2.2 | Segundo contato | 90 |
| 3.3 | SELEÇÃO DOS INFORMANTES | 97 |
| 3.3.1 | Ficha Social do Informante | 98 |
| 3.3.1.1 | <i>Questionários semiestruturados e entrevista</i> | 98 |
| 3.4 | TRATAMENTO DO <i>CORPUS</i> | 101 |
| 3.4.1 | Transcrição dos dados | 101 |
| 3.4.1.1 | <i>Organização e codificação dos dados</i> | 101 |
| 3.4.1.2 | <i>Tratamento estatístico e análise</i> | 104 |
| 3.5 | ENVELOPE DE VARIAÇÃO..... | 104 |
| 3.5.1 | Descrição da variável dependente | 104 |
| 3.5.2 | Descrição das variáveis independentes | 105 |
| 3.5.2.1 | <i>Variáveis linguísticas</i> | 105 |
| 3.5.2.1.1 | <i>Preenchimento do sujeito</i> | 105 |
| 3.5.2.1.2 | <i>Função sintática</i> | 106 |
| 3.5.2.1.3 | <i>Referência do pronome</i> | 108 |
| 3.5.2.1.4 | <i>Concordância verbal</i> | 109 |
| 3.5.2.1.5 | <i>Tempo verbal</i> | 110 |
| 3.5.2.1.6 | <i>Paralelismo entre sujeitos</i> | 110 |
| 3.5.2.1.7 | <i>Saliência fônica</i> | 111 |
| 3.5.2.2 | <i>Variáveis extralinguísticas</i> | 112 |
| 3.5.2.2.1 | <i>Sexo/gênero</i> | 112 |
| 3.5.2.2.2 | <i>Faixa etária</i> | 113 |
| 3.5.2.2.3 | <i>Escolaridade</i> | 113 |
| 3.5.2.2.4 | <i>Localidade</i> | 114 |
| 3.5.3 | Síntese | 114 |

| | | |
|----------|---|------------|
| 4 | DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS | 115 |
| 4.1 | RESULTADOS GERAIS DE <i>NÓS/A GENTE</i> | 115 |
| 4.2 | VARIÁVEIS SELECIONADAS PELO GOLDVARB X | 120 |
| 4.2.1 | A variável faixa etária | 120 |
| 4.2.2 | A variável escolaridade | 122 |
| 4.2.3 | A variável preenchimento do sujeito | 124 |
| 4.2.4 | A variável tempo verbal..... | 126 |
| 4.2.5 | A variável referência do pronome | 129 |
| 4.2.6 | A variável paralelismo entre sujeitos | 131 |
| 4.2.7 | A variável localidade..... | 132 |
| 4.3 | VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARB X | 134 |
| 4.3.1 | A variável sexo/gênero | 134 |
| 4.3.2 | A variável função sintática | 136 |
| 4.3.3 | Considerações sobre a variável concordância verbal | 138 |
| 4.4 | Síntese | 143 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 144 |
| | REFERÊNCIAS | 148 |
| | APÊNDICE A – DADOS DE FALA COM A VARIANTE <i>NÓS</i> | 159 |
| | APÊNDICE B – DADOS DE FALA COM A VARIANTE <i>A GENTE</i> | 162 |
| | APÊNDICE C – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE | 164 |
| | APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 165 |
| | ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA | 167 |
| | ANEXO B – NORMAS DA TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA ADOTADA..... | 168 |
| | ANEXO C – ATA DE FUNDAÇÃO E ELEIÇÃO DA DIRETORIA DA COMUNIDADE LIBERDADE | 169 |

1 QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

O primeiro estímulo para esta pesquisa remonta aos meus estudos iniciais sobre a língua portuguesa durante o curso de graduação em Letras, no Centro Universitário do Norte (UNINORTE), entre os anos de 2010 e 2013, quando tive contato com os processos de variação e mudança linguística.

Desde muito cedo, os fenômenos relativos à variação linguística despertaram meu interesse acadêmico, razão pela qual iniciei o curso superior de Letras em 2010. Durante a formação inicial, pude observar de forma empírica que as práticas linguísticas da modalidade escrita diferiam, em certa medida, das práticas orais. Da mesma forma, notei distinções regionais no léxico e na entonação entre diferentes localidades. Tais experimentações me permitiram compreender que a língua “compreende um conjunto de variedades” (Alkmim 2007, p. 34).

Como trabalho de conclusão da disciplina Sociolinguística, realizei uma pesquisa de campo, objetivando analisar aspectos fonético-fonológicos de determinado grupo de falantes do português brasileiro, em um contexto social específico. A investigação representou meu primeiro contato científico com os usos e domínios sociais da língua portuguesa, marcando o começo de meus estudos linguísticos sob a ótica da Sociolinguística.

Enquanto professor de língua portuguesa da rede pública estadual no interior do estado do Amazonas, fui o primeiro a implementar projetos de iniciação científica pelo Programa Ciência na Escola (PCE) na área de linguagens no município de Anori. Desde então, venho me debruçando nas teorias e nas experiências de estudar a língua portuguesa.

Castilho (2020, p. 197) aponta que

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas.

Partindo da afirmação do autor, a sociedade que reconhece a pluralidade de variedades linguísticas da língua portuguesa valoriza e respeita diferentes culturas e grupos sociais. O processo natural de mudança de uma língua depende do contato entre usos variados em diferentes regiões e grupos sociais. Assumir a língua como heterogênea é um primeiro passo para escaqueirar mitos linguísticos que foram criados ao longo de décadas.

Nesses termos, consideramos essa heterogeneidade linguística¹, “constituída por um conjunto de variedades” (Faraco, 2008, p. 73), as diferentes formas de falar o português nas diversas regiões do país refletem a coexistência de variedades geográficas e sociais. Isso significa que existem resíduos ou substratos linguísticos que facilitam hibridizações e reestruturações, enriquecendo o sistema linguístico como um todo. Por consequência, a língua mantém sua capacidade de se adaptar ao longo do tempo, em resposta às dinâmicas sociais (Cf. Fiorin, 2001; Garcez; Zilles, 2001).

Acrescenta-se que um sistema educacional que contemple a língua em seus diversos níveis linguísticos e que reconheça que as múltiplas variâncias da língua é fundamental para o desenvolvimento linguístico e cultural da sociedade. Uma abordagem pedagógica que leve em conta as dimensões e, principalmente, as variedades determinadas por condicionadores geográficos e sociais, propicia uma compreensão mais abrangente da língua em seu caráter dinâmico e heterogêneo.

O reconhecimento dessa pluralidade linguística revela-se, portanto, considerável para a formação cidadã consciente das complexidades e riquezas presentes nos usos e formas de se apropriar da língua em diferentes contextos, a exemplo de Bechara (2009, p. 25), ao considerar que “o sucesso da educação linguística é transformar o aluno em um ‘poliglota’ dentro de sua própria língua nacional”.

É oportuno criarmos condições, na posição de educadores, para que possamos lidar com as mudanças, atendendo a um ensino de língua que considere as variações linguísticas presentes na fala; assim como, enquanto falantes, necessitamos realizar atos comunicativos que gerem significado. Essa necessidade se faz presente nas diversas situações de usos e contextos: em casa, no trabalho, entre grupo de amigos, na igreja, na escola e na universidade.

Conforme a perspectiva de Antônio Houaiss (2009, v. 1), importante filólogo e lexicógrafo brasileiro, a língua deve ser compreendida como fenômeno vital e em constante mutação. Para o autor, a língua encontra-se em estado permanente de movimento e transformação, adaptando-se dinamicamente às variáveis socioculturais de seu contexto de uso. Nesse sentido, Houaiss (2009, v. 1, p. XV) defende que “a língua é uma realidade viva” que se modifica de acordo com seus falantes em diferentes situações comunicativas.

¹ Diferentes formas linguísticas variáveis presentes nos demais níveis: fonético-fonológico, morfofonológico, morfológico, morfossintático, sintático, semântico, pragmático e discursivo.

Dada a natureza dinâmica inerente à língua², não seria possível, segundo o estudioso, “ajustar-lhe amarras” ou definir seu funcionamento de maneira fixa e estanque, uma vez que ela se reconfigura constantemente em resposta aos usos sociais que lhe dão sentido no decorrer do tempo. A visão houaissiana revela, portanto, o entendimento da língua como um fenômeno organicamente adaptável e em permanente estado de fluxo e mudança.

A esse respeito, afirma o filólogo:

A língua é uma realidade viva que se modifica constantemente no curso do tempo e de acordo com os usos variados que dela fazem as diversas comunidades de falantes. Por isso não é possível fixá-la ou ajustar-lhe amarras, pois suas transformações decorrem naturalmente do emprego quotidiano a que está sujeita (Houaiss, 2009, v. 1, p. XV).

À vista disso, este estudo assume a língua como uma manifestação humana e social, concretizada pela interação entre os sujeitos. Segundo Martelotta (2010, p. 63), “[...] no uso da língua, determinados aspectos de cunho comunicativo e cognitivo são atualizados e, se queremos compreender o funcionamento da linguagem humana, temos de levar em conta esses aspectos”. Em uma abordagem funcionalista da linguagem, a comunicação torna-se o principal fio condutor que motiva as mudanças linguísticas na estrutura gramatical da língua. Para Weinreich, Labov e Herzog, doravante WLH³ (2006 [1968], p. 147), “[...] a língua só pode ser entendida nos seus variados contextos de uso [...]”, logo, a linguagem se ajusta aos contextos em que os indivíduos estão inseridos.

Neste estudo, consideramos a variação pronominal em P4⁴ e suas variantes *nós* e *a gente*, no Português Brasileiro, doravante (PB). Segundo Castilho (2020, p. 477), “estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua”.

Estes estudos apontam para uma tendência a partir de um longo processo histórico que perpassa momentos de gramaticalização, sistematização e uso pelos falantes (Cf. Freitag, 2003; Freitag *et al.*, 2016; Gonçalves, 2004; Longhin, 2002; Lopes, 1993, 1998, 2002, 2003, 2004, 2007; Menon, 1995, entre outros).

Para Castilho (2020, p. 478),

² Conforme Fiorin (2001, p. 111), “a variação é inerente às línguas, porque as sociedades são divididas em grupos: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam uma região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante”.

³ Decidimos manter essa padronização para nos referirmos aos autores ao longo do texto.

⁴ Optamos por empregar a terminologia estabelecida por Câmara Jr., que categoriza as pessoas do discurso em: P1/eu primeira pessoa do singular), P2/tu (segunda pessoa do singular), P3/ele(a) (terceira pessoa do singular), P4/nós (primeira pessoa do plural), P5/vós (segunda pessoa do plural), P6/eles(as) (terceira pessoa do plural) (Camara Júnior, 1987 [1970], p. 117).

Pelo menos três processos são identificáveis na reorganização do quadro dos pronomes pessoais do PB: (i) criação, substituição e alteração de formas pronominais; (ii) perdas e ganhos no quadro dos reflexivos; (iii) transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas prefixais de pessoa. Examinemos isso de perto.

O linguista elucida que o sistema pronominal brasileiro passa por um momento de reestruturação e destaca três processos importantes que o pesquisador pode examinar. Nesse sentido, descrever o comportamento sintático das formas pronominais sob um viés histórico é imprescindível para evidenciar as mudanças.

Vejamos alguns desses exemplos a partir de estudo de Tamanine (2010, p. 142).

- (1) Ontem inclusive nós tínhamos ensaio no Bom Pastor, reunião de liderança e reunião do apostolado. (CTBA 20).
- (2) Quando se fervia a água, mas a água pra beber, a gente ia buscar lá na Sanepar. (CTBA 02).

Nesses exemplos, os pronomes destacados funcionam como sujeitos das orações. Consequentemente, torna-se imprescindível esclarecer que, além dessa função, os pronomes podem se comportar como objeto direto, conforme ilustrações abaixo:

- (3) E ficou muito tempo, ainda criou nós todos os filhos aí, né? (CTBA 08).
- (4) Tinha lancha que atravessava a gente. (CTBA 14).

Como descrito por Tamanine (2010), os pronomes podem ter outras funções, entre as quais objeto direto, adjuntos, complemento nominal. Embora a forma *nós* não desapareça completamente da fala, existe, no entanto, um favorecimento crescente para o uso de *a gente* (Bagno, 2007). Nosso entendimento acerca das noções de variante padrão e não padrão se apoia em Faraco (2008), que propõe a variante padrão como uma representação abstrata que serve como ponto de referência e é utilizada em esforços políticos para promover a uniformidade linguística.

Omena (1986, 1998, 2003) realizou estudos sobre a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* do século XVI ao século XX, visando determinar se esse processo de alternância era apenas uma variação estável ou já indicava uma mudança linguística. Os resultados da pesquisa indicaram que, ao longo do tempo, houve uma ocorrência proporcional consistente das variantes *nós* e *a gente*. No entanto, é notável que a estratégia pronominal do *a gente* continua a prevalecer nas tendências de uso e exhibe uma mudança direcional consistente (Cf. Viana; Lopes, 2015, p. 111).

Como descrito por Faraco (2005, p. 18), “[...] cada variedade é resultado das peculiaridades das experiências históricas e socioculturais do grupo que a usa [...]”. Dito de outra forma, essa variedade que ora ocorre na expressão da primeira pessoa do plural é oriunda de narrativas, contextos sociais, costumes e opiniões.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), essas variedades do PB devem ser analisadas em três *continua* que se entrelaçam, quais sejam: o *continuum* rural-urbano, o de oralidade-letramento e o da monitoração estilística.

[...] como um *continuum* de urbanização, que se estende desde as variedades rurais geograficamente isoladas, conhecidas genericamente como ‘dialeto caipira’ (Amaral, 1976), até a variedade urbana culta, que no processo histórico passou por uma estrita padronização em Portugal e, posteriormente, no Brasil, podendo-se situar o falante em qualquer posição ao longo deste continuum [...] (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 40).

Do ponto de vista da autora, de um lado estão as variedades rurais isoladas geograficamente, de outro as variedades que nomeamos como resultantes de prescrição.

Nesses espaços ocorrem

[...] a existência de dois tipos de regras variáveis: regras que definem uma estratificação ‘descontínua’ e que caracterizam as variedades regionais e sociais mais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais que definem uma estratificação contínua e estão presente no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que eles conferem à própria fala [...] (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 40).

A autora aponta duas regras variáveis: a primeira determina e qualifica as variedades diatópicas e sociais mais segregadas e, que conseqüentemente, recebem maiores estigmas do domínio popular; a segunda está relacionada a uma classificação contínua das variações que se fazem presentes no repertório linguístico dos falantes a depender do grau de formalidade.

Segundo Cunha (1979, p. 74):

O Brasil – todos sabemos – foi no decurso de quatro séculos um vasto país rural. Suas cidades, quase todas costeiras, de pequena densidade demográfica e desprovidas de centros culturais importantes, pouca ou nenhuma influência exerciam nas longínquas e espedejadas povoações do interior. Cerca de quatrocentos anos, portanto, a língua, assim distribuída espacialmente seguiu uma deriva diversificadora. Essa diferenciação regional é em certos pontos ainda muito sensível.

As observações de Cunha (1979) estão alinhadas com as declarações de Bortoni-Ricardo (2005) que reafirmam o Brasil como um país vasto e rural ao longo de quatro séculos, influenciado principalmente por questões geográficas, sociais e culturais que persistem até os dias atuais. Essas características resultaram em grande variedade de formas presentes na língua portuguesa no país como um todo.

Temos como objetivo geral investigar o fenômeno variável “expressão pronominal de P4”, descrito pelas variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito na fala de 16 informantes, na região de Anori, interior do Amazonas, a fim de contribuir com a descrição do português brasileiro no Amazonas. Partimos dos seguintes objetivos específicos:

- a) descrever as variantes do fenômeno variável “expressão pronominal de P4” no falar dos moradores das regiões urbana e rural do município de Anori.;
- b) analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso das variantes *nós* e *a gente* no falar dos moradores das regiões urbana e rural do município de Anori; e

Com base nas primeiras questões sobre *nós* e *a gente* e na apresentação dos objetivos, este estudo procura descrever os processos de variação que ocorrem simultaneamente na expressão pronominal de P4 no PB. Nesse contexto, a aplicação da expressão pronominal possui múltiplas interpretações tanto no aspecto externo quanto no interno; portanto, a relevância deste estudo reside na sua originalidade em relação à variação linguística na cidade de Anori (AM), especialmente no que se refere à coleta de dados de fala, de modo a contribuir para a nossa compreensão do comportamento social e linguístico dessas variantes no PB.

A escolha do local para a pesquisa, representada pelo município de Anori e pela Comunidade da Liberdade, foi deliberada, pelos seguintes motivos: a importância da expansão de estudos linguísticos voltados para a região do interior do Amazonas, distante da capital, conforme apontam Viana e Lopes (2015); o incentivo financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisas do Estado do Amazonas (FAPEAM), por meio do Programa Institucional de Apoio à Pós-Graduação *Stricto Sensu* (POSGRAD), para a realização da pesquisa e coleta de dados no interior e o pesquisador ser natural do município e exercer a função de professor, contribuindo de forma efetiva na formação de futuros profissionais; e a necessidade de termos um mapeamento descritivo de fenômenos variáveis para a contribuição de futuros estudos sobre o paradigma pronominal no Amazonas.

Com esse intuito, neste estudo, assumimos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista baseada em WLH (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]), conforme a qual os problemas empíricos para se observar em uma pesquisa sociolinguística são: problema da restrição, problema do encaixamento, problema da transição, problema da avaliação e problema da implementação. Para esta pesquisa, foram selecionados 16 dezesseis informantes, divididos por sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e localidade. A seleção seguiu os critérios estabelecidos por Labov (2008 [1972]), que são também apresentados por Tarallo (1986),

Coelho *et al.* (2018) e Fernandes (2021). Os dados receberam tratamento estatístico por meio do programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte, Smith, 2005).

Com o propósito de atingir os objetivos propostos, este estudo está estruturado da seguinte forma: a *introdução*, em que expomos a motivação da pesquisa, a ilustração do objeto de estudo, os objetivos geral e específicos; a *fundamentação teórico-metodológica*, dividida em cinco subseções que abrangem a teoria que embasa este estudo, os objetivos, as questões norteadoras e as hipóteses; os *procedimentos metodológicos*, seção organizada em seis subseções nas quais discorremos sobre os pontos de inquérito e suas especificidades, a pesquisa de campo, a seleção dos informantes, a descrição e o tratamento do *corpus* e sobre o envelope de variação; a *descrição e análise dos resultados*, na qual expomos os resultados da pesquisa, seguidos da discussão, sempre que possível em cotejo com pesquisas citadas ao longo da dissertação, bem como outras pesquisas realizadas; finalmente, apresentamos as *considerações finais*, sem a pretensão de esgotar a temática, destacando as tendências apontadas e sugestões de futuras investigações sobre a expressão pronominal de P4.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Neste capítulo, apresentamos a base teórica que adotamos na pesquisa. Assim, dividimos em quatro subseções. Inicialmente, retomamos conceitos gerais da Linguística da década de 1960. Depois, destacamos a teoria que fundamenta nossa pesquisa, a Sociolinguística Variacionista, de acordo com WLH (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). A terceira subseção é dedicada à revisão da literatura sobre o objeto em estudo; finalmente, na quarta subseção, trazemos os objetivos gerais e específicos, as perguntas de pesquisa e as hipóteses.

2.1 FUNDAMENTOS PRECURSORES DA SOCIOLINGUÍSTICA

A obra inaugural do Estruturalismo linguístico na Europa denomina-se *Cours de linguistique générale*⁵, publicada, postumamente, na França, em 1916, e consiste em uma compilação, organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir das anotações dos Cursos de Linguística Geral ministrados por Ferdinand de Saussure em Genebra, entre o período de 1907 a 1910. No Estruturalismo saussuriano são postuladas dicotomias, entre as quais destacamos a relação entre *langue* e *parole*⁶, sincronia e diacronia, significado e significante e, por fim, sintagma e paradigma.

Conforme essa teoria, a língua é homogênea e social, “[...] constitui-se num sistema de signos, onde de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica [...]”⁷, enquanto a fala é “individual”⁸ e heterogênea, melhor dizendo, a fala é a realização concreta da língua. Segundo essa corrente teórica, “a língua é considerada em si mesma e por si mesma”⁹; nesse sentido, a língua é vista como uma estrutura autônoma, especialmente, separada das relações estabelecidas entre os elementos linguísticos (Saussure, 2006 [1916]). Em paralelo a isso, as investigações linguísticas foram marcadas por estudos histórico-comparativos nos quais os neogramáticos atestaram que as mudanças linguísticas não acontecem aleatoriamente, mas por meio de regras linguísticas (Costa, 2010).

Por sua vez, a sincronia é o estudo da língua em um dado momento histórico, sem levar em conta as intervenções do tempo, enquanto a diacronia é o estudo da língua através das

⁵ *Cours de linguistique générale*. São Paulo: Cultrix, 2006. Consultamos esta edição que conserva os mesmos termos das edições anteriores como subsídio teórico.

⁶ Esses termos podem ser traduzidos como “língua” e “fala”; no entanto, manteremos os termos originais na escrita para destacar a teoria estruturalista.

⁷ Saussure, 2006 [1916], p. 23.

⁸ Saussure, 2006 [1916], p. 21.

⁹ Saussure, 2006 [1916], p. 271.

evoluções no tempo e no espaço. Dessa maneira, ambas acepções servem para estudar uma língua (Coelho *et al.*, 2012; Saussure, 2006 [1916]). Destaca-se que Saussure aponta diferenças entre as formas de investigação e prioriza os estudos sincrônicos, definindo, conseqüentemente, a língua como “uma entidade psíquica de duas faces”¹⁰, a qual compreendemos como pares de unidades que constituem o sistema linguístico.

De acordo com Costa (2010, p. 119, grifo nosso), o signo linguístico:

[...] é formado, por sua vez, de duas partes absolutamente inseparáveis, sendo impossível conceber uma sem a outra, como acontece com as duas faces de uma folha de papel: *significante* e um *significado*. [...] **o significante** consiste numa seqüência de fonemas [...] também chamado de *imagem acústica*, não pode ser confundido com o som material [...] mas pode ser identificado com a impressão psíquica desse som. [...] A outra face do signo, **o significado**, também chamada de *conceito*, representa o sentido que é atribuído ao significante [...].

Os signos podem se combinar; a essa combinação chamamos de relações. As relações sintagmáticas são contrastivas e as relações paradigmáticas são opostas. Essa dicotomia foi importante, por exemplo, na distinção entre a fonética e a fonologia, como apontado por Callou e Leite (2001, p. 11):

A fonética se distingue, pois, da fonologia pelo fato de considerar os sons independentemente de suas oposições paradigmáticas – aquelas cuja presença ou ausência importa em mudança de significação (pala, bala, fala, vala, sala, cala, gala etc.) – e de suas combinações sintagmáticas, ou seja, os seus arranjos e disposições lineares no contínuo sonoro (Roma, amor, mora, ramo etc.).

Para Dubois *et al.* (1975, p. 453), essas oposições “[...] são as relações virtuais existentes entre as diversas unidades da língua que pertencem a uma mesma classe morfossintática e/ou semântica [...]”. Sob esse prisma, “o estruturalismo na linguística foi constituído, portanto, sobre a recusa em levar em consideração o que existe de social na língua” (Calvet, 2002, p. 12); isto significa que Saussure admitiu a língua como um fato social, estabelecida em um grupo, ao inaugurar essa ciência, no entanto, deixou de considerar em parte a influência sobre os fatores externos à língua.

Ao sabor de Alkmim (2007, p. 24), a distinção entre linguística interna e externa foi um divisor de águas para os estudos linguísticos contemporâneos, visto que foram divididas sob o rótulo das muitas interdisciplinas, conhecidas hoje como Sociolinguística, Etnolinguística, Psicolinguística.

Outra teoria que trazemos brevemente é a do Gerativismo, que, nas palavras de Borges Neto (2007) e Kenedy (2010), começou a ser construído em meados do século XX em oposição

¹⁰ Saussure, 2006 [1916], p. 80.

e rejeição ao behaviorismo, tendo como máxima a descrição dos fatos da linguagem e seu principal representante o linguista Noam Chomsky.

O marco dessa teoria é a publicação do livro *Syntactic structures* em 1957. Nesse contexto, o Gerativismo assume a faculdade da linguagem como um dispositivo inato, disposto no cérebro de cada falante. Para entender esse processo, criou-se um paradigma capaz de compreender e explicar o funcionamento da linguagem humana através do sistema abstrato de regras que formam as sentenças gramaticais, afastando-se da gramática tradicional e do modelo estrutural proposto por Saussure (Coelho *et al.*, 2012; Kenedy, 2010).

Citamos como exemplo o modelo nomeado de *Gramática Transformacional*, desenvolvido e reformulado diversas vezes durante as décadas de 1960 e 1970, que objetivou descrever a formação dos constituintes nas sentenças e como esses constituintes se tornavam outros com a aplicação de regras (Kenedy, 2010, p. 131).

Ao mencionar esse modelo, Borges Neto (2007, p. 101) afirma que

Este modelo de análise apresenta dois componentes principais: um que *forma* expressões, e que é uma versão gerativa da gramática de constituintes imediatos, desenvolvida e apresentada, entre outros por Rulon Wells (1947), e outro que *transforma* expressões e que, ao menos em parte, [apoia-se] na noção de ‘transformação’ desenvolvida por Zellig Harris, que foi orientador de Chomsky no doutorado. Além desses dois componentes propriamente sintáticos, há um componente morfofonêmico, que atribui fonológicas ao output do componente transformacional.

Na descrição, o autor apresenta dois componentes da Gramática Transformacional: o primeiro pode ser concebido como uma gramática de constituintes imediatos por formar expressões, apresentado por Rulon Wells em 1947; o segundo, está, em parte, apoiado na noção de transformação que consiste em transformar expressões, este, desenvolvido por Zellig Harris.

A Gramática Transformacional assume, portanto, regras para a realização de tais formas. Tomemos como exemplo a seguinte sentença (Borges Neto, 2007, p. 103):

(5) Pedro viu Maria.

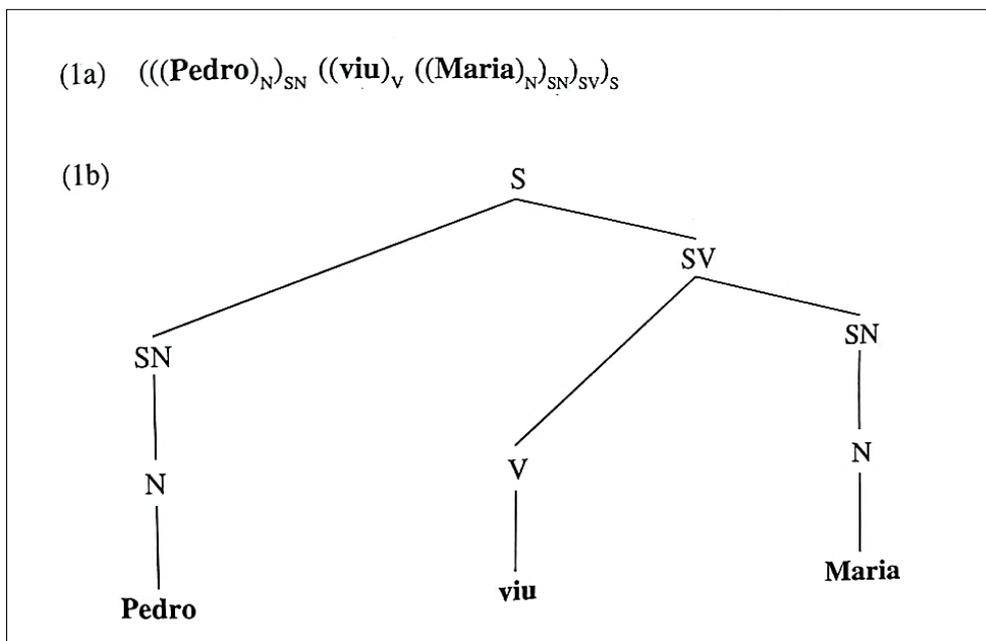
Essa frase analisada a partir do sistema da Gramática Transformacional leva em conta a constituição sintática da sentença pelas categorias sintáticas, considerando os princípios de compor e mover, como na contemporaneidade.

A seguir, tendo como base a sentença proposta por Borges Neto (2007) temos a aplicação de regras, isto é, a reescritura da sentença em:

- a) Sintagma Nominal (SN);
- b) Sintagma Verbal (SV);
- c) Verbo (V); e
- d) Sintagma Nominal (SN).

A Gramática é Gerativa porque geramos uma sentença; é transformacional, porque aplicamos regras de transformação da sentença, atualmente chamada de estrutura de base.

Figura 1 – Representação da sentença “Pedro viu Maria”



Fonte: Borges Neto (2007, p. 103).

O gerativismo contempla a mudança linguística, uma vez que, de acordo com seus pressupostos, o que irá se alterar é o surgimento de uma nova gramática capaz de substituir a precedente. Nesse sentido, para os linguistas gerativistas, o que realmente existem são gramáticas distintas e não uma única que esteja em constante modificação.

Para Cezario e Votre (2010, p. 146),

Como fruto da insatisfação diante dos modelos existentes que afastavam o objeto da linguística da realização da língua e de suas diversas manifestações, vários linguistas procuraram outros caminhos. Um desses caminhos culminou com o surgimento da sociolinguística.

Nos ocupamos em rememorar as correntes linguísticas, porque elas foram basilares para impulsionar os estudos linguísticos, principalmente contribuindo para o surgimento da Sociolinguística. Em consequência disso, a tradição da relação entre língua e sociedade aparece, mesmo que de maneira tímida, em alguns trabalhos em meados do século XX.

Nesta seção, discutimos as contribuições do Estruturalismo e do Gerativismo para a consolidação da linguagem como ciência. O surgimento dessas teorias abriu caminho para a inclusão de estudos linguísticos no âmbito social. Na próxima seção, apresentamos a Sociolinguística Variacionista, que fundamenta nossa pesquisa

2.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Em meio à ascensão dos estudos linguísticos de natureza social no século XX¹¹, descritos na seção anterior, Labov¹² desenvolveu uma metodologia de pesquisa correlacionando aspectos linguísticos e sociais. Essa metodologia critica o Estruturalismo – quanto à distinção entre *langue/parole*, sincronia/diacronia – bem como o Gerativismo por desconsiderar os fatores externos à língua, pela referência aos conceitos de comunidade de fala abstrata e pela utilização de dados de fala na construção da teoria (Coelho *et al.*, 2012).

Labov (2008 [1972]), afirma que a comunidade de fala não é homogênea e a variação linguística é inerente aos indivíduos; para justificar tais assertivas, elabora uma metodologia que fosse capaz de olhar o objeto criteriosamente e relacioná-lo à comunidade de fala, a qual denomina Sociolinguística Variacionista, também chamada de Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM), Sociolinguística Quantitativa ou Sociolinguística Variacionista Laboviana (Cf. Alkmim, 2007; Cezario; Votre, 2010; Coelho *et al.*, 2018; Tarallo, 1986).

A saber, o vocábulo “sociolinguístico” foi registrado pela primeira vez em 1986 pelo *Oxford English Dictionary Supplement* e usado também a princípio pelo linguista Eugene Nida na 2ª edição da obra intitulada *Morphology* em 1949 (Cf. Coulmas, 1998, p. 14). Como disciplina, o termo “sociolinguística” foi publicado pela primeira vez por Thomas C. Hodson no periódico *Man In India*, em 1939, sob o título *Sociolinguistics in Índia (In Man India, XIX, 94)*. O termo foi usado, também, por Martinet em seu prefácio na tese de Weinreich, *Languages*

¹¹ Referimo-nos especificamente a Antoine Meillet ao apontar a linguagem como fato social; destacamos ainda Mikhail Bakhtin com a noção acerca da comunidade social, Marcel Cohen com a relação entre língua e sociedade a partir dos fatores externos à linguagem, Émile Benveniste com a relação entre língua e sociedade na perspectiva do discurso, e a Roman Jakobson com a relação entre linguagem e sociedade no contexto social (Cf. Alkmim, 2007; Calvet, 2002; Camacho, 2007; Cezario; Votre, 2010; Monteiro, 2000).

¹² Nascido em Rutherford, pequena cidade no estado de Nova Jérsei, nos Estados Unidos, em 4 de dezembro de 1927. Aos doze anos, mudou-se para *Fort Lee*, região dialetal inserida na cidade de Nova York. Na universidade de Harvard, estudou inglês e filosofia. Após sair da universidade escreveu sinopses e clichês sobre pesquisas de mercado. Depois trabalhou como químico industrial formulando tintas para serigrafia. Labov descreveu a experiência e constatou: “aprendi no meu trabalho industrial uma firme crença na existência do mundo real” (Labov, 1997, p. 2), experiência esta utilizada ao retornar aos estudos na universidade. Essa breve biografia de William Labov foi escrita de acordo com o texto original *How I got into linguistics, and what I got out of it* (Como entrei na linguística e o que ganhei com isso) (Labov, 1997).

in *Contact* (1935), e Haver Currie numa conferência em 1949 e mais tarde em texto publicado no *Southern Speech Journal* em 1952 (Cf. Coulmas, 1998; Salomão, 2011, p. 187).

Posteriormente, o termo foi fixado em 1964, em um congresso por William Bright a partir de trabalhos organizados e publicados com o título de sociolinguística no ano de 1966 (Alkmim, 2007; Calvet, 2002; Cezario; Votre, 2010).

Segundo Alkmim (2007, p. 28-29), William Bright

Identifica um conjunto de fatores socialmente definidos, com os quais se supõe que a diversidade linguística esteja relacionada como: a) identidade social do emissor ou falante – relevante, por exemplo, no estudo dos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas; b) identidade social do receptor ou ouvinte – relevante, por exemplo, no estudo das formas de tratamento, da *baby talk* (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês); c) o contexto social – relevante, por exemplo, no estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal, existente nas grandes majorias das línguas; d) o julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas.

Ainda em termos de fixação da Sociolinguística, Bright propôs um conjunto de fatores que estão relacionados com a língua e a sociedade. Segundo Monteiro (2000, p. 15), “deve-se a Bright o primeiro esforço no sentido de especificar o conteúdo da sociolinguística [...]”, que finaliza dizendo que o objeto de estudo da Sociolinguística é a “diversidade linguística”. Esses esforços que antecederam e solidificaram a Sociolinguística contribuíram de forma efetiva para a fixação e promoção de novas investigações voltadas para os estudos da língua.

Para a Sociolinguística Variacionista, a língua é heterogênea, no entanto, a presente teoria busca explicar que essa heterogeneidade não ocorre de qualquer maneira, mas de forma organizada e sistematizada.

Conforme WLH (2006 [1968], p. 34):

Uma ‘teoria’ da mudança linguística, no sentido rigoroso, pode ser vista numa forma relativamente forte [...] com base numa descrição de uma língua em algum período, o curso de desenvolvimento que tal língua seguiria dentro de um intervalo específico. [...] numa versão mais modesta, uma teoria da mudança linguística afirmaria simplesmente que toda língua constantemente sofre alteração, e formularia fatores condicionantes sobre a transição de um estado de língua para um estado imediatamente sucessivo [...].

Para elucidar questões sobre a heterogeneidade linguística, WLH (2006 [1968]) apresentam na obra *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, publicada originalmente em 1968, cinco questões-problemas que são próprias dessa teoria, quais sejam: restrição, encaixamento, transição, avaliação e implementação.

No problema de restrição, determina-se o conjunto e condições possíveis em que a mudança linguística pode ou não ocorrer, por exemplo, verifica-se quais são os condicionantes

ou fatores sociais e linguísticos que favorecem a mudança linguística (Cf. WLH (2006 [1968], p. 121).

Conforme Coelho *et al.* (2012, p. 96),

Para estudar as motivações internas, o pesquisador deve fazer um levantamento dos fatores linguísticos que condicionam o uso mais ou menos frequente da nova forma (ou do novo traço) na língua, isto é, das forças estruturais da língua. E para estudar as motivações externas, deve fazer um levantamento dos fatores sociais¹³ e estilísticos que condicionam o uso mais ou menos frequente da nova forma (ou do novo traço) na língua.

Esse levantamento, oriundo da restrição, ou também chamado de fatores condicionantes (externos e internos), é primordial para verificar se a mudança é inerente ao sistema linguístico, além de observar se está encaixada aos condicionadores externos.

No problema de encaixamento, busca-se o encaixamento da mudança linguística, tanto na estrutura social quanto na estrutura linguística. Compreendemos a estrutura social como o conjunto de comportamentos, atitudes e estilos linguísticos usados por determinada comunidade linguística.

Segundo WLH (2006 [1968], p. 123),

[...] variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura. Na explicação da mudança linguística, é possível alegar que os fatores sociais pesam sobre o sistema como um todo; mas a significação social não é equitativamente distribuída por todos os elementos do sistema, nem tampouco, todos os aspectos do sistema são equitativamente marcados por variação regional. No desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social; e nos estágios iniciais e finais de uma mudança, por haver pouca correlação com fatores sociais. Assim, a tarefa do linguista não é tanto demonstrar a motivação social de uma mudança quanto determinar o grau de correlação social que existe e mostrar como ela pesa sobre o sistema linguístico abstrato.

Dessa forma, os linguistas reiteram que não há como afirmarmos os locais que podem ser marcados por variação regional sem, antes, fazermos um estudo linguístico na região. Os autores observaram, a partir de seus estudos, estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social, pois nem sempre o processo de mudança linguística vai estar relacionado com fatores sociais.

Já a estrutura linguística está associada a um sistema linguístico, propriamente dito, e pela organização em abrigar e manter uma língua em pleno funcionamento. Assim, os linguistas destacam que

A estrutura linguística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala [...] Se a teoria da evolução linguística quiser evitar notórios

¹³ Compreendemos os termos “sociais” como características específicas de uma língua falada por diferentes grupos sociais e “estilísticos” como formas alternativas de adaptar-se aos atos de fala.

mistérios dialetais, a estrutura linguística em que os traços mutantes se localizam tem de ser ampliada para além do idioleto [...] A mudança linguística, ela mesma, raramente é um movimento de um sistema inteiro para o outro [...] descobrimos que um conjunto ilimitado de variáveis num sistema altera seus valores modais gradualmente de um polo para o outro [...] (WLH, 2006 [1968], p. 123).

Um exemplo que ilustra bem o problema do encaixamento é o estudo de Labov (2008 [1972]) sobre a centralização da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard, litoral de Massachusetts. Esse estudo objetivou identificar a pronúncia da primeira vogal do ditongo /ay/ em palavras como *right*, *white*, *pride*, *wine* ou *wife* e da primeira vogal do ditongo /aw/ em palavras como *house*, *out* e *doubt*. Labov tenta explicar a variação desses ditongos numa perspectiva de interferência dos fatores sociais, para tanto, relacionou aos fatores idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude dos vineyardenses (Alkmim, 2007; Calvet, 2002).

Em alguns resultados preliminares dessa investigação foram constatados, conforme Labov (2008 [1972]):

As diferenças na altura do primeiro elemento dos ditongos /ay/ e /aw/. [...] Em vez do padrão comum do sudeste da Nova Inglaterra, [ɛI] e [aU], freqüentemente se ouve em Martha's Vineyard [ɛI] e [ɛu], ou até mesmo [əI] e [əU]. Esse aspecto dos ditongos centralizados é saliente para o lingüista, mas não para os falantes; é claramente imune à distorção consciente, já que os vineyardenses nativos não se dão conta dele, nem conseguem controlá-lo conscientemente. No que diz respeito à estrutura, não podemos desprezar o paralelismo estrutural de /ay/ e /aw/: por outro lado, esses ditongos são marcados por grande liberdade estrutural na gama de alofones permitida pelo sistema. Essas são diferenças estritamente subfonêmicas. Uma vez que não existem outros ditongos crescentes com primeiros elementos baixo ou central nesse sistema, não é provável que o alçamento continuado, ou até a posteriorização ou anteriorização, resultasse em confusão com qualquer outro fonema (Labov, 2008 [1972], p. 27).

Podemos observar que os nativos faziam uso da variante conservadora para se diferenciarem dos turistas e para marcarem seus lugares de falantes na ilha. A diferença de pronúncias entre o sudeste na nova Inglaterra e a ilha de Martha's Vineyard refere-se à centralização dos ditongos, uma tendência que ocorreu entre os 69 falantes vineyardenses entrevistados, divididos em 40 informantes da ilha alta e 29 da ilha baixa, sendo pescadores, agricultores, profissionais liberais, donas de casas e estudantes (Labov, 2008 [1972]).

Outro resultado mostrou que a centralização dos ditongos nas ilhas baixa e alta foi realizada pelos pescadores. O fato de a variante conservadora ser mais utilizada na comunidade pode ser explicado pelo encaixamento linguístico, pois o encaixamento na comunidade é uma marca registrada da identidade e da cultura local da ilha. Segundo Labov, os condicionadores que se mostraram mais importantes foram a geração, a ocupação e o grupo étnico, os quais indicam dimensões sociais de uso da língua (Labov, 2008 [1972], p. 57).

O estudo de Labov sobre a estratificação social do /r/ nas lojas de departamento da cidade de Nova York contou com 1% da população da ilha de Martha's Vineyard. Foram realizadas entrevistas precisas com a finalidade de alcance de um número maior de informantes e da variável investigada.

As investigações preliminares determinaram a seguinte variável: “o (r): a presença ou ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica em *car, card, four, fourth* (‘carro’, ‘cartão’, ‘quatro’, ‘quarto’)” (Labov, 2008 [1972], p. 64). A hipótese inicial foi de que existem certos significados na produção de som e diferença no ambiente social onde ocorre o apagamento ou não apagamento do /r/ pós-vocálico. O resultado seria o seguinte: as pessoas que realizassem o mesmo valor de /r/ pertenceriam ao mesmo grupo social de fala, assim, as maiores ocorrências deveriam ser do grupo social da classe alta.

A pesquisa contou com trabalhadores de três lojas: a primeira, Saks (Fifth Av.), de alto prestígio com clientes da classe média alta, a segunda Macy's, considerada intermediária, e a terceira S. Klein, a menos prestigiada. O objetivo era observar o comportamento linguístico e social de alguns trabalhadores. As lojas descritas tinham departamentos em diversos lugares. O método laboviano foi relativamente simples, casual e anônimo, por exemplo:

[...] ‘Por favor, onde ficam os sapatos femininos?’ [...] a resposta geralmente era: ‘Fourth floor’ (‘Quarto andar’). O entrevistador então se inclinava para a frente e dizia: ‘Como?’ Normalmente, ele obtinha outro enunciado: ‘Fourth floor’, pronunciado em estilo monitorado com acento enfatizado. O entrevistador então se movia ao longo da seção da loja até um ponto imediatamente fora da vista do informante e tomava nota por escrito do dado. Foram incluídas as seguintes variáveis independentes: a loja, o andar da loja, sexo, idade (estimada em unidades de cinco anos), cargo (encarregado[a] de seção, vendedor[a], caixa, repositor[a], raça, sotaque estrangeiro ou regional (no caso de haver) [...] (Labov, 2008 [1972], p. 70).

Os resultados dessa investigação revelaram que os funcionários das lojas com maior poder aquisitivo e de maior prestígio econômico usavam a forma linguística conservadora, alterando seu padrão de fala, enquanto os funcionários das lojas em que os clientes tinham menor poder aquisitivo utilizavam uma forma de menor prestígio social em Nova York.

Assim, esse estudo determina parâmetros para lidarmos com fenômenos linguísticos nas estruturas sociais e linguísticas, cuja distribuição deve ser fortemente estratificada, de modo que estabeleçamos uma metodologia consistente para se obter bons dados. Essas considerações reforçam que fatores extralinguísticos estão ligados às variações que acontecem na fala (Calvet, 2002, p. 82).

No problema da transição, as mudanças que ocorrem não são “discretas”, mas graduais, aos poucos certos vocábulos e palavras vão concorrendo entre si até um se sobrepor ao outro.

Nesse sentido, a percepção de mudança linguística, no âmbito social, linguístico e geográfico não é uniforme, embora muitos acreditem. Em cada momento as “direções” são orientadas, ora os “ritmos” aceleram, ora desaceleram (Cf. Faraco, 2005, p. 196). Esse problema empírico tem como propósito a identificação da ocorrência da mudança linguística de um estágio ao outro sem que haja percepção clara entre os falantes de uma mesma localidade.

Conforme Coelho *et al.* (2018, p. 101), “[...] a transferência de uma forma para outra pode ocorrer entre comunidades diferentes e entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes [...]”. Assim, o problema da transição é fundamental para compreendermos como as variantes conservadoras convivem ou são substituídas por variantes inovadoras.

Da mesma forma, WLH (2006 [1968], p. 139) apontam que “a mudança é um tipo de variação linguística com propriedades sociais particulares”, isto é, a mudança vai acontecer desde o momento em que o falante aprender a forma alternativa ou durante o período em que as formas existirem dentro do domínio comunicacional do falante ou quando uma das duas formas não forem mais utilizadas, entretanto, a existência de uma ou mais formas com o mesmo valor de verdade não nos assegura afirmar que houve ou haverá uma mudança.

No problema da avaliação, a atitude social é fator determinante no processo de variação e da mudança linguística, desse modo, esse problema busca investigar como os membros de determinada comunidade linguística avaliam determinada forma linguística que ocorre no mesmo espaço geográfico e quais são os efeitos dessa mudança para seus membros. Todavia, essa avaliação pode levar a atitudes positivas ou negativas diante de uma forma, por exemplo, o fenômeno rotacismo que consiste na troca do R pelo L em encontros consonantais ou em final de sílaba “[...] placa>praca; planta>pranta; talco>tarco; futebol>futebor” (Bagno, 2007, p. 144); nesse caso em específico, de variação no nível fonético-fonológico, a tendência da atitude é que haja estigmatização.

Nos exemplos citados anteriormente, podemos observar que a variação linguística que ora ocorre está relacionada ao nível social, as variantes de prestígio estão relacionadas aos estilos de conversas mais formais e as que sofrem mais estigma estão relacionadas a conversas mais informais. Porém, à medida que uma determinada variável estigmatizada passa a ser utilizada pela classe dominante, o estigma tende a diminuir ou até a desaparecer.

No problema da implementação, objetiva-se verificar como a implementação da mudança linguística está ocorrendo, além de investigar o porquê dessa mudança acontecer em certos contextos e em outros não. Os marcadores dessa implementação são os fatores linguísticos e sociais; por meio de estudos podemos explicar os passos das mudanças ocorridas e os possíveis caminhos que serão seguidos. No entanto, “é provável que todas as explicações

a esse respeito só possam ser fornecidas depois do fato ocorrido, *a posteriori* – quando a mudança é completada [...]” (Coelho *et al.*, 2012, p. 105).

Nesta seção, apresentamos a Sociolinguística Variacionista, teoria que fundamenta nossa pesquisa, destacando como a variação linguística reflete fatores sociais e linguísticos. Exploramos os conceitos essenciais da teoria, exemplificados pelos estudos de Labov sobre ditongos em Martha’s Vineyard e o /r/ em Nova York. Também revisitamos problemas empíricos da teoria e analisamos os fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes. A próxima seção trata de noções sobre variedade, variação, variantes e variáveis.

2.2.1 Conceitos-chave

Com o propósito de ilustrar o processo de variação linguística considerado neste estudo, apresentamos alguns conceitos-chave da Sociolinguística Variacionista. Como discutido na seção anterior, a língua não é homogênea, pelo contrário, “em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação” (Tarallo, 1986, p. 8). Do mesmo modo, pode ser observada a coexistência de variedades em uso, com valores de verdades, utilizadas por diferentes grupos sociais.

Nesse mesmo sentido, Labov (2008 [1972], p. 238) afirma:

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. Há um certo mito popular profundamente arraigado entre os lingüistas de que, antes deles mesmos entrarem em cena, existia um grupo homogêneo, de estilo único, que realmente ‘falava a língua’ [...] Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores lingüísticos fundamentais [...].

Sabemos que a língua é heterogênea, e essa heterogeneidade é inerente ao sistema linguístico e está intimamente ligada aos condicionadores linguísticos e extralinguísticos que exercem pressão e agem sobre a língua.

Entendemos essa **variedade linguística** como sendo o modo de falar que identifica o falante como pertencente a um grupo social, por exemplo, a fala dos informantes que residem em uma zona ribeirinha representa seus moradores e reflete o modo como vivem e se expressam, isto é, “fala característica de determinado grupo” (Coelho *et al.*, 2018, p. 14). Portanto, concordamos com a assertiva de Gnerre (1991, p. 6) ao afirmar que “uma variedade lingüística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes [...]”.

Na perspectiva de Bagno (2007, p. 38), a **variação** pode ser descrita como [...] “a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade”. Ressaltamos a importância de trazer tais conceitos, pois reafirmam o caráter dinâmico de uma língua viva. Em consonância com esse conceito, Coelho *et al.* (2018) apontam que

A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado [...] A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes – o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneiras diferentes, mas sempre se entendendo perfeitamente.

Desse modo, aproveitamos para ilustrar o conceito de variação, por exemplo, a alternância entre as formas *tu* e *você* para a expressão de P2. A partir disso, compreendemos a variação como escolhas disponíveis para uso dos falantes em determinadas situações comunicativas, escolhas estas que refletem o comportamento linguístico.

Destacamos a importância de estabelecermos distinção entre as terminologias empregadas pela Sociolinguística Variacionista para determinar o que são variáveis e variantes linguísticas. De acordo com Coelho *et al.* (2018, p. 17), “[...] **variável** o lugar na gramática em que localizamos variação e as variantes [...]” são formas individuais que se alternam/disputam esse lugar de variação.

Segundo Labov (1972 *apud* Monteiro, 2000, p. 59), para a definição de uma variável linguística, “é necessário definir o número exato de variantes, estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece e elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis” – com esses parâmetros podemos chegar à definição de uma variável linguística.

Trazemos para ilustrar três exemplos adaptados de Bagno (2007, p. 50):

A variável (r) no português brasileiro, em final de palavra (como em CANTAR, FAZER, AMOR), pode apresentar as seguintes variantes: (1) [r] – vibrante simples; (2) [R] – vibrante múltipla; (3) [ɾ] – retroflexa (R CAIPIRA); (4) [h] – aspirada; [ø] – zero (“cantá”, “amô”), entre outras;

A variável (pronome-objeto-direto de 3ª pessoa) pode apresentar as seguintes variantes: (1) pronome oblíquo (comprei o livro, mas o esqueci em casa); pronome reto (Comprei o livro, mas esqueci ele em casa); pronome Nulo (comprei o livro, mas esqueci ø casa);

A variável (transitividade verbal ASSISTIR apresenta duas variantes: (1) transitividade direta (Assisti o filme, e (2) Transitividade indireta: Assisti ao filme.

Os exemplos apresentados podem ser estudados à luz da Sociolinguística Variacionista, pois essa teoria dispõe de ferramentas quantitativas para verificação do estado atual de uma língua e pode descrever o uso de variantes que costumeiramente recebem valores distintos pela

comunidade que as utilizam. Diante das terminologias próprias da teoria laboviana, apresentamos no Quadro 1 conceitos utilizados em nosso estudo, de acordo com Faraco (2008).

Quadro 1 – Termos utilizados para representar a realidade linguística brasileira

| Terminologias | Conceitos |
|-------------------------|---|
| Norma | “[...] é o termo que usamos nos estudos linguísticos, para designar os fatos de línguas usuais, comuns, correntes numa determinada comunidade de fala. [...] designa o conjunto de fatos lingüísticos que caracterizam o modo como normalmente fala as pessoas de uma certa comunidade, incluindo [...] os fenômenos em variação” (p. 42) |
| Norma Culta | “[...] deve ser entendida como designando a norma lingüística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau maior de monitoramento), por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita” (p. 56) |
| Norma-Padrão | “[...] é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização lingüística” (p. 75) |
| Norma Gramatical | “[...] o conjunto de fenômenos apresentados como cultos/comuns/standard pelos gramáticos da segunda metade do século XX [...]” (p. 83) |
| Norma Curta | “[...] um conjunto de preceitos dogmáticos que não encontram respaldo nem nos fatos, nem nos bons instrumentos normativos, mas que sustentam uma nociva cultura do erro e têm impedido um estudo adequado da nossa norma culta/comum/standard” (p. 94). |

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Faraco (2008).

No Quadro 1, visualizamos os termos utilizados para a representação das variedades linguísticas existentes no PB. Como falantes no dia a dia, sempre somos levados a diversas situações em que a fala pode ser mais ou menos monitorada, a depender do contexto situacional. Nesse sentido, entendemos que o conceito de variante padrão está relacionado à forma de prestígio econômico, social e, até mesmo, ao nível de escolaridade, ligado a um projeto político idealizado que postula uma língua prescritiva, visando à segregação. Por outro lado, a variante não padrão é compreendida como uma linguagem utilizada no cotidiano sem restrições ou policiamento linguístico, geralmente excluída do status privilegiado, no entanto, “se for símbolo de identificação de um grupo, adquire um certo prestígio e pode até ser imitada” (Monteiro, 2000, p. 67).

A partir do que foi exposto, percebe-se que a variação não ocorre de maneira aleatória e livre, mas é ordenada por variável dependente e variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas). Coelho *et al.* (2018, p. 20) descrevem esses condicionadores da seguinte maneira:

[...] são os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) ‘rival(is)’. Os condicionamentos ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grupos, em função de serem mais ligados a aspectos *internos* da língua ou *externos* a ela [...].

Os autores destacam a importância do controle “rigoroso” dos condicionadores para controlar em uma pesquisa sociolinguística, porque eles determinam o ambiente linguístico com a maior probabilidade de uso entre duas variantes. Com esses parâmetros, o pesquisador poderá apontar tendências de uso da variante conservadora ou inovadora.

Os condicionadores estão relacionados à estrutura externa e interna da língua. Dentre os condicionadores externos ou sociais uma pesquisa sociolinguística pode controlar, por exemplo: **sexo/gênero, faixa etária, entre outros.**

De acordo com Paiva e Scherre (1999, p. 218),

A variável sexo estabelece fronteira bastante nítida entre homens e mulheres, com as últimas demonstrando maior sensibilidade ao valor simbólico da variação. As mulheres, diferentemente dos homens, fazem mais concordância nominal, usam mais *ir a/para* do que *ir em* e rotacizam menos o [l] dos grupos consonantais. Esse apego do sexo/gênero feminino às variantes linguísticas mais prestigiadas se faz sentir não apenas na produção, mas também na sua atitude em relação à variação, julgando de forma mais rígida o binômio padrão/não padrão.

Trabalhos de natureza sociolinguística como de Paiva e Scherre discutem há mais de uma década a nítida diferenciação entre a fala de homens e mulheres. Os autores chegaram à conclusão de que as mulheres realizam a concordância nominal marcada em relação aos homens. Não é incomum notarmos diferenças na fala entre homens e mulheres. De fato, as mulheres são mais conscientes de seu status social do que os homens, tornando-as mais sensíveis à significação social das variantes, enquanto os homens tendem a utilizar formas mais coloquiais e não se preocupam com o monitoramento linguístico (Cf. Monteiro, 2000; Romaine, 1994; Trudgill, 1975).

Salientamos ainda que devemos considerar o contexto temporal dos termos, pois em uma sociedade em constante transformação política e social, os papéis masculino e feminino estão em constante evolução, tornando necessário considerar o contexto social destes.

Sobre o condicionador grau de escolaridade, Coelho *et al.* (2018, p. 41) concluem:

[...] por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variantes cultas da língua, supõe-se, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como ‘nós vai’ ou ‘a gente vamos’, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem ‘nós vamos’ e ‘a gente vai’.

Os autores trazem uma importante noção de avaliação a qual recai sobre um falante a depender do seu nível de escolaridade, avaliação esta que por sua vez pode ser depreciativa, humilhante, e pode levar ao preconceito linguístico.

O condicionante **faixa etária** mostrou-se relevante também nas pesquisas relacionadas à variação pronominal. Estudo realizado por Paiva e Scherre (1999, p. 218)

[...] forneceu índices para hipotetizar alguns processos de mudança em curso no português falado no Rio de Janeiro. Assim, a forma **a gente**, segundo a distribuição de estatísticas por faixas etárias, tende a se espriar e a se implementar no sistema. [...] Além disso, um padrão nítido de distribuição de variantes lingüísticas pode ser constatado a partir da variável idade: os falantes mais jovens se mostram menos compromissados com a correção lingüística, valendo-se, em maior grau, das variantes menos prestigiadas.

Não somente em estudos sobre a forma pronominal esse condicionante se mostrou relevante, mas também em outras pesquisas de natureza sociolinguística. Desse modo, entendemos que o comportamento linguístico do falante se difere de acordo com a idade, isto é, as crianças falam de forma diferente dos jovens, os jovens falam de forma diferente dos adultos e, conseqüentemente, os adultos falam de forma diferente dos idosos.

Por último, mas não menos importante, a seleção das variáveis linguísticas também desempenha papel fundamental na descrição linguística e elas podem ser analisadas sob os mais variados níveis linguísticos, desde o lexical, fonológico, morfofonológico, morfológico, morfossintático, sintático até o discursivo, e acrescentamos a essa lista o nível pragmático (Coelho *et al.*, 2018, p. 23). A Sociolinguística Variacionista fornece o suporte necessário para descrever e analisar os fenômenos linguísticos, especialmente nesta pesquisa, que se concentra na variação morfossintática na expressão pronominal de P4, representada pelas variantes *nós* e *a gente*.

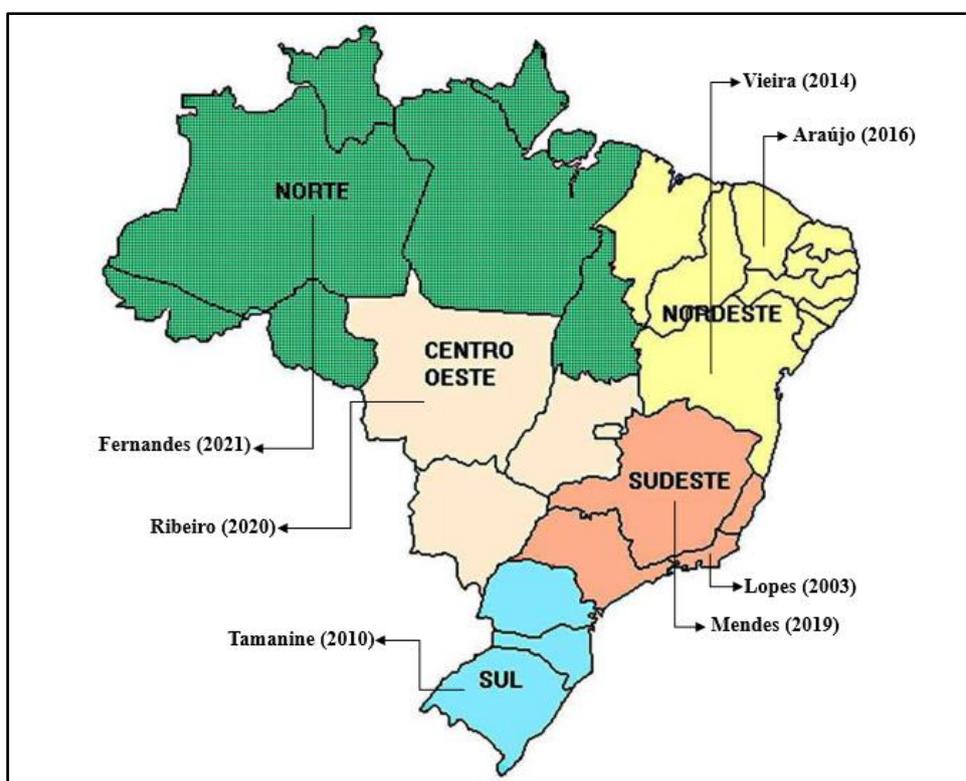
Nesta seção, abordamos os conceitos-chave da Sociolinguística, como variedade, variação, variáveis e variantes. Também distinguimos as terminologias Norma Culta, Norma-Padrão e outras, para facilitar a compreensão das variantes do português brasileiro. Em seguida, apresentamos os grupos de fatores extralinguísticos e linguísticos relevantes para pesquisas sociolinguísticas. Na próxima seção, discutimos a literatura sobre variação pronominal em P4.

2.3 REVISÃO DA LITERATURA

2.3.1 Variação entre as formas *nós/a gente* no Brasil

Nesta seção, trazemos estudos que abordam a variação na primeira pessoa do plural em diversas regiões do Brasil, com o objetivo de traçar um perfil das mudanças pelas quais esse fenômeno tem passado. Realizamos um recorte, em decorrência de encontrarmos muitos estudos, conforme ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Estudos sobre *nós/a gente* no Brasil



Fonte: Adaptado pelo autor de Pinterest (2022).

Para fins de análise comparativa, que será apresentada a partir do Quadro 2, foram resenhadas dissertações, teses e um artigo que abordam as variantes *nós* e *a gente*, organizados cronologicamente, do mais antigo ao mais recente. Destacamos título, autor, ano, teoria, localidade, *corpus*, resultados gerais, condicionadores linguísticos e condicionadores extralinguísticos, com exceção da resenha de Lopes (2003), de que destacamos somente a pronominalização da variante inovadora *a gente*. Apresentamos em resumo no Quadro 2.

Quadro 2 – Estudo da região Sul do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural

| REGIÃO SUL DO BRASIL | |
|-------------------------------------|--|
| Título da tese | CURITIBA DA GENTE: UM ESTUDO SOBRE A VARIÇÃO PRONOMINAL NÓS/A GENTE E A GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE NA CIDADE DE CURITIBA |
| Autor e ano | Tamanine (2010) |
| Teoria adotada | Gramaticalização e Teoria Variacionista |
| Localidade | Curitiba – Paraná |
| Corpus | 32 inquéritos do Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (VARSUL), faixa etária (25 a 49 e + de 50), escolaridade ensino fundamental II, médio e superior. |
| Resultados gerais | Do total de 2.084 ocorrências, 1.130 (54%) <i>a gente</i> e 954 (46%) <i>nós</i> , ambas em função de sujeitos expressos e nulos. |
| CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS | |
| Tonicidade | A variante <i>a gente</i> foi favorecida com monossílabos tônicos e átonos (97%) (PR 97). A variante <i>nós</i> com paroxítonas. |
| Tempo verbal | <i>A gente</i> é favorecido no gerúndio (92%) , pretérito imperfeito do subjuntivo (71%), pretérito imperfeito do indicativo (54%) e presente do indicativo (56%). |
| Tipo de verbo: Perífrases | <i>A gente</i> é favorecido com: <i>ir+NDO (82%) (PR 0,90)</i> , <i>Ter que+R (68%) (PR 0,66)</i> ; <i>Nós</i> com: <i>ir+R (81%)</i> , <i>estar+NDO (87%)</i> . |
| Verbos plenos | <i>A gente</i> é favorecido com os verbos: <i>Saber (97%) (PR 0,96)</i> , <i>outros verbos (63%) (PR 0,67)</i> , <i>Ver (86%) (PR 0,58)</i> ; <i>Nós</i> com os verbos: <i>Ter, Ser e Estar</i> . |
| Tipo de texto | A variante <i>a gente</i> é favorecida em textos do gênero <i>dissertativo (68%) (PR 0,58)</i> e <i>narrativos (51%) (PR 0,51)</i> ; A variante <i>nós</i> é favorecida na <i>descrição</i> . |
| Determinação | <i>A gente</i> é favorecido quando o <i>referente é indeterminado (62%) (PR 0,60)</i> ; <i>Nós</i> quando o <i>referente é determinado</i> . |

| | |
|--|---|
| Discurso reportado | A <i>gente</i> foi favorecido quando o <i>discurso é reportado</i> (55%) (PR 0,51). |
| CONDICIONADORES EXTRALINGUÍSTICOS | |
| Faixa etária | A variante <i>a gente</i> foi favorecida entre os mais <i>jovens</i> (70%) (PR 0,70); <i>Nós</i> entre os mais <i>velhos</i> . |
| Sexo/gênero | A variante <i>inovadora</i> foi favorecida entre <i>as mulheres</i> (58%) (PR 0,55); |
| Escolaridade | A variante <i>a gente</i> foi favorecida no ensino <i>fundamental II</i> (63%) (PR 0,57) e no <i>ensino superior</i> (46%) (PR 0,49). |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na região Sul do Brasil, Tamanine (2010) descreveu a variação entre as formas *nós/a gente*. A pesquisa foi realizada na cidade de Curitiba (Paraná) e o *corpus* utilizado faz parte do Projeto Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (VARISUL). No total foram selecionadas 32 entrevistas, a partir dos critérios: escolaridade EF I, I e ES¹⁴, faixa etária de 25 a 49 e + de 50 anos, sexo/gênero masculino e feminino. Os resultados (Cf. Quadro 2) apontam elevado favorecimento da variante *a gente* (54%) em comparação com variante *nós* (46%) ambos na função de sujeito. Os condicionadores linguísticos selecionados pelo programa estatístico foram: tonicidade, tempo verbal, tipo de verbo, tipo de texto, determinação e discurso reportado. Os condicionadores extralinguísticos foram: faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

No Quadro 3, verifica-se o primeiro estudo referente à região Nordeste.

Quadro 3 – Estudo da região Nordeste do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural

| | |
|----------------------------------|--|
| REGIÃO NORDESTE DO BRASIL | |
| Título da Dissertação | NÓS E A GENTE: UM ESTUDO SOBRE A SINTAXE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO |
| Autor e ano | Vieira (2014) |
| Teoria adotada | Gerativismo e variação linguística |
| Localidade | Vitória da Conquista – Bahia |

¹⁴ Leia-se Ensino Fundamental I e II, e Ensino Superior.

| | |
|-------------------------------------|---|
| Corpus | 12 inquiridos do banco de dados do Grupo de Pesquisa em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (GPEL/UESB). Sexo/gênero masculino e feminino, escolarizados e não escolarizados, faixa etária (até 30, 31 a 49 e acima de 50 anos). |
| Resultados gerais | Das 740 ocorrências, a variante <i>a gente</i> foi favorecida com 67% na função sujeito e em outras funções sintáticas; a variante <i>nós</i> com 30% na função de sujeito expresse, e ambas as formas com 3% com o sujeito nulo. |
| CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS | |
| Explicitude do Sujeito | <i>A gente</i> foi favorecido com <i>sujeito expresse</i> (69%), <i>sujeito nulo</i> (48%); <i>Nós</i> com 31% de <i>sujeito expresse</i> e 18% <i>nulo</i> . |
| Tipo de verbo | <i>A gente</i> foi favorecido com verbos no <i>acusativo</i> (69,1%), verbos transitivos com complementos oblíquos (70,8%) , seguido de <i>nós</i> com 27,7% e 27,9%, respectivamente. |
| Tipo de predicado | Predicados simples: <i>a gente</i> (64,8%) , <i>nós</i> (31,8%). Predicados complexos: <i>a gente</i> (68,80%) , <i>nós</i> (27,9%). Outros predicados (Ter que+verbo no infinitivo): <i>A gente</i> (96,2%) , <i>nós</i> (3,8%). |
| Tempo Verbal | Presente: <i>a gente</i> (73,6%) , <i>nós</i> (25%). Pretérito Perfeito do indicativo: <i>nós</i> (61%) , <i>a gente</i> (17%). Pretérito Imperfeito: <i>a gente</i> (60,2%) , <i>nós</i> (39,8%). Formas nominais (infinitivo pessoal e gerúndio com ausência de auxiliares): <i>a gente</i> (90,2%) , <i>nós</i> (9,8%). |
| Modo Verbal | Indicativo: <i>a gente</i> (64,6%) , <i>nós</i> (32%). Infinitivo: <i>a gente</i> (90,6%) , <i>nós</i> (10%). Subjuntivo: <i>a gente</i> (66,7%) , <i>nós</i> (33,3%). Gerúndio: <i>a gente</i> (100%) , <i>nós</i> (0,0%). |
| Flexão Verbal | <i>A gente</i> com expressão de P3 e P4, sujeitos explícito e implícito (66,8%) . <i>Nós</i> com expressão de P3, P4 e P6, sujeitos explícito e implícito (30,2%). <i>Nós/A gente</i> nulos (3%). |
| Saliência fônica | Esdrúxula: <i>a gente</i> (60,7%) , <i>nós</i> (39,3%). Mínima: <i>a gente</i> (77,8%) , <i>nós</i> (21,3%). Média: <i>a gente</i> (48,7%) , <i>nós</i> (39,3%). Máxima: <i>nós</i> (65,4%) , <i>a gente</i> (30,8%). |
| Controle do referente | Específico e definido (misto): <i>a gente</i> (50,3%) , <i>nós</i> (43,5%). Genérico e indefinido: <i>a gente</i> (85,7%) , <i>nós</i> (13,7%). |

| | |
|--|---|
| | Genérico e definido: <i>a gente</i> (65,9%), <i>nós</i> (34,1%). Específico e definido (homens): <i>a gente</i> (71,1%), <i>nós</i> (27,7%). Específico e definido (mulheres): <i>a gente</i> (67,9%), <i>nós</i> (17,9%). |
| CONDICIONADORES EXTRALINGUÍSTICOS | |
| Sexo/gênero | A variante inovadora foi favorecida entre as mulheres; embora os homens a utilizem, as mulheres fazem elevado uso de <i>a gente</i> . |
| Faixa etária | A variante <i>inovadora</i> foi favorecida entre os informantes das três faixas etárias da pesquisa, com 100% até 30 anos, 48,8% de 31 a 49 anos, e 63,6% com mais de 50 anos. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Vieira (2014) descreveu a variação entre as formas *nós* e *a gente* com o objetivo de verificar se a variação era estável ou configurava um processo de mudança linguística. No total (Cf. Quadro 3). foram identificadas 740 ocorrências da variante *a gente* (67%) na função de sujeito e em outras funções sintáticas; a variante *nós* (30%) na função de sujeito expresso e ambas as formas com (3%) com o sujeito expresso. A pesquisa foi realizada na cidade de Vitória da Conquista, no estado da Bahia, com 12 informantes. O *corpus* utilizado parte do banco de dados da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Os condicionadores linguísticos controlados foram: explicitude do sujeito, tipo de verbo, tipo de predicado, tempo verbal, modo verbal, flexão verbal, saliência fônica e referência do sujeito. Os condicionadores extralinguísticos controlados foram: sexo/gênero e faixa etária. Um dos resultados do estudo aponta que as formas coexistem em um mesmo campo linguístico e que fatores linguísticos e extralinguísticos podem favorecer o uso de uma ou de outra.

No Quadro 4, o segundo estudo refere-se à região Nordeste.

Quadro 4 – Estudo da região Nordeste do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural

| | |
|----------------------------------|---|
| REGIÃO NORDESTE DO BRASIL | |
| Título da dissertação | QUE A GENTE USA MAIS O NÓS? UMA FOTOGRAFIA SOCIOLINGUÍSTICA DO FALAR POPULAR DE FORTALEZA |
| Autor e ano | Araújo (2016) |
| Teoria adotada | Variação e Mudança Linguística |

| | |
|---|--|
| Localidade | Fortaleza – Ceará |
| Corpus | 53 inquéritos do banco de dados do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), divididos por sexo masculino e feminino, faixas etárias de 15 a 25, 26 a 49 e mais de 50 anos, escolaridades ensino fundamental I, II e ensino médio. |
| Resultados gerais | Do total de 1.262 ocorrências, 846 (67,7%) <i>a gente</i> e 416 (33%) <i>nós</i> . O autor excluiu alguns grupos de fatores e restaram 1.092 casos, sendo 716 (65,6%) <i>a gente</i> e 376 (34,4%) nós . |
| CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS | |
| Preenchimento do sujeito | <i>A gente</i> foi favorecido (70,1%) (PR 0,575). O pronome nulo inibe a aplicação da regra (6,4% e 0,020). |
| Tipo de verbo | <i>A gente</i> é favorecido com verbos <i>dicendi</i> (89,5%) (PR 0,939), epistêmico (75,5%) (PR 0,600), de ação (66,3%) (PR 0,531). <i>Nós</i> com verbos <i>ter</i> (71,6%) (PR 0,464) e de estado (50,6%) (PR 0,280). |
| Função sintática | <i>A gente</i> foi favorecido na <i>função de sujeito</i> (65,8%) (PR 0,535) e <i>adjuntos</i> (94,4%) (PR 0,722). |
| Referência do pronome | <i>A gente</i> é favorecido com <i>referente genérico</i> (72,6%) (PR 0,656); <i>Nós</i> quando <i>o referente é específico</i> . |
| Simetria entre os interlocutores | <i>A gente</i> é favorecido: interlocutores <i>muito simétricos</i> (70,6%) (PR 0,549); parcialmente assimétricos (57,9%) (PR 0,530). <i>Nós</i> é favorecido: totalmente assimétricos e parcialmente simétricos . |
| Posição do pronome em relação ao verbo | <i>A gente</i> é expressamente favorecido depois do verbo (70,5%) (PR 0,761); em contextos pré-verbais, a aplicação de <i>a gente</i> é inibida (64,9%) (PR 0,464), favorecendo a variante nós . |
| Tempo verbal | <i>A gente</i> é favorecido no pretérito imperfeito do indicativo (68,5%) (PR 0,541), presente do indicativo (65,9%) (PR 0,507); <i>Nós</i> é favorecido no pretérito perfeito do indicativo (57,6%) (PR 0,382). |
| CONDICIONADORES EXTRALINGUÍSTICOS | |
| Escolaridade | Alta: <i>a gente</i> (67,6%) (PR 0,564). Média: <i>nós</i> (41,1%) (PR 0,411). baixa: <i>nós</i> (70,2%) (PR 0,497). |

| | |
|---------------------|--|
| Faixa-etária | A gente: jovens de 15 a 25 anos (78%) (PR 0,681). Nós: 26 a 49 anos (57,8%) (PR 0,357). Nós: mais de 50 (63,7%) (PR 0,492). |
|---------------------|--|

Fonte: Elaborado pelo autor.

Araújo (2016) analisou as ocorrências de variação entre as formas pronominais *nós* e *a gente* na cidade de Fortaleza, Ceará. O autor realizou uma análise comparativa entre as diferentes faixas etárias, com as pesquisas de Menon (1994, 1995, 2003) e Tamanine (2002, 2010). Das 1.092 ocorrências, 716 (65,6%) de *a gente* e 376 (34,4%) de *nós*. O *corpus* utilizado faz parte do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) da Universidade Federal do Ceará (UFCE). Os 53 informantes dos 69 bairros, foram distribuídos nas 7 regiões de Fortaleza, divididos por sexo masculino e feminino, faixa etária de 15 a 25, 26 a 49 e mais de 50 anos, escolaridades ensino fundamental I, II e ensino médio. Os condicionadores linguísticos selecionados pelo programa foram: preenchimento do sujeito, tipo de verbo, função sintática, referência, simetria entre os interlocutores, posição do pronome em relação ao verbo e tempo verbal. Os condicionadores extralinguísticos foram: escolaridade e faixa etária.

No Quadro 5 apresentamos o estudo referente à região Sudeste.

Quadro 5 – Estudo da região Sudeste do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural

| REGIÃO SUDESTE DO BRASIL | |
|-------------------------------------|---|
| Título da tese | VARIAÇÃO NÓS/A GENTE: IMPLEMENTAÇÃO DA FORMA INOVADORA EM DIFERENTES COMUNIDADES DE FALA EM MINAS GERAIS |
| Autor e ano | Mendes (2019) |
| Teoria adotada | Variação e Mudança Linguística e Gramaticalização |
| Localidade | Belo Horizonte – Minas Gerais |
| Corpus | 24 inquéritos do banco de dados Variação Fonético-Fonológica em Minas Gerais (VarFon-Minas) das cidades de Itaúna, Machacalis e Piranga, divididos por sexo/gênero masculino e feminino, faixa etária de 15 a 24 – 30 a 60 anos, ensino médio completo. |
| Resultados gerais | A variante <i>a gente</i> é favorecida nas três cidades, a saber, Itaúna, Piranga e Machacalis, na função de sujeito. |
| CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS | |

| | |
|--|---|
| Função sujeito – determinado | Favorecimento de <i>a gente</i> em Itaúna e Piranga. Favorecimento de <i>nós</i> em Machacalis. |
| Função sujeito – indeterminado | <i>A gente</i> foi favorecido nas três cidades pesquisadas. |
| Função de objeto sem preposição – determinado | <i>A gente</i> foi favorecido nas três cidades pesquisadas. |
| Função de objeto sem preposição – indeterminado | Favorecimento de <i>a gente</i> apenas em Itaúna. Favorecimento de <i>Nós</i> em Piranga e Machacalis. |
| Função de objeto com preposição - determinado | Favorecimento de <i>a gente</i> apenas em Piranga. Favorecimento de <i>nós</i> em Itaúna e Machacalis. |
| Função de objeto com preposição – indeterminado | Favorecimento de <i>a gente</i> nas três cidades. |
| CONDICIONADORES EXTRALINGUÍSTICOS | |
| Sexo/gênero | <i>As mulheres</i> usam com maior frequência a forma inovadora , embora em Machacalis o uso seja próximo da variante conservadora. |
| Faixa etária | <i>Os jovens</i> utilizam mais a variante <i>a gente</i> que a variante <i>nós</i> nas três cidades pesquisadas. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na região Sudeste do Brasil, Mendes (2019) investigou no sistema pronominal brasileiro a variação das formas de primeira pessoa do plural nós/a gente nas cidades de Itaúna, Machacalis e Piranga, regiões localizadas no estado de Minas Gerais a partir da Sociolinguística Variacionista e da Gramaticalização. O *corpus* utilizado contou com 24 informantes, divididos por sexo/gênero masculino e feminino, escolaridade completa, nível médio e faixa etária 15 a 24 e de 30 a 60 anos. Os condicionadores linguísticos controlados foram: função sujeito determinado e indeterminado, objeto direto determinado e indeterminado e objeto indireto determinado e indeterminado. Os condicionadores extralinguísticos foram: sexo/gênero e faixa etária. A autora tratou o objeto de pesquisa como um processo de mudança linguística e de gramaticalização, baseando-se, principalmente, nas propostas de Labov (2008 [1972]) e em Hopper e Traugott (2003). Além dessas perspectivas, a autora fez ainda a revisão dos conceitos de redes sociais, seguindo as ideias de Milroy (1987). Os resultados alcançados por Mendes (2019), de modo geral, apontam que a forma *a gente* com significado indeterminado está sendo implementado mais rapidamente do que com significado determinado nas 3 cidades pesquisadas.

No Quadro 6 apresentamos o estudo referente à região Centro-Oeste.

Quadro 6 – Estudo da região Centro-Oeste do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural

| REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL | |
|--|---|
| Título da dissertação | VARIAÇÃO PRONOMINAL DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL: NÓS E A GENTE NA CIDADE DE GOIÁS |
| Autor e ano | Ribeiro (2020) |
| Teoria adotada | Sociolinguística Variacionista |
| Localidade | Cidade de Goiás |
| Corpus | 24 inquéritos do banco de dados do Projeto Fala Goiana – Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG) e amostra complementar. |
| Resultados gerais | Das 1.563 ocorrências na função de sujeito, 53,5% de <i>nós</i> e 46,5% de <i>a gente</i> |
| CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS | |
| Tipo de sujeito | Sujeito explícito <i>nós</i> 48,4%, <i>a gente</i> 43,4%. Sujeito implícito <i>nós</i> 5,1%, <i>a gente</i> 3,1%. |
| Referência do sujeito | <i>A gente</i> quando o referente é genérico 68,9% (PR 0,674) . <i>Nós</i> é quando o referente é específico 58,3% (PR 0,539). |
| Tempo verbal | <i>A gente</i> no presente do indicativo 67,9% (PR 0,696) . <i>Nós</i> no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo 66,9% (PR 0,634) . |
| CONDICIONADORES EXTRALINGUÍSTICOS | |
| Sexo/gênero | As mulheres favorecem o uso de <i>a gente</i> . Os homens favorecem o uso de <i>nós</i> . |
| Faixa etária | De 25 a 42 anos favorecem o uso de <i>a gente</i> 72% . De 45 a 60 anos favorecem o uso de <i>nós</i> 63%. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na região Centro-Oeste do Brasil, Ribeiro (2020) descreveu a variação pronominal de *nós/a gente* na cidade de Goiás na função de sujeito. Os *corpora* utilizados contaram com 24 inquéritos, sendo 12 do banco de dados do Projeto Fala Goiana – Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás (GEF/UFG) e 12 de amostra complementar.

Os resultados gerais apontam que a variante conservadora teve favorecimento na amostra (53,5%) e a variante conservadora (46,5%). Os condicionadores linguísticos controlados foram: tipo de sujeito, referência de sujeito e tempo verbal. Os condicionadores extralinguísticos foram: sexo/gênero e faixa etária.

No Quadro 7 apresentamos o estudo referente à região Norte do Brasil.

Quadro 7 – Estudo da região Norte do Brasil sobre variação na 1ª pessoa do plural

| REGIÃO NORTE DO BRASIL | |
|--|---|
| Título da dissertação | A VARIAÇÃO DO SUJEITO NÓS E A GENTE NA FALA BENJAMIN CONSTANTENSE |
| Autor e ano | Fernandes (2021) |
| Teoria adotada | Variação e Mudança Linguística |
| Localidade | Benjamin Constant – Amazonas |
| Corpus | 11 inquéritos coletados de pesquisa, distribuídos por sexo/gênero masculino e feminino, faixa etária de 18- 30, 31-50 e 51-65 anos, com ensino fundamental I, II e médio. |
| Resultados gerais | Ao todo foram 275 ocorrências, sendo 235 a gente e 40 nós , na função de sujeito. |
| CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS | |
| Paralelismo formal | Primeiro da série: <i>nós</i> 14% (PR 0,75). Realização isolada: <i>nós</i> 25% (PR 0,77). Antecedido: a gente/a gente 99% (PR 0,84). Antecedido: nós/nós 89% (PR 0,99). |
| CONDICIONADORES EXTRALINGUÍSTICOS | |
| Sexo/gênero | As mulheres favoreceram o uso de a gente 90% (PR 0,58). Os homens favoreceram o uso de <i>nós</i> 29% (PR 0,74). |
| Escolaridade | A variante a gente no ensino médio: 99% (PR 0,96). A variante <i>nós</i> no ens. fundamental I: 32% (PR 0,95). A variante <i>nós</i> no ens. fundamental II: 17% (PR 0,80). |
| Faixa etária | A <i>gente</i> entre 51 e 65 anos 94% (PR 0,70). <i>Nós</i> entre 18 e 30 anos 19% (PR 0,85). |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na região Norte do Brasil, Fernandes (2021) descreveu a variação entre as formas *nós* e *a gente* na cidade de Benjamin Constant, interior do Amazonas. O *corpus* utilizado foi oriundo

de pesquisa de campo e contou com 11 inquéritos, distribuídos por sexo/gênero masculino e feminino, faixa etária de 18-30, 31-50, e 51-65 anos, com ensino fundamental I, II e médio. Os resultados apontaram favorecimento à variante de *a gente* 235 (85%) e apenas 40 (17%) da variante *nós*, em função de sujeito. O condicionador linguístico selecionado pelo programa estatístico foi o paralelismo formal e os condicionadores extralinguísticos foram os seguintes: sexo/gênero, escolaridade e faixa etária.

Considerando os trabalhos descritos, podemos afirmar que a expressão pronominal de P4 é objeto de estudo nas regiões Sul, Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste e Norte do Brasil, o que configura um cenário de crescente estudo e descrição das variantes *nós* e *a gente* em todo o país. Entre os condicionadores linguísticos mais investigados nas pesquisas estão, em ordem decrescente: preenchimento do sujeito, referência do sujeito, tempo verbal, tipo de verbo e função sintática. Os condicionadores extralinguísticos são faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

Destaca-se que a maioria das pesquisas estuda as variantes em função de sujeito e que o condicionador linguístico *tipo de referente* se mostrou fortemente atuante para o uso de *a gente* (fator genérico) e, quanto aos extralinguísticos, o sexo/gênero e a faixa etária. As mulheres e os mais jovens utilizam com mais frequência a variante *a gente*.

Além dos trabalhos mencionados, Lopes (2003) também trata da inserção de *a gente* no quadro pronominal brasileiro, e afirmou que historicamente

O substantivo *gente* origina-se do substantivo latino *gēns, gēntis*: ‘raça’, ‘família’, ‘tribo’, ‘o povo de um país, comarca ou cidade’. Meyer-Lübke (1935), no verbete 3.735, *gens*, – ãnte faz referência a *homo gentis* (pessoa da família). Em Corominas (1980), encontram-se abonações desde o século XIII até o século XV, havendo predomínio do uso plural (*las yentes*) no espanhol (Lopes, 2003, p. 9).

A autora propôs identificar e mostrar as causas das mudanças discursivo-pragmáticas e sintático-semânticas ocorridas no sistema pronominal do Brasil, processo conhecido como pronominalização ou gramaticalização, levada pela necessidade de descrever a história da língua portuguesa, que determinou que *a gente* fosse um indicador de 1ª pessoa.

A partir do Funcionalismo, do Gerativismo e da TVM, Lopes (2003) realizou um levantamento histórico-bibliográfico de fatores internos e externos à língua para explicar o processo de gramaticalização do substantivo *a gente*. Para realizar tal análise, a pesquisadora utilizou-se de um *corpus* de entrevistas que está na base do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) do Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 e 1990. Os dados foram cruzados e deu-se atenção especial ao comportamento dos indivíduos e da comunidade de fala.

Consequentemente, Lopes (2003) utilizou recursos teóricos diversificados e amostras tanto da língua escrita quanto da língua falada. No que se refere à análise em tempo real de longa duração, foram selecionados textos escritos que correspondem a 700 anos, sendo esses escritos divididos em dois grupos: do século XIII ao século XVI e do século XIII ao século XX. Os textos foram organizados a partir dos critérios de Mattos e Silva e Lucchesi de acordo com o Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), dessa maneira, os textos previamente selecionados deveriam contemplar

(1) ‘edições filologicamente confiáveis’ para que as análises diacrônicas produzidas, com base na amostra proposta, ‘não venham a ser comprometidas pela falta de rigor na constituição de sua base empírica’ (Mattos e Silva & Lucchesi, 1993:5); (2) a representatividade da documentação relativa ao período histórico abrangido tendo em vista um criterioso ‘seriamento cronológico dos textos’. O intuito maior é ‘fixar um acervo mínimo necessário para a análise dos processos lingüísticos situados nesse lapso de tempo’ sem, é óbvio, ter a pretensão de ‘esgotar toda a documentação remanescente desse período da língua’; (3) a diversidade dos tipos de textos disponíveis (documentação poética, documentação em prosa literária, cartas pessoais, cartas oficiais, peças teatrais, etc.) para que, ‘através da diversidade de registros, se possa entrever a variação sociocultural que condiciona os usos lingüísticos’ (Lopes, 2003, p. 41).

Diversos exemplos da forma *a gente* em textos históricos podem ocorrer com substantivos, concordância semântica no português arcaico e concordância com o plural (Lopes, 2003, p. 9-10). Vejamos alguns exemplos:

- (6) Se esta gente... Não queres que padeçam vituperio... (Séc. XVI, *Lusíadas*, I, 38, 3-5).
- (7) a gente da terra perdem suas casas e suas roupas e non as querem mais recobrar... (Séc. XV, Livro da Cartuxa, Dias 1982:45).
- (8) E por jsto disse Salamom: hi há huã caminho que aos homens parece bemdereito, mês na fim leuaos ao Inferno, ca muytas hi há de gentes de que he dauer doo, que cujdam estar em camjnho de saude, e som auyados a perdiçon. (Séc. XIV, Do “Castello perigoso”, Vasconcelos, 1959:50).

Nos exemplos 6 e 7 a concordância realizada é semântica, isto é, quando o sujeito está no singular, no entanto, com significado de plural ou coletivo, o que faz o predicado ser pluralizado. No exemplo 8 a concordância é realizada com o gênero, pois o termo *gentes* se liga de certa forma ao sentido de *homens*.

Não é fácil realizar uma catalogação de textos quer sejam orais, quer sejam escritos antigos, já que muitos são rasurados, perdidos e queimados. Pontuamos a seriedade da pesquisadora na seleção dos textos e dos critérios adotados, visto que se trata de textos com grande valor histórico.

Os textos selecionados pertencentes ao 1º grupo referem-se ao português arcaico. A autora utiliza para “estabelecer uma relação entre o desaparecimento do uso de homem como pronome indefinido no português arcaico e a emergência da pronominalização do substantivo gente [...]” (Lopes, 2003, p. 41). A partir da análise realizada nos textos antigos, o uso do vocábulo *homem* vai perdendo espaço para a forma pronominalizada *a gente*, que passa a ocupar mais espaço.

De acordo com Lopes (2003), a transição de *homem* (nome) para *a gente* (pronome) pode não ser vista como um tipo de gramaticalização em se tratando de itens lexicais, pois o substantivo latino *homo* assumiu a categoria de pronome indefinido em diversas línguas românicas e em outras pronome pessoal. Por termos consciência da divergência da origem de tal termo, procuramos não trazer essa discussão à tona, mas considerá-lo como um substantivo latino.

Conforme resultados, o vocábulo *homem* foi mais produtivo no período de XIII a XVI, sobre o qual Lopes (2003, p. 11) destaca:

Têm de comum estes dois pronomes [Homem – uso comum no português primitivo até o séc. XVI e a gente – usado principalmente na linguagem da atualidade] o mostrarem visivelmente que se originaram cada qual de um substantivo; ou melhor, são nomes que assumem caráter pronominal quando usados, não já na acepção própria, mas para indicar agente vago e indeterminado.

Já nos textos pertencentes ao 2º grupo, a autora analisou por uma perspectiva cronológica e temporal de *a gente*>*gente* levando em conta contrastes entre textos escritos por brasileiros e não brasileiros. Tais fatores procuravam verificar:

1. em que período histórico (século) a gramaticalização de *a gente* se inicia; 2. se o *a gente* pronominal se configura com maior ou menor intensidade de uso nos territórios para onde o português foi transplantado; 3. se o emprego de formas pronominais e de tratamento no português europeu é mais conservador que no português do Brasil (Lopes, 1993, p. 43).

Outro recurso utilizado pela autora foi os *corpora* sonoro do Projeto NURC-RJ referente às décadas de 1970 e 1990. A pesquisadora se deteve em verificar como se comportavam os falantes e a comunidade na qual estavam inseridos e organizou o *corpus* em três segmentos, conforme o Quadro 8, adiante.

Quadro 8 – *Corpus* organizado por Lopes (2003)

| Segmentos | Detalhamento | Período |
|-----------|--|--------------|
| 1º | 10 inquiridos, 10 informantes, 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, faixas etárias de 25-35/36-55/56 em diante. | década de 70 |

| | | |
|----|--|---------------------------|
| 2º | 10 inquéritos, 10 informantes, 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, faixas etárias de 25-35/36-55/56 em diante. | década de 90 recontato |
| 3º | 8 informantes, 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino, faixas etárias de 25-35/36-55/56 em diante. | 1992 a 1996 |

Fonte: Adaptado de Lopes (2003, p. 47).

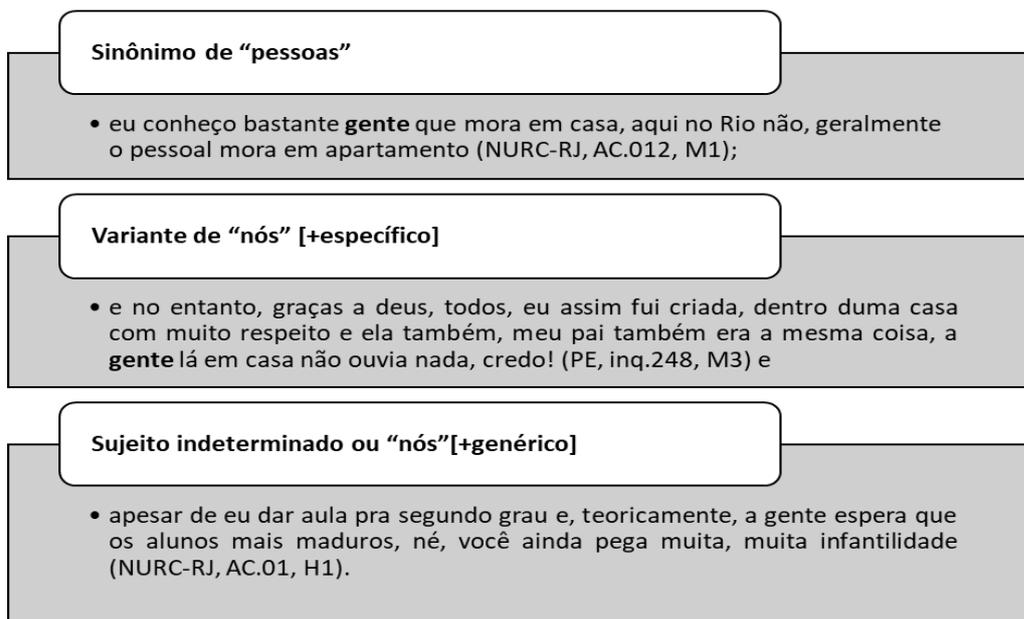
No Quadro 8, podemos observar três *corpora* utilizados por Lopes (2003), para identificar o processo de pronominalização de *a gente*. O primeiro *corpus*, conforme podemos observar no detalhamento, foi realizado na década de 1970, enquanto o segundo foi chamado de recontato e data da década de 1990. O terceiro *corpus* foi coletado entre os anos de 1992 e 1996. Tem-se, assim, uma janela de 20 anos de investigação observados a partir do levantamento.

O estudo desse percurso trouxe resultados significativos quanto à indeterminação no português arcaico da forma *a gente* e quanto aos traços gênero, número e pessoa a partir de dados quantitativos da cronologia dessa forma.

A autora destaca que *a gente* está, por vezes, relacionada à forma pronominal “porque o substantivo, antes de se ‘cristalizar’ como *a gente* pronominal, ocorria precedido, ou não, de artigo definido. A identificação [...] dá-se pelo cruzamento com o grupo de fatores interpretação semântica” (Lopes, 2003, p. 59).

Com essas novas possibilidades de interpretações, a forma *a gente* pode ser compreendida a partir de um conjunto de fatores, dentre eles, o contexto no qual foi empregado. Vejamos abaixo alguns desses exemplos na Figura 3.

Figura 3 – Possibilidades interpretativas de *a gente*



Fonte: Adaptado de Lopes (2003, p. 59-60).

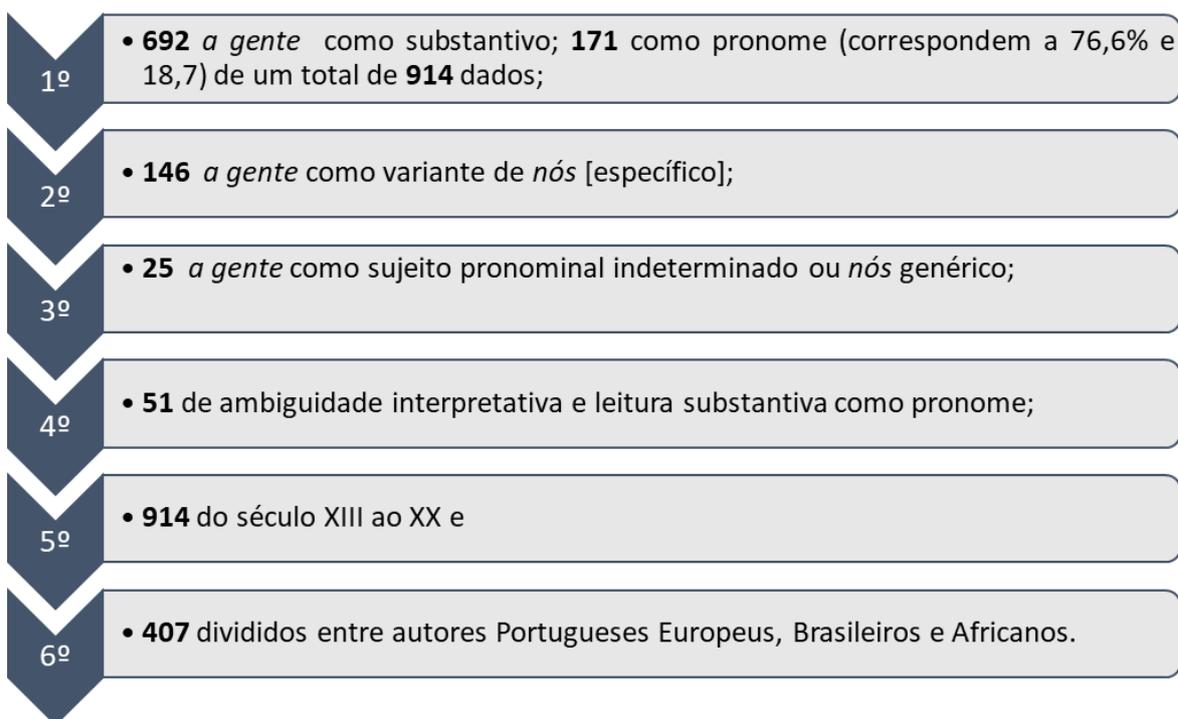
Para diferenciar entre as variantes de *nós* do sujeito indeterminado e genérico, a autora seguiu a dois critérios:

- 1) se o item em questão pode ser substituído por *nós/eu*, considera-se variante de *nós* [+específico];
- 2) se o item não pode ser substituído pelas formas pronominais *nós/eu*, mas por se ‘indeterminador’ ou você ‘genérico’, considera-se sujeito indeterminado ou *nós* [+genérico] (Lopes, 2003, p. 60).

No dizer de Lopes (2003), nem sempre esses critérios se mostraram eficazes na diferenciação, tendo por vezes interpretação ambígua porque o pronome *nós* também pode ser empregado como um sujeito genérico. Para que essa interpretação ambígua não aconteça, Lopes (2003) controlou grupos de fatores distintos, de modo a observar o grau que determina o referente para facilitar a interpretação.

Quanto à cronologia de *a gente* > *a gente*, trazemos alguns resultados alcançados por Lopes (2003), na Figura 4, adiante.

Figura 4 – Ocorrências do processo de pronominalização da forma *a gente*



Fonte: Adaptado de Lopes (2003, p. 62-63).

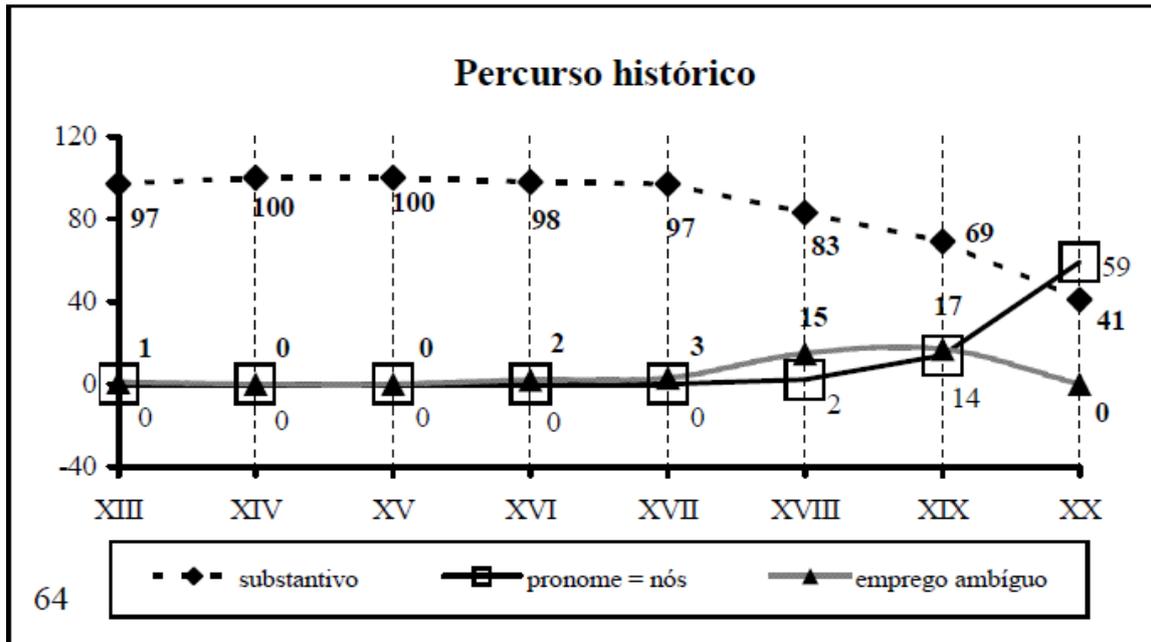
Na Figura 4, podemos observar que o processo de pronominalização de *a gente* (substantivo) para *a gente* (pronome) ocorreu paulatinamente, visto que as primeiras ocorrências apareceram somente no século XVIII. Os dados revelam ainda aspectos históricos quando comparados às diferentes épocas e por diferentes nacionalidades.

De acordo com Castro (1991, p. 15):

Se o objecto da linguística histórica é a mudança linguística (de uma ou de várias línguas, ou em geral), o objecto da história da língua é uma língua em particular, na sua existência definida temporal e espacialmente, o que significa que os factos linguísticos devem ser permanentemente correlacionados com factos históricos, que os condicionaram.

Concordamos que os fatos linguísticos estão diretamente relacionados com os fatos históricos, porque é através de aspectos do passado que podemos entender as dinâmicas da língua no momento presente.

Figura 5 – Percurso histórico: *a gente*> (substantivo)/ *a gente* (pronome)



Fonte: Lopes (2003, p. 64).

De acordo com a Figura 5, podemos observar que o emprego de *a gente* como substantivo permanece com leves alterações do séc. XIII ao séc. XVII, e com uma acentuada queda do séc. XVIII ao séc. XX. Como referência de primeira pessoa, a instauração como pronome ocorreu entre o séc. XVII ao séc. XIX, com elevada ascensão. Quanto ao emprego ambíguo, houve uma curva entre o séc. XVIII ao séc. XIX e queda total no séc. XX.

Para Castro (1991, p. 46), “a variante brasileira da língua portuguesa foi submetida ao longo da história e até ao século XIX, a um conjunto de factores externos que determinaram a sua variação dialectal”. Portanto, é esse processo histórico que vamos abordar.

Em seguida, discutimos as variantes nas gramáticas normativas e descritivas, identificadas pelo autor, título, ano de publicação, edição e tipo de gramática.

2.3.2 Formas pronominais *nós/a gente* nas gramáticas brasileiras

Para compreensão das formas pronominais em estudo, trazemos no Quadro 9, adiante, algumas gramáticas normativas e descritivas do PB, detalhadas por autor, título, ano da publicação, edição e tipo de classificação a fim de entendermos como a tradição gramatical trata o uso de *a gente*, especificamente.

Entendemos a classificação normativa, segundo Possenti (1996, p. 34), como “[...] conjunto de regras que devem ser seguidas, com o objetivo de falar e escrever corretamente.

Um exemplo de regra desse tipo é a que diz que o verbo deve concordar com o sujeito”. Nesse mesmo sentido, Travaglia (2002) aponta que essa gramática se preocupa, especificamente, com fatos de uma língua padrão pautada em uma norma de prestígio.

Já a classificação descritiva, segue “[...] regras que são seguidas, cuja preocupação é descrever ou explicar as línguas como elas são faladas” (Possenti, 1996, p. 35). Em outros termos, não está voltada para uma prescrição gramatical, mas para a descrição e explicação dos fatos linguísticos. Portanto, abordamos a sessão “pronomes”, tentando verificar o tratamento dado às formas *nós* e *a gente*¹⁵, quando presentes ou ausentes nas gramáticas em destaque.

A escolha das gramáticas resenhadas neste estudo está alinhada ao entendimento de Possenti (1996), a saber: a) a adoção de gramáticas normativas nas escolas não se preocupa em analisar uma língua, mas “em transmitir uma ideologia linguística”, pois as escolas expõem os estudantes diante de modelos distantes da linguagem falada no dia a dia, visto que a seleção ocorre sem nenhum critério linguístico, pois essa gramática exclui a variação, tanto a oral como a escrita; b) pelo fato de a gramática descritiva apresentar uma definição de língua pautada na análise de fatos linguísticos, sem se preocupar com as escolhas lexicais (Possenti, 1996).

Quadro 9 – Comparativo: gramáticas normativas e descritivas do Português Brasileiro¹⁶

| Autor | Publicação | Título/edição | Tipo |
|----------------------|-------------------|---|-------------|
| Vilela e Koch | 2001 | Gramática da Língua Portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso (1 ^a) | Descritiva |
| Perini | 2005 | Gramática Descritiva do Português (4 ^a) | Descritiva |
| Cegalla | 2008 | Novíssima Gramática da Língua Portuguesa (48 ^a) | Normativa |
| Cipro Neto e Infante | 2008 | Gramática da Língua Portuguesa (1 ^a) | Normativa |
| Bechara | 2009 | Moderna Gramática Portuguesa (37 ^a) | Normativa |
| Almeida | 2010 | Gramática completa para concursos e vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares... (9 ^a) | Normativa |
| Terra | 2011 | Curso Prático de Gramática (6 ^a) | Normativa |
| Rocha Lima | 2011 | Gramática Normativa da Língua Portuguesa (49 ^a) | Normativa |
| Azeredo | 2014 | Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (3 ^a) | Descritiva |

¹⁵ Optamos por deixar padronizado em itálico.

¹⁶ As obras de Almeida (2010) e Cipro Neto e Infante (2008), no entanto, não serão objeto de explicitação aprofundada como as demais neste estudo, visto que se alinham às demais normativas já mencionadas.

| | | | |
|----------------|------|---|------------|
| Cunha e Cintra | 2017 | Nova Gramática do Português Contemporâneo (7 ^a) | Descritiva |
| Castilho | 2020 | Nova Gramática do Português Brasileiro (1 ^a) | Descritiva |

Fonte: Elaborado pelo autor.

2.3.2.1 Vilela e Koch (2001)

Vilela e Koch (2001) tratam do pronome a partir da primeira sessão intitulada “gramática da palavra”, com o subtópico de “pronome”.

Conforme Vilela e Koch (2001, p. 2011):

A própria designação PRO-NOMEN aponta para o valor ‘relação’ entre esta categoria gramatical e o nome (ou substantivo) [...] – normalmente são flexionáveis (gênero e número), – não são comparáveis, – são elementos que ganham peso denotacional na referencialidade do texto ou da enunciação.

Segundo os autores, o próprio significado de ‘Pron-nomen’ aponta para relação gramatical entre pronomes e substantivos, que podem ser flexionados em gênero e número com valor na referenciação do interlocutor no processo de enunciação. No contexto da obra, enunciação equivale à orientação, ou seja, não objetiva nomear, mas estabelecer a dêixis¹⁷, que entendemos como os mecanismos linguísticos que nos permitem contextualizar uma mensagem durante o processo de interação.

Em seguida, são apresentadas as formas pronominais de 1^a pessoa do singular e plural: eu/nós; objeto direto e indireto: me, (a) mim/nos, (a) nós; 2^a pessoa do singular e do plural: tu/vós; objeto direto e indireto: te, (a) tí/ vos (a) vós; 3^a pessoa do singular e plural: ele, ela/eles, elas; objeto direto e indireto: lhe, (a) ele/ela/lhes, (a) eles, elas, se, (a) si.

Na descrição acima, podemos observar que a forma *a gente*, nesse contexto de descrição, não está contemplada, somente a forma *nós*. No entanto, na gramática, de modo geral, a forma *a gente* é citada por Vilela e Koch (2001, p. 217), que a descrevem da seguinte maneira:

A *gente* funciona, sobretudo na língua falada, como pronome e exige a terceira pessoa do singular designando normalmente um grupo em que o falante também se inclui [...]. A *gente* que tem olhar pelo nosso futuro: ninguém o vai fazer por *nós* [...]. Você não acredita como a *gente* é tratada lá na aula: sou tratada de cão para baixo.

¹⁷ Segundo Azeredo (2014, p, 204), “a dêixis é, portanto, um processo de incorporação significativa, pela linguagem, de elementos reais acessíveis pela sua proximidade, pela sua evidência, no campo perceptível comum ao locutor e ao interlocutor [...] termo derivado de uma palavra grega que significa ‘indicar, mostrar’”.

A descrição realizada aponta para o funcionamento da expressão *a gente* na oralidade. Como pronome, exige a expressão na terceira pessoa do singular, pode referir-se a um grupo em que o enunciador se inclui e destacar uma única pessoa.

2.3.2.2 Perini (2005)

De início, o autor critica os conceitos oriundos das chamadas Gramáticas Tradicionais por não conseguirem arcar com os elementos pronominais. Conforme Perini (2005, p. 329), “a definição de ‘pronomes’ [...] nunca consegue delimitar exatamente o grupo de itens pretendido”, ou seja, a definição que as gramáticas atribuem se aplica a todas as regras de emprego dos pronomes. A língua está em constante processo de mutação, não vale considerá-la somente a partir de uma perspectiva gramatical.

Em seguida, Perini (2005) realiza a classificação sintática dos pronomes:

- a) substantivo do tipo 1: eu, nós, ele, isto;
- b) substantivo do tipo 2: alguém, tudo, algo;
- c) relativos: que, o qual, quem.
- d) [+PDet] = predeterminantes: todos, ambos;
- e) [+Det] = determinantes: o, um, este, esse, aquele;
- f) [+Poss] = possessivos: meu, seu, nosso;
- g) [+Qf] = quantificadores: muitos, vários, únicos, terceiros; e
- h) [+Num] = numeradores: outro, dois.

Ao propor essa abordagem com enfoque na classificação sintática, Perini (2005) apresenta a forma *nós* como sendo um substantivo, o que as gramáticas tradicionais tratam como pronomes pessoais.

Embora não citada na classificação, a forma *a gente* é descrita na gramática como uma variedade informal utilizada no dia a dia, principalmente na fala, como em “a nova gramática do português, ela vai ser muito difícil *a gente* escrever. Melhor *a gente* deixar ela pra semana que vem” (Perini, 2005, p. 23). Conforme o autor, a sentença acima é de uso coloquial e está diretamente ligada à transcrição de uma fala em contexto espontâneo.

2.3.2.3 Cegalla (2008)

Conforme Cegalla (2008), os pronomes são definidos como “palavras que substituem os substantivos ou os determinam indicando as pessoas do discurso”. Assim, se entende por

pessoa do discurso aqueles(as) que participam do processo de comunicação, tanto como falante, quanto ouvinte.

Ademais, o autor utiliza funções objetiva e subjetiva para referir-se aos pronomes retos e oblíquos respectivamente, isto é, 1ª pessoa do singular e plural: eu/nós, função objetiva: me, mim, comigo/nos, conosco; 2ª pessoa singular e plural: tu/vós, função objetiva: nos, conosco/vos, convosco; 3ª pessoa singular e plural: ele, ela/eles/elas. função objetiva: se, si, consigo, o, a lhe/ se, si, consigo, os, as, lhes.

Importante notar que o gramático, na seção dos empregos dos pronomes pessoais, destaca o emprego da função subjetiva si e consigo.

Cegalla (2008, p. 559-560) exemplifica:

(9) “eu tenho um recado para si, Regina [eu 1ª pessoa, si 2ª pessoa]”,

(10) “mestre, nós queremos falar consigo [nós 1ª pessoa, consigo 2ª pessoa]” [...] “eu tenho um recado para você, Regina”.

Destacamos que o primeiro exemplo é bastante utilizado no português de Portugal, ao contrário do Brasil, onde não se emprega essa estrutura para se referir ao sujeito. Já a segunda estrutura refere-se à função de “consigo” sem referência ao sujeito da oração. Portanto, ressaltamos que os pronomes “si” e “consigo” são frequentemente utilizados sem função reflexiva, em alguns casos substituindo os pronomes de tratamento “você” e “senhor”, por uma questão de escolha.

2.3.2.4 *Bechara (2009)*

Bechara (2009) aborda o tópico intitulado “pronomes” e o conceitua como “a classe de palavras categoremáticas¹⁸, que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto” (Bechara, 2009, p. 26), isto é, uma palavra com função sintática pertencente a determinada classe gramatical, nesse caso, um nome.

O termo utilizado por Bechara (2009) está relacionado a “construções [...] quando é capaz de ter função sintática, ou seja, quando é atribuída a uma categoria funcional [...]

¹⁸ Termo utilizado por Bechara (2009) para indicar uma palavra com função sintática.

consideramos quatro categorias funcionais nome, adjetivo, verbo e advérbio” (Artos, 2007, p. 92, tradução nossa)¹⁹.

Já os pronomes pessoais “designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não eu, não tu), considerada pela tradição, a 3ª pessoa” (Bechara, 2009, p. 39). Como ressalta o autor, citado, os pronomes representam as duas pessoas do processo discursivo, nesse sentido, são elementos fundamentais para referenciar o eu e o não eu na comunicação cotidiana.

Observamos que o autor, na descrição do quadro de pronomes pessoais, traz somente a forma pronominal canônica *nós*, definindo-a como pronome pessoal plural de eu na primeira pessoa do singular sendo: 1ª pessoa – singular e plural: eu/nós; 2ª pessoa – singular e plural tu/vós; 3ª pessoa – singular e plural: ele, ela/eles, elas.

Conforme Bechara (2009, p. 139), “o plural *nós* indica eu mais outra ou outras pessoas, e não eu + eu”. No entanto, podemos observar que o autor comenta a expressão *a gente* quando fala de pronome possessivo, definindo-o como um pronome de 3ª pessoa do plural.

2.3.2.5 Terra (2011)

Terra (2011, p. 120) define pronome como “a palavra variável em gênero, número e pessoa que representa ou acompanha o substantivo, indicando-o como pessoa do discurso ou situando-o no espaço e no tempo”. Embora o gramático não mencione em sua gramática a forma inovadora *a gente*, o conceito atribuído ao pronome vai ao encontro da definição de significação dada por Vilela e Koch (2001), mostrando uma semelhança na classificação.

O autor, assim como Bechara (2009), também faz menção somente à forma canônica na classificação dos pronomes, como observamos a seguir: 1ª pessoa do singular e plural: eu/nós e acrescenta os oblíquos como me, mim, comigo e nós, conosco; 2ª pessoa singular e plural: tu/vós e oblíquos: te, ti, contigo/ vos, convosco; 3ª pessoa singular e plural: ele, ela/eles, elas e oblíquos: se, si, consigo, o, a lhe/ se, si, consigo, os, as, lhes.

Conforme Terra (2011, p. 121), “as formas conosco e convosco resultam da junção da preposição com e os pronomes nós e vós”. Com base no que se apresenta, o autor nos conduz a um entendimento de que o emprego na escrita seja realizado com “os pronomes pessoais de caso reto” na função sintática de predicativo do sujeito, predicativo ou vocativo. Terra (2011, p. 123) exemplifica:

¹⁹ “Construcciones [...] cuando está capacitada para contraer función sintáctica, es decir, cuando está adscrita a una categoría funcional [...] consideramos otras cuatro categorías funcionales” (Artos, 2007, p. 92).

- (11) “**ele** compareceu à festa” (sujeito);
- (12) os responsáveis somos **nós**” (predicativo do sujeito) e
- (13) “**Tu**, ordenou, voltando-se para alguém do séquito, sobe para avisar que nosso visitante está para adentrar os muros!” (Umberto Eco) (vocativo).

2.3.2.6 Rocha Lima (2011)

Para Rocha Lima (2011, p. 156), “pronome é a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso”. Em nota de rodapé, notamos que o autor se baseia no conceito da Gramática Secundária da Língua Portuguesa (1925), proposta por Manuel Said Ali.

Levando em conta esse conceito, Rocha Lima (2011) e Cegalla (2008) classificam os pronomes em retos e oblíquos, exercendo funções subjetiva e objetiva: 1ª pessoa do singular e plural, na função subjetiva: eu/nós, na função objetiva: me, mim/nos, nós; 2ª pessoa do singular e plural, na função subjetiva: tu/vós, na função objetiva: te, ti/vós; 3ª pessoa do singular e plural, na função subjetiva: ele, ela/eles, elas, na função objetiva: o, a lhe, se/os, as, lhes, se.

Para Rocha Lima (2011, p. 386), o pronome é empregado “como sujeito”, que indica as pessoas do discurso. Importante destacar, também, o tratamento dado às formas subjetivas conosco e com nós:

[...] Aglutinadas à preposição *com*, apresenta-se num vocabulário único: *comigo, contigo, conosco, convosco, consigo* (este exclusivamente reflexivo). Se estes pronomes forem ampliados por determinativos – *outros, todos mesmos, próprios, dir-se-á, com nós, com vós*, e não *conosco, convosco: com nós mesmos, com vós próprios, com nós outros* (Rocha Lima, 2011, p. 389).

As formas descritas conosco e com nós, quando aglutinadas à preposição, apresentam um único vocabulário, por exemplo, “contigo, conosco, convosco e consigo”, no entanto, podem ser ampliadas pelos determinativos, como “outros, todos mesmos, próprios”, gerando outras expressões, como “com nós e com vós”.

Ressaltamos que o autor não menciona a forma *a gente* como pronome em sua gramática, valendo destacar o valor referencial que o autor atribui à forma *nós*. Em consonância com essa ideia, Rocha Lima (2011, p. 157) aponta que “o verbo declara sempre, com as formas especiais de sua conjugação, a qual das três pessoas se refere o predicado, e, também, o número gramatical (singular ou plural)”, dessa forma, se observarmos tais preceitos, não infringiremos as regras gramaticais.

2.3.2.7 Azeredo (2014)

Azeredo (2014) traz os pronomes nos tópicos morfologia flexional e sintaxe, denominada pelo gramático como categoria de pessoa e sua expressão pronominal. Para ele, “a categoria gramatical de pessoa [...] é a propriedade que tem a linguagem de permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens do ato comunicativo, não como indivíduos, mas apenas como participantes do discurso” (Azeredo, 2014, p. 174). No contexto apresentado percebemos a importância da linguagem no processo de comunicação, pois ela nos propicia elementos para interação social; desse modo, o ato comunicativo nos permite interagir de forma objetiva.

Entram nessa categoria, segundo Azeredo (2014, p. 175), “as palavras cuja função referencial é identificar as pessoas do discurso”, isto é, os pronomes pessoais. Dado esse conceito, o gramático classifica-os em: 1ª pessoa do singular e plural: eu/nós, a gente; oblíquos átonos e tônicos: me, nos/mim, comigo/nós, conosco; 2ª pessoa do singular e plural: tu, você/vós, vocês; oblíquos átonos e tônicos: te, vos/ti, contigo, vos, convosco; 3ª pessoa do singular e plural: ele, ela/eles, elas; oblíquos átonos e tônicos: o, a lhe/os, as, lhes/si consigo.

É oportuno mencionar que Azeredo (2011) insere a forma *a gente* no mesmo nível representacional da forma *nós* e reconhece em vários momentos que os brasileiros fazem uso da forma *inovadora* na oralidade, em contrapartida, Cegalla (2008), Terra (2011) e Rocha Lima (2011) não reconhecem em suas obras essa forma inovadora.

2.3.2.8 Cunha e Cintra (2017)

Conforme Cunha e Cintra (2017, p. 289), “os pronomes desempenham na oração as funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais”. Nesses termos, eles podem representar, acompanhar ou determinar um substantivo atribuindo novos significados.

Podem ser caracterizados como pronomes pessoais retos de 1ª pessoa do plural e singular: eu/nós; pronomes pessoais oblíquos não reflexivos, átonos e tônicos: me, mim, comigo/nos. nós, conosco; 2ª pessoa do singular e plural: tu/vós; pronomes pessoais oblíquos não reflexivos átonos e tônicos: te, ti, contigo/vós, convosco; 3ª pessoa do singular e plural: ele, ela/eles, elas; pronomes pessoais oblíquos não reflexivos átonos e tônicos: o, a lhe, ele, ela/os, as, lhes, eles, elas.

Na gramática, o autor menciona que a forma *a gente* é de largo uso na forma coloquial, sendo empregada para fazer referência à primeira pessoa do singular (eu) e à primeira pessoa

do plural (nós). Pelo contexto exposto e com base nos estudos de Cunha e Cintra (2017, p. 310), selecionamos dois exemplos para ilustração:

- (14) “Houve um momento entre nós
Em que **a gente** não falou

(F. Pessoa, *QGP*, n.º 270.)

- (15) — Não culpes mais o Barbaça compadre! **A gente** só queria gastar um bocadito de dinheiro.

(F. Namora, *TJ*, 165.)”

Pelos exemplos se observa que o verbo *falou*, na primeira construção, e *gastar*, na segunda, ficam sempre na terceira pessoa do singular. Essa regularidade depende da colocação dos pronomes diante dos verbos.

2.3.2.9 Castilho (2020)

Castilho (2020) descreve os pronomes de forma objetiva e histórica, elucidando o leitor para novas formas de entender o paradigma pronominal brasileiro. Partindo de uma concepção pautada na tradição gramatical do ocidente, a conceituação e caracterização da classe pronomes requer a consideração dos aspectos semânticos, discursivos e gramaticais.

A primeira consideração de Castilho (2020) sobre o pronome envolve alguns argumentos do século I depois da era comum e refere-se a Apolônio Díscolo:

[...] ‘é parte da oração que faz as vezes de um nome [= substantivo] na forma dêitica ou anafórica, e que não se acompanha de artigo’ [...] são representativos da 1a e 2a pessoas, mas também da 3a pessoa: “e tome-se em conta que a definição do pronome abarca até a terceira pessoa, pois também se realizam como anafóricos desde que as pessoas sejam conhecidas de antemão, e como dêíticos se a pessoa está a vista’ (Castilho, 2020, p. 472).

Outra consideração feita por Castilho (2020) é sobre os gramáticos latinos que tinham interesse pela classificação e pelas propriedades morfológicas dos pronomes, não deixando de analisar, também, as propriedades funcionais desses pronomes. Os gramáticos realizaram quatro definições de pronomes: a primeira, “finitos”, isto é, dêíticos, nome dado porque designam as pessoas *ego*, *tu*, *ille*; a segunda, “infinitos”, isto é, indefinidos, porque não designam pessoas nem tampouco são dêíticos ou anafóricos como em *quis*, *qualis*, *talis*, *quantus*, *tantus*, *quotus*, *totus*; a

terceira, “menos que finitos”, que podem ser, ora dêiticos, ora anafóricos, por exemplo, *ipse, iste, is, hic, idem, sui*; a quarta, “possessivos”, como em *meus, tuus, suus, noster, vester*.

Destacamos os exemplos latinos, porque entendemos que a língua portuguesa é oriunda do latim vulgar; essas são algumas das inúmeras semelhanças que a nossa língua tem com a língua latina, maior do que qualquer outra semelhança existente.

Castilho (2020) discute o conceito de pronomes tomando como base os estudos de Nebrija (1942/1980) e de João de Barros: enquanto Nebrija os classifica como primogênitos, derivados, simples e compostos, João de Barros os conceitua como pronomes primitivos, que exercem função demonstrativa. Conforme Castilho (2020), os pronomes em PB formal e informal seguem as seguintes construções:

- a) Português Brasileiro Formal: 1ª pessoa do singular e plural: eu/nós. Complemento: me, mim, comigo/ nos, conosco. 2ª pessoa do singular e plural: tu, você, o senhor, a senhora/ vós, os senhores, as senhoras. Complemento: te, ti, contigo Prep + o senhor, com a senhora/ vos. Convosco Prep + os senhores, as senhoras. 3ª pessoa do singular e plural: ele/elas/eles, elas. Complemento: o/a, lhe, se, si, consigo/os, as, lhes, se, si, consigo.
- b) Português Brasileiro Informal: 1ª pessoa do singular e do plural: eu, a gente/ a gente. Complemento: eu, me, mim, Prep + eu, mim/ a gente, Prep + a gente. 2ª pessoa do singular e plural: você, ocê/tu/ vocês/ocês/cês. Complemento: você, ocê, cê, te, ti, Prep+você/ocê=docê, docê. 3ª pessoa do singular e plural: ele, ei, ela/ eles/eis, elas. Complemento: ele, ela, lhe, Prep+ele, ela/eles, eis, elas, Prep+eles, eis, elas.

Portanto, de acordo com Castilho (2020), uma língua é concebida de modo heterogêneo quando as regras categóricas não são aplicadas. Além da variante canônica *nós*, a variante *a gente* já aparece contemplada na gramática, classificada como uma variante do português informal. A partir da exposição das gramáticas, apresentamos no Quadro 10 um resumo com base em nossa análise.

Quadro 10 – Os pronomes *nós/a gente* em algumas gramáticas brasileiras

| Gramáticas | Formas nominais | |
|----------------------|-----------------|---------|
| | Nós | A gente |
| Vilela e Koch (2001) | x | x |
| Perini (2005) | x | x |
| Cegalla (2008) | x | |
| Bechara (2009) | x | x |

| | | |
|-----------------------------|---|---|
| Terra (2011) | x | |
| Rocha Lima (2011) | x | |
| Azeredo (2014) | x | x |
| Cunha e Cintra (2017) | x | x |
| Castilho (2020) | x | x |
| Cipro Neto e Infante (2008) | x | |
| Almeida (2010) | x | |

Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir do levantamento realizado, podemos afirmar que não foram encontradas menções à forma inovadora *a gente* como expressão da primeira pessoal do plural nas gramáticas de Cegalla (2008), Terra (2011) e Rocha Lima (2011); em contrapartida, a forma canônica *nós* tem registro frequente. Entendemos que as gramáticas não abordam a variante inovadora, haja vista o cunho normativo, no entanto, mesmo a gramática de Bechara (2009) tendo essa acepção, a forma *a gente* é mencionada algumas vezes como uso recorrente na fala coloquial.

As gramáticas de Vilela e Koch (2001), Perini (2005), Bechara (2009), Azeredo (2014), Cunha e Cintra (2017) e Castilho (2020), abordam tanto a forma canônica *nós* quanto a forma inovadora *a gente*. Ao trazerem exemplos e menções das formas citadas anteriormente, revelam um sistema linguístico em grande fluxo dinâmico e admitem que a oralidade pode sofrer interferências de fatores externos e internos.

Além das gramáticas anteriormente mencionadas, também consultamos as obras de Almeida (2010) e Cipro Neto e Infante (2008), que definem pronomes como indicadores das pessoas do discurso, identificando como formas singulares “eu”, “tu”, “ele/ela” e plurais “nós”, “vós”, “eles/elas”. Embora sejam produções relativamente recentes, essas gramáticas não abordam a forma inovadora “a gente” como pronome, limitando-se à forma conservadora “nós”.

Em resumo, para fechar essa discussão, o levantamento realizado reitera as observações feitas por Freitag *et al.* (2016, p. 142) em que “a maioria das gramáticas não apresenta a forma *a gente* como pronome pessoal”. No entanto, esse panorama aos poucos vai se alterando com a entrada da expressão inovadora nas gramáticas da língua portuguesa (*Cf.* Bechara, 2009), enquanto as gramáticas descritivas abordam as duas formas, dando destaque à inovadora. Diante de tal cenário, fica evidente que as mudanças ocorridas na língua demoram e dificilmente são registradas em manuais, livros didáticos e em gramáticas enviadas às escolas

de educação básica no Amazonas, de modo que venham conhecer a outra face da linguagem e não somente a prescrição gramatical.

Nesta subseção, exploramos a variação pronominal em estudo em diferentes regiões do Brasil, incluindo o Amazonas, com base na Sociolinguística Variacionista. Apresentamos um quadro com o *corpus* utilizado, os aspectos investigados e os principais resultados. Discutimos a pronominalização de *a gente* e analisamos sua abordagem em gramáticas normativas e descritivas. Por fim, apresentamos nossas hipóteses.

2.4 OBJETIVOS, QUESTÕES NORTEADORAS E HIPÓTESES

2.4.1 Objetivo geral

Constitui objetivo geral deste estudo investigar o fenômeno variável “expressão pronominal de P4”, descrito pelas variantes *nós* e *a gente* na função de sujeito na fala de 16 informantes, na região de Anori, interior do Amazonas.

2.4.2 Objetivos específicos

São propostos como objetivos específicos:

- a) descrever as variantes do fenômeno variável “expressão pronominal de P4” no falar dos moradores das regiões urbana e rural do município de Anori;
- b) analisar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso das variantes *nós* e *a gente* no falar dos moradores das regiões urbana e rural do município de Anori e

2.4.3 Questões norteadoras e hipóteses

Nesta seção, apresentamos nossas hipóteses para a ocorrência da variação entre *nós* e *a gente*. Assim, adotamos as terminologias “natureza linguística” e “natureza social”, utilizadas por Bandeira (2007), para nos referirmos aos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados neste estudo. Ressaltamos que tais premissas serão descritas, uma a uma, na seção

3.5 ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Para a formulação de nossas hipóteses, levamos em consideração os resultados das pesquisas de Araújo (2016), Fernandes (2021), Mendes (2019), Tamanine (2010), Vieira (2014) entre outros, os quais nos permitiram partir das seguintes questões norteadoras:

- a) como é realizada a expressão de primeira pessoa do plural no falar anoriense?
- b) qual variante é mais frequente para expressar a primeira pessoa do plural no falar anoriense?
- c) quais grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos condicionam o uso das variantes descritas no fenômeno expressão de P4 no falar anoriense?

A revisão da literatura mostrou que as formas *nós* e *a gente* estão em pleno convívio, em certos contextos linguísticos e sociais; os falantes optam por utilizar uma variante ou outra. A revisão sistemática aponta uma tendência de uso da variante *a gente* em relação à variante *nós*. Ademais, levando em consideração o que nos aponta o embasamento teórico sobre a expressão pronominal de P4, temos três possíveis respostas às questões norteadoras levantadas anteriormente, a saber:

- a) esperamos encontrar duas formas de expressar a primeira pessoa do plural, a primeira representada pela variante *a gente*, e a segunda representada pela variante *nós*;
- b) esperamos que a variante *a gente* seja mais utilizada do que a variante *nós*, na função de sujeito, porque nos contextos de fala próximos da espontaneidade essa variante costuma ser mais frequente. Podemos encontrar também variante “nulo” quando não há o preenchimento do sujeito pronominal.

Em relação à primeira questão norteadora, isto é, sobre a realização da expressão pronominal de P4, Lopes (2003, p. 12) afirma que “a substituição de nós por a gente ainda não se processou por completo, e ambas as formas ainda estão em competição, principalmente, no português falado no Brasil”, no entanto, há uma predominância da forma inovadora, pois “a gente avançou mais em alguns contextos do que em outros” (Omena, 2003, p. 65). Essa acentuada elevação de uso se dá pela dinamicidade da língua, bem como por grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Ao sabor de Lopes (1998, p. 410), “parece que estamos caminhando para a simplificação do quadro dos pronomes pessoais e a gramática não deveria deixar de lado tais questões”, podemos, portanto, observar a preocupação em se considerar nos compêndios gramaticais a forma inovadora, como discutimos na seção 2.3.2, desta dissertação.

No que diz respeito à segunda questão norteadora, sobre o elevado uso da variante inovadora *a gente*, nossa segunda hipótese é de que a variante *a gente* seja mais produtiva do que *nós* na função de sujeito preenchido. Lopes (2004, p. 60) aponta que “as duas estratégias coexistem no português falado do Brasil, mas aparentemente a forma inovadora vem ganhando terreno nos últimos 30 anos”. Essa perspectiva de tendência de simplificação do quadro dos pronomes pessoais consiste numa “aceleração da substituição de nós por a gente no português do Brasil” (Lopes, 2003, p. 148). Embora encontremos com maiores frequências as formas com sujeito preenchido, podemos também encontrar sujeitos nulos tipo (línguas *pro-drop*²⁰), com referência ao sujeito pronominal no português brasileiro. Nas palavras de Bandeira (2007, p. 120), esse “vazio” equivale “[...] a uma categoria vazia do tipo *pro*”.

É a partir dessas observações iniciais que apresentamos a seguir nossas concepções de natureza linguística e sociolinguística.

2.4.3.1 Hipóteses de natureza linguística

Para satisfazer a terceira questão norteadora, consideramos a seguinte conjectura de natureza linguística: esperamos que os grupos de fatores descritos a seguir sejam relevantes na realização do fenômeno variável na expressão pronominal de P4, como foram nos estudos citados na seção 2.3.1.

2.4.3.1.1 Preenchimento do sujeito

O primeiro grupo de fatores é o *preenchimento do sujeito* (sujeito preenchido e sujeito nulo). Esperamos encontrar, nesse grupo, maior produtividade da variante *a gente* com sujeito preenchido e menor com sujeito nulo, em relação à variante *nós*, isso porque normalmente *a gente* acompanha o verbo na 3ª pessoa do singular. Essa hipótese foi investigada por Araújo (2016), Brustolin (2009), Lopes (2003), Mendonça (2010), Mendes (2019), Omena (1986, 1998, 2003) e Tamanine (2010).

²⁰ São línguas com sujeito nulo obrigatório; os pronomes sujeitos são evitados porque sua referência pode ser recuperada através da flexão do verbo (Duarte, 1995, p. 98; Bandeira, 2007, p. 44).

2.4.3.1.2 *Função sintática*

O segundo grupo de fatores é a *função sintática* (sujeito, sujeito de infinitivo pessoal, objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial e complemento nominal). Nesse grupo, esperamos que as formas *nós/a gente* tenham maiores ocorrências na função sintática de sujeito, em comparação às funções sintáticas de objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial e complementos, isso porque eles (pronomes) são agentes da ação verbal.

2.4.3.1.3 *Referência do pronome*

O terceiro grupo de fatores é a *referência do pronome* (eu + você [+determinado], eu + vocês [-determinado], eu + ele [+determinado], eu + eles [-determinado], eu + todos [-determinado]). Aqui, esperamos encontrar as variantes *a gente* com ocorrências indeterminadas ou genéricas e a variante *nós* com ocorrências determinadas, quando o falante amplia o referente, o indetermina, favorecendo a variante inovadora, isso porque “o falante se descompromete com o discurso, tornando-o mais vago e genérico” (Lopes, 2007, p. 2). Já a forma *nós* o falante utiliza para se referir a si próprio e a seu interlocutor (não-eu), “[+perceptível] e [+determinado]” (Lopes, 2004, p. 73-73).

2.4.3.1.4 *Concordância verbal*

O quarto grupo de fatores é a *concordância verbal* (-mos, -mo e zero). Esperamos, nesse grupo, que *nós* seja predominante com -mos e -mo, e *a gente* com zero, isso porque na variante inovadora a função de sujeito é predominante (Lopes, 2004, p. 67). Essa hipótese foi investigada por Lopes (2003), Omena (1998) e Seara (2000).

2.4.3.1.5 *Tempo verbal*

O quinto grupo de fatores é o *tempo verbal* (presente do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do

indicativo, futuro do subjuntivo, infinitivo, futuro do presente do indicativo, imperativo e gerúndio).

Esperamos encontrar, nesse grupo, maior uso da variante *a gente* com verbos no pretérito imperfeito do indicativo, devido ao fato de que os informantes se reportavam a ações vividas no tempo passado enquanto respondiam as perguntas formuladas em questionário (Cf. Apêndice D). Estudos citados na seção 2.3.1 mostram a relevância desse grupo de fatores.

2.4.3.1.6 *Paralelismo entre sujeitos*

O sexto grupo de fatores é o *paralelismo entre sujeitos* (Sim para a ocorrência e Não para a não ocorrência). Nossa hipótese é de que, nesse grupo, haja mais frequência de sequências paralelas na seguinte ordem: *a gente*>*a gente* e *nós*>*nós* e menos ocorrências em *a gente*>*nós*, isso porque o falante tende a repetir o primeiro pronome nas sequências seguintes, bem como pode alternar o uso. Essa hipótese foi investigada por Borges (2004) e Tamanine (2002) em diversas funções sintáticas, no entanto verificamos, nesta pesquisa, somente na posição de sujeito.

2.4.3.1.7 *Saliência fônica*

O sétimo grupo refere-se à *saliência fônica* (verbos regulares -salientes, verbos irregulares +salientes). Com base na hipótese proposta por Scherre (1998), esperamos que o falante utilize mais o pronome *a gente* quando a forma verbal for menos saliente (como em *a gente é*), dado que “[...] as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (Scherre, 1998, p. 64).

2.4.3.2 *Hipóteses de natureza extralinguística (social e geográfica)*

Nosso estudo é de cunho sociolinguístico e trata sobre a variação entre as formas *nós* e *a gente* como um fenômeno linguístico que sofre influência de grupos de fatores linguísticos e sociais. Na seção anterior, apresentamos as nossas hipóteses de natureza linguística. Como

hipótese de natureza extralinguística, esperamos que a variação entre *nós e a gente* seja socialmente motivada pelos grupos de fatores seguintes.

2.4.3.2.1 *Sexo/gênero*

Referimo-nos ao sexo/gênero masculino e feminino, conforme Freitag (2015), Mendes (2019), Paiva (2007), Scherre (1998), Scherre e Yacovenco (2011) e Silva (2007). Nesse grupo, esperamos que as mulheres anorienses se utilizem mais de ocorrências da variante inovadora *a gente* em todos os grupos de fatores linguísticos, já que essa variante não costuma receber estigma e ainda pela forte participação das mulheres na sociedade, como afirmam Ghessi-Arroyo e Peluco (2020, p. 2): “as mulheres de hoje estão andando a passos largos no alcance de paridade educacional e econômica com os homens, o que é um resultado do movimento feminista que advém de tempos passados”.

2.4.3.2.2 *Faixa etária*

Trabalhamos com apenas duas faixas etárias, (25 a 50; e + de 60 anos). Esperamos que a faixa etária 1 utilize a variante inovadora *a gente* e a faixa etária 2, a variante conservadora *nós*, visto que os mais jovens são mais suscetíveis à mudança porque estão mais expostos às redes sociais e ambientes de trabalho e escola, enquanto os mais velhos ficam na retaguarda da mudança. Essa hipótese foi testada por Araújo (2016), Fernandes (2021), Mendes (2019), Tamanine (2010) e Vieira (2014).

2.4.3.2.3 *Escolaridade*

Dividimos este grupo de fatores em baixa (sem escolaridade/escolarizados até o ensino fundamental I) e alta (escolarizados; ensino fundamental II até o médio). Esperamos que os informantes com escolaridade baixa ou sem escolaridade utilizem com maior frequência a variante conservadora *nós*, enquanto os informantes mais escolarizados utilizem a variante inovadora *a gente*, isso porque essa variante não apresenta estigma social.

2.4.3.2.4 *Localidade*

Dividimos em zona urbana e rural de Anori. Nossa hipótese é de que a variante *a gente* seja mais produtiva na zona urbana de Anori, devido ao acesso à internet e à exposição às redes sociais, menos frequente na zona rural, onde seria frequente a variante *nós*. Isso porque a comunidade tem acesso limitado às tecnologias, com uma população voltada para o trabalho como a agricultura, farinha e pesca.

2.4.4 **Síntese**

Neste capítulo, discutimos o impacto do Estruturalismo e do Gerativismo na Linguística, que, apesar de uma visão homogênea da linguagem, abriram espaço para a Sociolinguística Variacionista. Em seguida, abordamos estudos clássicos, como os de Labov, e exploramos os fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes para nossa investigação. Também revisamos a variação pronominal entre *nós* e *a gente*, com destaque para pesquisas no Brasil e concluímos com os objetivos, questões norteadoras e as hipóteses sustentadas pelo referencial teórico apresentado.

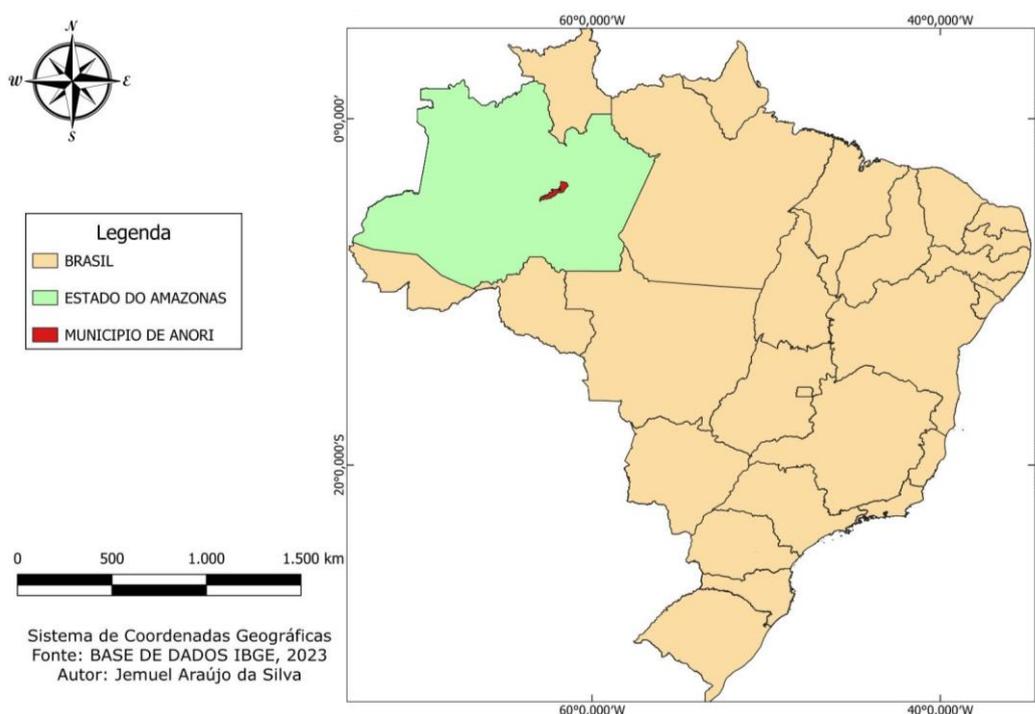
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos como esta pesquisa foi realizada. Dividimos em três momentos: no primeiro, apresentamos um breve panorama histórico, localização geográfica, aspectos socioeconômicos e sociais atualizados das zonas urbana e rural de Anori; no segundo, registramos, em diário de bordo, o relato da pesquisa realizada e a coleta de dados; por último, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa, incluindo a seleção dos informantes, a descrição e tratamento do *corpus* e o envelope de variação.

3.1 APRESENTAÇÃO DOS LOCAIS DE PESQUISA

O *locus* de pesquisa é o município de Anori, no estado do Amazonas. A região, destacada na Figura 6, localiza-se à margem esquerda do rio Solimões²¹, sendo a 7ª sub-região denominada de Rio Negro Solimões. Situa-se na Mesorregião Centro Amazonense e na Microrregião de Coari, segundo informações do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM, 2013).

Figura 6 – Localização do município de Anori no Brasil



Fonte: Silva (2023).

²¹ Embora a geografia indique que a localização do município fica à margem esquerda do rio Solimões, é preciso destacar que o município se localiza, especificamente, dentro do lago de Anori, lago à margem do rio Solimões.

Conforme o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o lugar tem uma área territorial de 6.036,380 km² e uma população de 17.194 pessoas (IBGE, 2022b).

Segundo informações do IDAM (2013), o território faz limites com as cidades de Anamã, Beruri, Tapauá, Coari e Codajás; a distância entre Anori e a capital amazonense (Manaus) é de 195 km em linha reta e 234 km por via fluvial²². O tempo de viagem de barco pode variar, dependendo das condições climáticas, do tipo de embarcação e das paradas ao longo do trajeto, podendo geralmente levar de 12 a 24 horas. O acesso ocorre também por meio de lanchas-expressos (tempo médio de 6 a 8 horas), conforme o Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM, 2020).

A região, conhecida popularmente como a terra do “melhor”²³ açaí, tem um povo hospitaleiro, destaca-se por suas belezas naturais. Segundo Infosanbas ([202-]), os moradores se autodeclararam como brancos, pretos, pardos, indígenas e pessoas com ascendência ou origem asiática.

Por volta de 1869, nordestinos enfrentaram dificuldades nos rios do Amazonas. Em busca da exploração de seringais, procuravam melhores condições de vida. Nesse contexto, os nordestinos “deserdados” foram se adaptando à nova realidade do homem amazônico (Silva, 2015). Moraes (2021, p. 141) reitera as informações e acrescenta:

Durante o período áureo da economia da borracha na Amazônia, a mão de obra utilizada havia sido, sobretudo, nordestina: centenas de milhares de trabalhadores haviam migrado de estados nordestinos, sobretudo do Ceará, para os seringais amazônicos. [...] Não se sabe ao certo o número de indivíduos encaminhados que morreram durante o trajeto ou quando já alocados nos seringais [...].

A autora aponta a grande concentração nordestina que veio para o estado do Amazonas por conta da ascensão da borracha; contudo, sob condições insalubres, os trabalhadores viveram momentos sombrios.

De acordo com Guillen (2002), um levantamento realizado pela “CPI da Borracha” no período de 1943 a 1944 estimou o desaparecimento de 20 mil seringueiros, trabalhadores que morreram nos seringais devido às condições de trabalho e doenças como malária e febre-amarela.

²² O município não recebe voos comerciais, sendo o acesso somente por via fluvial.

²³ A escolha do adjetivo “melhor” se dá pelo fato de as pessoas consumirem em grande escala e não objetiva depreciar o açaí de outros lugares.

Esse novo cenário alterou significativamente a realidade dos povos que já habitavam essas terras. Após o período de decadência da borracha, por volta de 1915, muitos voltaram para seu estado de origem, outros permaneceram pelo local.

Conforme relatos orais, a primeira família nordestina a habitar a margem direita do rio Solimões foi a de Antônio Padeiro, e o local passou a ser chamado de “Vila da Boca”. Esses moradores são considerados os primeiros habitantes da região, após anos, o local passou a ser denominado “Boca do Anori”.

Registros da prefeitura municipal datam que a chegada de Antônio padeiro e família ocorreu por volta de 1915. Nesse período, eles começaram a desenvolver atividades econômicas voltadas à pesca, à agricultura, à extração de seringas e castanhas.

Contudo, com a grande cheia do rio Solimões em 1922, a “Vila da Boca” foi inundada, conseqüentemente os moradores tiveram prejuízos com sua única fonte de sobrevivência. Durante esse episódio, alguns membros da família de Antônio Padeiro procuraram terra firme para abrigo e percorreram cerca de 1 km mata adentro em busca de um local.

Os moradores encontraram terra e a chamaram de “Barro Alto”. Portanto, após a grande cheia de 1922, nessa mediação já havia dois lugares sendo habitados: a “Vila da Boca”, hoje “Boca do Anori”, e “Barro Alto”, hoje município de Anori.

O nome Anori tem origem na palavra indígena em Nheengatu, “uanuri”, nacionalmente significa “tracajá macho”, isso porque antigamente era comum a grande concentração de cágados na região, animal que recebe o nome científico de *Podocnemis*, uma espécie de réptil que vive entre 60 e 90 anos em hábitat natural.

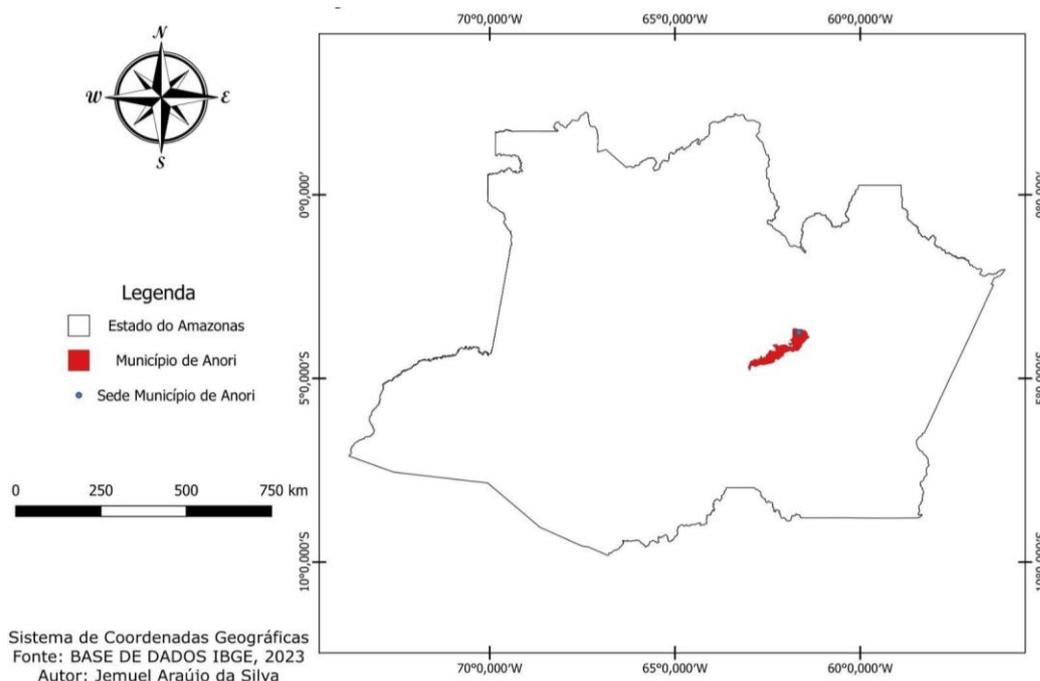
Conforme histórico disponível no site do IBGE (2022a), a denominação como município foi criada pela lei estadual nº 6, de 17 de julho de 1893; no entanto, subordinado a Codajás, distante 240 km da capital. Na divisão administrativa em 1911, a região estava dentro dos limites de Codajás e permaneceu assim até o ano de 1937. Mais tarde, o decreto nº 176, de 1 de dezembro de 1938, extinguiu o distrito de Anori e o anexou como território pertencente a Codajás.

Por conseguinte, no ano de 1943, por meio do decreto nº 1186, de 31 de dezembro desse mesmo ano, o distrito de Anori foi criado novamente, subordinado de novo a Codajás, permanecendo nessa divisão distrital até o ano de 1955.

Finalmente, Anori foi elevado à categoria de município independente através da Lei Ordinária nº 117, de 29 de dezembro de 1956 (Amazonas, 1956). Conforme registros na prefeitura, antes de ser conhecida como a “Terra do Açaí”, a região foi conhecida em todo o Amazonas pela “Festa da Laranja”, pela abundância do fruto na região.

Atualmente, a localidade se destaca na produção de açaí e pelas festas, como Carnaval e o aniversário da cidade. Outros pontos fortes são as festas dos santos padroeiros, a saber, Imaculada Conceição, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora de Nazaré, São Sebastião, São João, Santo Antônio, São Pedro, Santa Luzia, São Francisco de Assis e do Divino Espírito Santo.

Figura 7 – Localização do município de Anori no Amazonas



Fonte: Silva (2023).

Hoje Anori ocupa as seguintes posições no país, tendo como referência a posição nacional (entre 5570) e a posição no estado (entre 62), respectivamente: a) população (1984^a/43^a); b) alfabetização (5526^a/48^a), c) trabalho e rendimento (3288^a/24^a), d) educação (5526^a/48^a), e) economia (4626^a/31^a), f) saúde (1575^a/22^a); g) meio ambiente (2398^a/38^a); e f) território (239^a/47^a) (IBGE, 2022b).

Os municípios são em sua maioria agricultores, pescadores, autônomos, marceneiros, estivadores, professores, dentistas e enfermeiros. O principal meio de renda dos anorienses consiste em atividades voltadas à agricultura, pesca, serviço público e ajuda financeira recebida do governo estadual e federal por meio dos programas: Auxílio Estadual Permanente, Programa Bolsa Família, Bolsa-Escola, Seguro-Defeso para os pescadores, dentre outros.

Em 2021, o salário médio mensal dos anorienses era de 1,8 salários-mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 3,92% na comparação com

os outros municípios do estado, Anori ocupava as posições 24 de 62 e 51 de 62, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 3288 de 5570 e 5467 de 5570. No entanto, conforme indicadores do IBGE (2022b), existe um total de 4.077 pessoas expostas a riscos de vulnerabilidade social em Anori.

A educação cabe ao estado e ao município. Temos um total de 23 escolas municipais na zona urbana e rural de Anori, que atendem educação infantil e ensino fundamental I e II, bem como 3 escolas estaduais que atendem educação infantil, ensino fundamental I e II e ensino médio.

Ao concluírem seus estudos, os jovens anorienses realizam vestibulares e tentam oportunidades de estudo e emprego fora de Anori. Os que ficam na cidade trabalham como atendentes de supermercados e lanchonetes. Os desafios de se deslocarem para a capital são diversos, como estadia e sustento durante o período de estudos; muitos não conseguem.

A cidade tem três postos de saúde – Unidades Básicas de Saúde (UBS) – espalhados em pontos estratégicos, além de um hospital que atende urgência e emergência, que, por ser de pequeno porte, oferece apenas serviços básicos.

O sistema de saúde não dispõe de médicos especialistas; em sua maioria, são residentes e clínicos gerais, não dispendo, portanto, de equipamentos para realização de exames computadorizados e Unidade de Tratamento Intensivo (UTI). Por conta dessa complexidade, muitos diagnósticos são tardios e, como os recursos de alguns moradores são poucos, não conseguem ter uma vida e uma saúde de qualidade. Os que precisam realizar exames e diagnósticos mais específicos viajam para Manacapuru e Manaus.

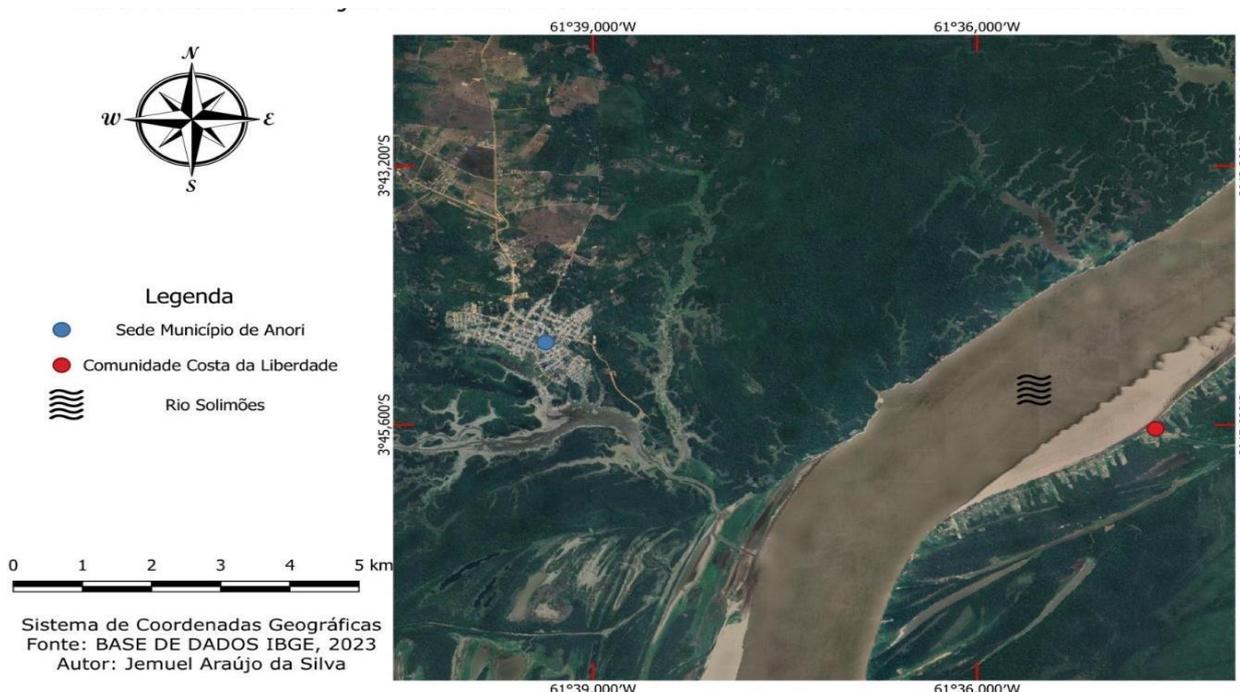
Segundo dados do IBGE (2022b), a taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 15,5 para cada 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 0,1 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 22 de 62 e 56 de 62, respectivamente.

O espaço geográfico vem sofrendo grandes transformações ao longo de décadas, desmatamentos e, conseqüentemente, a perda da arborização. Assim, a região apresenta 2% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 15,4% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 0,2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de escolas, hospitais, água encanada, energia elétrica, bueiros, calçadas, pavimentação e meio-fio), conforme dados do IBGE (2022b).

3.1.1 Zona rural de Anori – Comunidade da Liberdade

No mapa da Figura 8 (adiante), à margem esquerda, a zona urbana de Anori, ao centro o rio Solimões e, à margem direita, a zona rural de Anori, a Comunidade da Liberdade. A comunidade da Liberdade está integrada ao conjunto de 34 comunidades rurais pertencentes ao município.

Figura 8 – Mapa da localização do município de Anori e da Comunidade da Liberdade



Fonte: Silva (2023).

A seleção dessa comunidade ribeirinha para a pesquisa não se deu de forma aleatória, pelo contrário, foi escolhida porque é um espaço cheio de belezas naturais onde os moradores são hospitaleiros e preservam os saberes tradicionais de seus antepassados, fatores que estão fortemente ligados ao modo de falar de cada um. Os dados históricos e atuais foram disponibilizados pelo presidente da comunidade, agente de saúde e por relatos orais de moradores antigos.

Fundada oficialmente em 26 de agosto de 2007 (Cf. Anexo C), a Comunidade da Liberdade abriga e preserva memórias de um povo simples, trabalhador e hospitaleiro. Segundo relatos orais, sua história é marcada pela chegada dos primeiros moradores, Donato dos Santos, Manoel dos Santos e Raimundo Barbosa, por volta de 1966, marco do primeiro povoamento. Esse local foi denominado de comunidade na década de 1980, na gestão do prefeito Sebastião

Barroso. No ano de 2007 foi realizada a 1ª eleição para presidente da comunidade, sendo eleito Ecílio Filho como representante dos moradores na busca de melhorias para a comunidade.

Atualmente é composta de 52 famílias, o que corresponde a 189 moradores, entre crianças, jovens, adultos e idosos, 5 famílias vivem em situação de vulnerabilidade social, por exemplo, 3 três famílias moram em uma única residência (Brasil, 2022b).

Conforme relatos orais, o nome atribuído à comunidade está relacionado à fundação de duas religiões distintas²⁴ que disputavam o mesmo espaço geográfico; para que não houvesse brigas ou mal-entendidos, decidiram então, numa reunião entre os comunitários, que o local se chamaria Liberdade, pois os fiéis teriam a autonomia de escolher qual religião seguir.

O espaço geográfico sofreu algumas mudanças, como o desmatamento de áreas ocasionado pelo fenômeno conhecido como “terra caída”²⁵ e também pela ação humana. Atualmente, a comunidade conta com fornecimento de energia elétrica implementado pelo Programa Luz para Todos, criado pelo Governo Federal em novembro de 2003, implantado no Amazonas um ano depois (Reis Júnior, 2015).

Em 2023, a Prefeitura Municipal de Anori, em parceria com a Águas de Anori, realizou a perfuração de poços artesianos para garantir o acesso contínuo à água de qualidade na comunidade. Segundo a prefeitura, a primeira fase do projeto beneficiou mais de 40 famílias ribeirinhas que enfrentam anualmente os desafios da seca no rio Solimões. No entanto, conforme relatos dos moradores, os poços perfurados não estão funcionando, dessa forma, o abastecimento de água acontece através da utilização direta no rio Solimões ou trazida até algumas residências através de encanamento ou uso de motor-bomba. O lixo é coletado individualmente e queimado nos quintais das próprias casas.

A comunidade possui apenas uma escola, uma igreja católica, igrejas evangélicas, um estabelecimento comercial, um centro social e um campo de futebol. A comunidade não dispõe, em sua localização, de um posto de saúde para atendimento médico de nível básico, farmácia, posto policial e áreas apropriadas para outras práticas esportivas ou lazer dos comunitários.

²⁴ De acordo com relatos orais dos moradores, católicos e protestantes selaram um acordo de paz e a nomearam de “liberdade”.

²⁵ “Terra caída” é um termo utilizado na Amazônia brasileira que se refere à migração de canais por efeito da erosão lateral que ocorre, principalmente, nas margens do rio Amazonas e nos seus afluentes de água branca, causando inúmeros prejuízos sociais aos moradores ribeirinhos (Marques, 2017, p. 17).

Figura 9 – Fachada da Escola Municipal Nova União



Fonte: Acervo do pesquisador.

A Figura 9 mostra a fachada da Escola Municipal Nova União, cujo funcionamento ocorre nos turnos matutino, vespertino e noturno, com turmas multisseriadas de educação infantil e seriadas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, no turno matutino, e do 6º ao 9º ano do ensino fundamental no turno vespertino. No turno noturno funciona o ensino médio tecnológico mediado e uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

3.1.2 Características dos ribeirinhos pertencentes à Comunidade da Liberdade

Marcado por conjunto tradicional de valores, práticas, atitudes e crenças, o homem amazônico detém conhecimentos dos recursos naturais disponíveis na floresta, rios, lagos, terras de várzeas, terras firmes, contribuindo com a economia por meio da produção, herança dos povos indígenas espalhados pelo Brasil. Nesse cenário histórico e cultural estão o que conhecemos como ribeirinhos amazônicos.

Na década de 1970 houve um aumento significativo de trabalhos voltados para os caboclos ribeirinhos, e estudos avaliaram o impacto ambiental de grandes projetos nas comunidades ribeirinhas (Fraxe *et al.*, 2007; Mendonça *et al.*, 2007).

De acordo com Mendonça *et al.* (2007, p. 94):

O termo 'ribeirinho' refere-se àquele que anda pelos rios. O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte, graças, sobretudo,

às terras mais férteis de suas margens. Os primeiros estudos sobre caboclos-ribeirinhos aparecem nos anos cinquenta, com os trabalhos pioneiros de Galvão (1951), Wagley (1952) e Sternberg (1956).

De acordo com Maciel (2019), o modo de vida dos ribeirinhos e a organização são marcados por práticas de trabalho, sendo ponto alto a agricultura e a pesca. Na agricultura se destacam pela plantação de mandioca, macaxeira, feijão, milho, melancia, banana, pequenos canteiros com frutas e legumes, também malva e juta, bem como pela criação de animais como galinhas, porcos e patos. A pesca é fator fundamental para a subsistência dos ribeirinhos, os peixes de lagos mais pescados são tambaqui, pirarucu, curimatã, pacu, matrinxã; os de rio são pirarara, surubim, entre outros.

Figura 10 – Plantação de feijão (à esquerda) e de mandioca (à direita)



Fonte: Acervo do pesquisador.

A economia local é baseada na atividade pesqueira, em plantações de hortaliças, frutas, legumes e mandioca, que serve de base para a alimentação dos moradores e auxilia na renda das famílias. Na Figura 10, podemos observar a grande plantação de “feijão de praia”, e de “mandioca”. Esses alimentos são cultivados no período de estiagem e a colheita é feita quando o rio começa a subir.

Outro fator que também serve de base para a renda familiar são os programas do governo, como o Bolsa Família e demais auxílios do Governo Federal. Ademais, dentre as profissões destacam-se professores, agricultores, pescadores e marceneiros.

Nesse contexto, a vida dos ribeirinhos é cheia de desafios, as ruas são as margens do rio, não existem transportes públicos, hospitais, prontos-socorros, água tratada nem saneamento básico. É uma realidade diferente dos grandes centros urbanos e frequentemente esquecida pelo poder público, fator que contribui para a desvalorização dos menos favorecidos.

Mencionamos também um fator desafiador tanto para o interiorano²⁶ quanto para os ribeirinhos amazônicos, trata-se dos regimes fluviais popularmente conhecidos como: enchente (maio, junho e julho), vazante (agosto), seca (agosto, setembro e outubro), inverno e verão (Pereira *et al.*, 2007).

Durante a cheia, grande parte das terras de plantio estão inundadas, fato que reduz de modo alarmante atividades voltadas à terra; na vazante, as áreas inundadas estão aptas a receberem o plantio; já no período de seca, o nível das águas baixa e pode ocasionar desastres naturais. Como exemplo, citamos a seca histórica do ano de 2023, que afetou diretamente 62 municípios do estado do Amazonas, levando a consequências como desequilíbrio ambiental.

De acordo com Silva e Fearnside (2023), morreram 154 botos no Lago de Tefé, peixes, houve isolamento de comunidade devido ao aumento da temperatura da água, paralisação de transportes fluviais, perdas na agricultura e no meio de subsistência, a pesca. Nesse sentido, “o rio é essencial para o cotidiano do ribeirinho, pois temos: fontes de alimento, tais como a água para beber; o peixe [...]; lugar em que também se lavam as roupas e louças; a via de transporte para outras comunidades, cidades e outros” (Maciel, 2019, p. 28).

Nesta seção, abordamos os aspectos socioeconômicos das zonas urbana e rural de Anori, com o objetivo de familiarizar o leitor com as particularidades dos habitantes do interior e dos ribeirinhos, proporcionando uma compreensão mais profunda das características específicas dessas áreas. A próxima seção é dedicada ao relato da coleta de dados.

3.2 DIÁRIO DE CAMPO

Nesta seção, documentamos o procedimento da coleta de dados conduzida em abril de 2024. Antes disso, apresentamos uma narrativa sobre nosso primeiro contato com o local de pesquisa e a interação com informantes, que se deu com a pesquisa exploratória. Nosso objetivo com essa descrição é evidenciar as adversidades sociais e econômicas enfrentadas pelos habitantes do interior, revelar a realidade e mostrar os desafios inerentes à condução de uma pesquisa sociolinguística no interior do Amazonas.

²⁶ O termo “interiorano” se refere às pessoas que moram nos municípios interiores do Amazonas, em relação à capital, Manaus.

3.2.1 Primeiro contato

No dia 11 de novembro de 2023, sábado, por volta das 20 horas, saí de minha residência em Manaus, localizada na zona leste da cidade, para realizar o que nomeamos de pesquisa exploratória²⁷, momentos de muito aprendizado que, certamente, ficarão marcados.

O processo de viagem começou no período noturno, com um pernoite em hotel no centro da cidade de Manaus. Considerando a grande distância entre a zona leste e o porto de Manaus, a opção pela hospedagem se deu devido à proximidade do hotel ao porto, a fim de evitar o perigo de utilizar transporte de aplicativo durante a madrugada. Por volta das 03h30 de domingo, realizei o *check-out* no hotel e fui à embarcação. A lancha-expresso saiu às 05 horas da manhã do dia 12 de novembro de 2023 (domingo), do Porto da Manaus Moderna²⁸.

Destaco que, por conta da grande estiagem no Amazonas, ocorrida no período de junho a novembro de 2023, algumas embarcações diminuíram suas viagens e outras paralisam totalmente, fato que justifica a dificuldade de locomoção da margem do Solimões para Anori. Por conta disso, escolhi viajar em uma lancha-expressa, que realiza viagens para a cidade de Coari e faz escala à margem esquerda do rio, meio de chegar em Anori para ter o primeiro contato com os informantes da pesquisa.

A bordo da embarcação, por volta das 07h da manhã, pude observar a calmaria do rio, bem como o ar puro longe da capital. A embarcação serviu uma primeira refeição, isto é, o café da manhã. Aproveitei o momento e realizei leituras no percurso da viagem.

O trajeto durou cerca de 6 horas. Por volta das 11h da manhã, cheguei à margem do rio, no porto improvisado de Anori no período da estiagem. A aventura se iniciou por via terrestre: negocieei com um motorista de carro e percorremos eu e minha esposa aproximadamente 2 km até a chegada de minha residência em Anori. A descrição dessa viagem corresponde ao trajeto Manaus – Anori.

Nos dias 13 e 14 de novembro de 2023, iniciei o processo de entrevistas com moradores da zona urbana de Anori. A abordagem seguiu os critérios da Sociolinguística Variacionista. Foi esclarecido ao informante que se tratava de uma pesquisa exploratória e que seria preciso utilizar o gravador de voz, nesse caso, utilizei meu telefone celular (modelo Samsung Galaxy

²⁷ Primeiro contato com os informantes da pesquisa em busca do objeto de estudo. Esse primeiro contato serviu para aprimorarmos os instrumentos de coleta, tempo e qualidade de gravação e reestruturação das células sociais.

²⁸ Na cidade de Manaus, a área portuária serve como ponto de atracação tanto para embarcações interestaduais quanto para aquelas que vêm de diversos municípios do estado do Amazonas. Essa área é composta por balsas, identificadas por suas cores: vermelha, amarela e laranja.

S20FE). Após aceite dos informantes, as gravações foram realizadas. As entrevistas duraram aproximadamente 45 minutos.

No dia 15 de novembro de 2023, realizei as entrevistas na zona rural. Por volta das 04h, fui acordado por minha esposa, tomei café e às 06h, junto a um casal de amigos, fomos de carro para a margem do rio. Foram aproximadamente 2 km percorridos. Chegando à margem, já tínhamos combinado com um canoieiro²⁹ para fazermos a travessia.

Por volta das 06h40, a embarcação, uma canoa rabeta³⁰, já estava à nossa espera. No raiar do dia, realizamos a travessia do rio Solimões, um tempo médio de 45 minutos. Ao chegarmos do outro lado do rio, saímos da canoa e caminhamos por volta de trinta minutos pela praia que se forma quando o rio está seco. Chegamos à casa do primeiro informante às 07h30 da manhã. Fomos convidados a tomar café.

Avisei antecipadamente aos informantes que se tratava de uma conversa em estilo de entrevista e que precisaria registrar a voz, a qual poderia durar de 30 a 40 minutos. Em campo, não encontrei informantes com nível superior de escolaridade. Isso porque a maioria da população das zonas urbana e rural de Anori é composta por adultos com baixa escolaridade formal ou não alfabetizados. Entretanto, por se tratar de uma pesquisa exploratória com caráter descritivo, optei, de forma pragmática, por ampliar o universo da amostra preliminar, permitindo a participação daqueles que, espontaneamente, manifestaram interesse em participar da pesquisa.

Observei que as casas da comunidade ficam à margem direita do rio com uma distância de aproximadamente 5 metros de uma para a outra, agregadas a uma única via sem pavimentação, como mostrado a seguir na Figura 11. Iniciei a caminhada de “cima”³¹ da comunidade e fui “baixando” à medida que ia encerrando as entrevistas.

²⁹ Pessoa responsável por realizar a travessia de pessoas de uma margem a outra do rio Solimões.

³⁰ Tipo de embarcação com motor e hélice fixados na parte traseira da canoa, tradicionalmente utilizado em regiões ribeirinhas, permitindo manobras e navegação em águas rasas, pois o motor fica protegido dentro do casco da canoa, de modo a evitar danos em áreas de baixa profundidade.

³¹ Termo utilizado pelos ribeirinhos para se localizar na margem do rio Solimões: “subir”, “descer”, “subindo” e “descendo o rio”.

Figura 11 – Vila única e casas na Comunidade da Liberdade



Fonte: Acervo do pesquisador.

O trajeto da primeira até a última casa visitada durou cerca de 1h30 de caminhada, sob um forte sol de verão – o que me animou, por vezes, foi a hospitalidade dos ribeirinhos e a disposição em participar da pesquisa. Na última casa, eu e meus amigos fomos convidados a participar de um almoço, um grande assado, sendo servido tambaqui, pacu, e como sobremesa comemos melancia.

3.2.2 Segundo contato

No **dia 12 de abril**, por volta das 10h da manhã, eu e minha esposa saímos do Porto da Manaus Moderna em uma lancha-expressa que faz linha diretamente para o município de Anori. Durante a viagem, observei que a embarcação fez várias paradas curtas nas zonas ribeirinhas. Por volta das 13h, a lancha realizou uma parada no município de Manacapuru e, por volta das 17h, outra parada no município de Anamã. Finalmente, chegamos a Anori por volta das 18h. A viagem durou aproximadamente 8 horas devido às diversas paradas.

No **dia 13 de abril**, por volta das 08h da manhã, utilizando minha motocicleta, fui à procura de informantes para realizar as pesquisas sociolinguísticas na **zona urbana do município de Anori**, uma vez que a pesquisa exploratória me proporcionou uma noção de quais informantes poderiam me receber. Iniciei a busca por um dos maiores bairros, chamado São

João. Por volta das 08h30 cheguei à casa do **primeiro informante**, o qual me recebeu muito bem.

Antes do início da gravação de áudio, conduzi uma conversa detalhada sobre a participação do informante na pesquisa, aproveitei esse momento para realizar o preenchimento da ficha social do informante com as informações pessoais (Cf. Apêndice C). Depois apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, doravante TCLE, o qual foi assinado pelo informante. Expliquei, na ocasião, que seria utilizado meu celular Samsung Galaxy S20FE para a gravação da conversa e os dados informados seriam preservados visando garantir a confidencialidade e seriedade no tratamento das informações.

Após os esclarecimentos sobre a participação na pesquisa, iniciei a gravação utilizando como suporte o roteiro semiestruturado (Cf. Apêndice D). A entrevista ocorreu na cozinha da casa do informante, ambiente calmo. Por vezes, pude ouvir o barulho de aves, cachorros e alguns ruídos de crianças brincando, o que não interferiu na pesquisa, a qual foi realizada sem intercorrências e durou aproximadamente 1h30.

O diálogo com o **segundo informante** começou por volta das 10h da manhã, no bairro São João. Antes, como de protocolo, falei sobre a pesquisa, sobre a contribuição dos informantes para este estudo e apresentei o TCLE para assinatura. Nessa ocasião, realizamos o preenchimento da ficha social e prossegui com a entrevista, a qual aconteceu sem intercorrências e durou aproximadamente 1h. Nesse processo, observei que o informante não tem acesso à internet e nem às redes sociais, no entanto, assiste aos canais abertos para se inteirar das notícias. Ao final, perguntei se o informante poderia me indicar alguém para participar da pesquisa e este assim o fez. Finalmente fui para casa almoçar, tomei banho e descansei até às 13h.

Por volta das 14h30, sob forte sol, fui em busca do **terceiro informante**, conforme indicação do informante anterior. Chegando à casa, fui convidado a entrar e tomei um copo d'água. A entrevista começou aproximadamente às 15h, como de praxe, informei sobre a pesquisa e apresentei o questionário social e o TCLE, os quais foram preenchidos e assinados. Seguindo o roteiro predeterminado, o diálogo foi realizado sem irregularidades e durou aproximadamente 1h40. Nesse dia, consegui realizar três inquéritos dentro dos critérios estabelecidos para esta pesquisa.

No **dia 14 de abril**, por volta das 10h da manhã, saí novamente em busca de informantes no bairro chamado São Sebastião. Ao final, sempre pedia indicação do entrevistado de alguém que pudesse participar. Assim, com a indicação, já ia direto à casa da pessoa apontada para verificar a disponibilidade. Ao chegar à casa do terceiro entrevistado, fui informado de que ele

não se encontrava no município, pois havia saído para pescar e que só voltaria após 4 dias. Dois moradores perguntaram do que se tratava, eu os informei que era uma conversa e identifiquei que as pessoas tinham interesse em participar, sondei e concluí que elas estavam dentro dos critérios para participação na pesquisa.

Após essa primeira triagem, fui até o **quarto informante**, expliquei a forma de participação na pesquisa, que utilizaria o gravador de voz e depois realizamos o preenchimento da ficha social e a assinatura do TCLE. A entrevista iniciou por volta das 11h15 da manhã na sala do informante e foi proveitosa, com duração de aproximadamente 1h. Depois fui convidado para almoçar, no entanto, não aceitei o convite, pois tinha outro informante da mesma residência para entrevistar. Desse modo, realizei o inquérito com o **quinto informante**, que aconteceu também na sala e durou aproximadamente 1h20. Finalizada essa parte, fui para casa almoçar.

No **dia 15 de abril**, por volta das 07h da manhã, saí novamente à procura dos informantes no bairro Centro e cheguei à casa do **sexto informante**. A zona urbana de Anori é considerada pequena e a maioria das pessoas se conhecem, foi o caso desse informante, que, no dia anterior, encontrei em um mercadinho e havia combinado entrevistá-lo nesse horário. Como de costume, realizamos o preenchimento da ficha social e ele assinou o TCLE. O encontro iniciou por volta das 07h40 da manhã e ocorreu sem dificuldades. Ao final, agradei sua disponibilidade e fui em busca de outro informante no Centro.

Cheguei à casa do **sétimo informante** por volta das 09h da manhã, o qual me recebeu muito bem. Aproveitei o momento da conversa inicial para a assinatura do TCLE e para o preenchimento da ficha social. A entrevista começou às 09h30 da manhã. Nesse período, percebi o informante um pouco desconfortável, por conta da gravação. Após uns 15 minutos de gravação, o informante relaxou e prosseguiu, com duração aproximada de 1h. Ao final, voltei à minha residência. Nesse dia, realizei somente 2 coletas no período da manhã, pois à tarde ocorreu um temporal com raios e trovoadas.

No **dia 16 de abril**, fui em busca de mais informantes para a pesquisa, no bairro São Carlos. O agendamento com o informante foi feito previamente pelo WhatsApp no dia anterior. A gravação com o **oitavo informante** ocorreu no período da tarde, por volta das 17h. Chegando à residência do informante, realizei os protocolos da pesquisa e foi realizada a assinatura do TCLE e o preenchimento da ficha social do informante. O procedimento ocorreu no quintal do informante, ao redor de árvores, e durou aproximadamente 1h10.

Os informantes foram receptivos e entusiasmados em participar da pesquisa, embora eu tenha enfrentado algumas dificuldades durante o trabalho de campo, como o não comparecimento de alguns no local e horário marcados, questões climáticas e frequentes cortes

de energia. Na Figura 12, apresento alguns registros pessoais durante a realização da pesquisa na zona urbana de Anori.

Figura 12 – Pesquisador na região urbana de Anori



Fonte: Acervo do pesquisador.

No dia 17 de abril de 2024, por volta das 05h da manhã, acordei, tomei café e encontrei com um casal de amigos na escadaria, conforme combinado no dia anterior. Por volta das 06h da manhã realizei o embarque na canoa rabeta. Durante o trajeto notei a calma do lago de Anori e depois realizei a travessia do rio Solimões, chegando ao local de pesquisa por volta das 07h da manhã. Meu objetivo foi realizar a coleta de dados na Comunidade da Liberdade, zona rural de Anori.

Após sair da embarcação, caminhei até a casa do primeiro informante, chegando por volta das 07h20. Fui muito bem recepcionado e convidado para tomar café da manhã. Após o café, por volta das 08h, iniciei os protocolos de breve apresentação da pesquisa, o preenchimento da ficha e a assinatura do TCLE. Tendo como suporte o roteiro de pesquisa, realizei as perguntas, que foram respondidas pelo informante sem dificuldades, as quais duraram cerca de 1h40. Nesse período observei que as casas da comunidade são em sua maioria de madeira, no estilo “palafitas”³², por conta da cheia do rio.

Nessa mesma residência realizei inquérito com o segundo informante o qual se mostrou receptivo em colaborar com a pesquisa. Realizei os esclarecimentos sobre a participação e em seguida o informante preencheu a ficha social e assinou o TCLE. Diferentemente do primeiro procedimento, a coleta ocorreu no quarto, por conta da dificuldade do entrevistado em sair da

³² Palafita é um tipo de construção posta sobre “estacas”, a certa altura do chão, a fim de evitar alagamentos na cheia dos rios (Cf. Figura 11).

rede, por se tratar de uma pessoa idosa e com comorbidades. A conversa foi proveitosa e significativa, consegui coletar informações históricas sobre a comunidade. Teve duração média de 1h40. Ao final agradeci a recepção e fui em busca de outros informantes nas próximas casas.

Caminhei aproximadamente meia hora e cheguei à casa do terceiro informante, que se mostrou receptivo em contribuir. Na casa moram três famílias, então aproveitei a oportunidade e falei com dois informantes. A conversa com o primeiro informante da residência iniciou por volta das 10h30 e aconteceu na sala, local escolhido para minimizar os barulhos dos outros cômodos da casa, durou aproximadamente 1h e foi tranquila, com a obtenção de áudio com boa qualidade.

Finalizada a coleta anterior, realizei a gravação de áudio do quarto informante; como protocolo de pesquisa, explicitarei a importância da participação e na ocasião efetuei o preenchimento da ficha social e o informante assinou o TCLE. O procedimento da pesquisa durou aproximadamente 55min. Nesse período pude conhecer a realidade dos moradores da Comunidade da Liberdade, a qual relato no tópico 3.2 desta dissertação. Ao término, agradeci aos moradores pela recepção e aos informantes pela disponibilidade.

Segui caminhada, no trajeto, abordei algumas pessoas para participarem, as quais relataram estar com afazeres e não pararam. Por volta das 13h fui à casa do quinto informante, um familiar do casal de amigos que me acompanhava. Chegando à residência, tomei um copo d'água e fui convidado a entrar na casa. A entrevista iniciou às 13h30. Apresentei os protocolos da pesquisa para o informante e na ocasião realizei o preenchimento da ficha social e ele assinou o TCLE. Durante a coleta de dados, o informante falou de suas experiências como pescador e do amor que sente pela comunidade, o diálogo durou cerca de 1h20. Notei ainda a necessidade de acompanhamento das políticas públicas para os ribeirinhos, pois elas não são executadas.

Continuei a caminhada pela via única da comunidade e por volta das 15h cheguei à casa dos pais do casal de amigos que me acompanhava. Lá fomos convidados a almoçar. Na mesa foi servida uma caldeirada de tambaqui e peixes assados. Durante a refeição, observei a falta que os ribeirinhos sentem de alguns recursos básicos que existem na zona urbana de Anori, pois não têm acesso a água encanada, internet³³, pavimentação ou posto de saúde na localidade. Todo atendimento médico é realizado na zona urbana, o que requer que os moradores da Liberdade atravessem o rio Solimões para acessar esses serviços.

Após o almoço, por volta das 16h efetuei a coleta de dados com o sexto informante, na mesma casa onde almocei. De início, falei da importância da participação na pesquisa e foi feito

³³ A conectividade à internet na Comunidade da Liberdade é fornecida pela operadora Vivo e está disponível em locais específicos da região.

o preenchimento da ficha social e a assinatura do TCLE. Depois informei os protocolos da pesquisa, que inclui a gravação de áudio. O inquérito durou aproximadamente 1h30. Ao fim, agradei a recepção, o almoço e a disponibilidade.

Por volta das 17h30, na canoa rabeta, realizamos a travessia do rio Solimões e retornamos à zona urbana de Anori. Nesse dia realizei seis entrevistas – a pretensão era entrevistar oito pessoas, no entanto, ficaram faltando dois informantes para o dia seguinte.

No dia 18 de abril, por volta das 08h, novamente com o casal de amigos, realizamos uma nova viagem para a zona rural. Meu objetivo foi conseguir dois informantes que se encaixassem nos critérios da pesquisa com vistas a preencher as células sociais da pesquisa.

Cheguei à Comunidade por volta das 09h e fui diretamente ao flutuante³⁴ onde reside a família do casal de amigos. Ao chegar ao local, que fica à margem da comunidade fui bem recebido. Por volta das 09h40, apresentei a ficha social e o TCLE, que foi assinado pelo sétimo informante. A entrevista durou aproximadamente 1h e aconteceu sem interrupções. Ao final, agradei a disponibilidade em participar da pesquisa e fui a caminho de outro flutuante que estava próximo em busca do oitavo informante.

Após caminhar cerca de 10min, cheguei ao flutuante do oitavo informante. Por volta das 11h apresentei a ficha social e o TCLE para assinatura, bem como falei ainda da importância da contribuição do informante para esta pesquisa. Iniciamos o diálogo por volta das 11h20 com duração de 1h20. Nesse período, pude perceber que a realidade dos moradores se difere da zona urbana – mesmo que as regiões não estejam tão distantes geograficamente, as distâncias sociais são visíveis.

Após a finalização das entrevistas, eu e o casal de amigos voltamos ao flutuante de seus pais, local onde almoçamos e descansamos por umas duas horas. Nesse dia fechamos as células sociais dos informantes da zona rural com os dois informantes que faltavam. Por volta das 17h, realizamos a travessia do rio Solimões e voltamos à zona urbana do município.

Os ribeirinhos relataram as dificuldades de viver na região, especialmente devido ao abandono pelo poder público, que raramente oferece suporte, a não ser em época de eleição. Apesar das dificuldades, a riqueza vocabular é imensa, descrever os fenômenos linguísticos nessa região é um primeiro passo para o estudo dos aspectos linguísticos no interior do Amazonas. Na Figura 13 apresento alguns registros de coleta de dados na zona rural de Anori.

³⁴ Estrutura habitacional construída sobre o rio (Cf. Figura 14).

Figura 13 – Pesquisador na região rural de Anori



Fonte: Acervo do pesquisador.

Encontrei uma situação única ao observar de perto a vida dos ribeirinhos. As pessoas que vivem nessa área estão sujeitas aos impactos dos grandes eventos naturais locais, como as enchentes e as secas. Ainda me deparei com contextos de fragilidade social, negligência por parte das autoridades e ambientes precários. Sabe-se que existem muitos desafios a ser enfrentados, como o mapeamento descritivo de fenômenos variáveis. Dessa maneira, esta pesquisa de campo evidenciou a importância de estudos sociolinguísticos para compreendermos as variações linguísticas em contextos específicos.

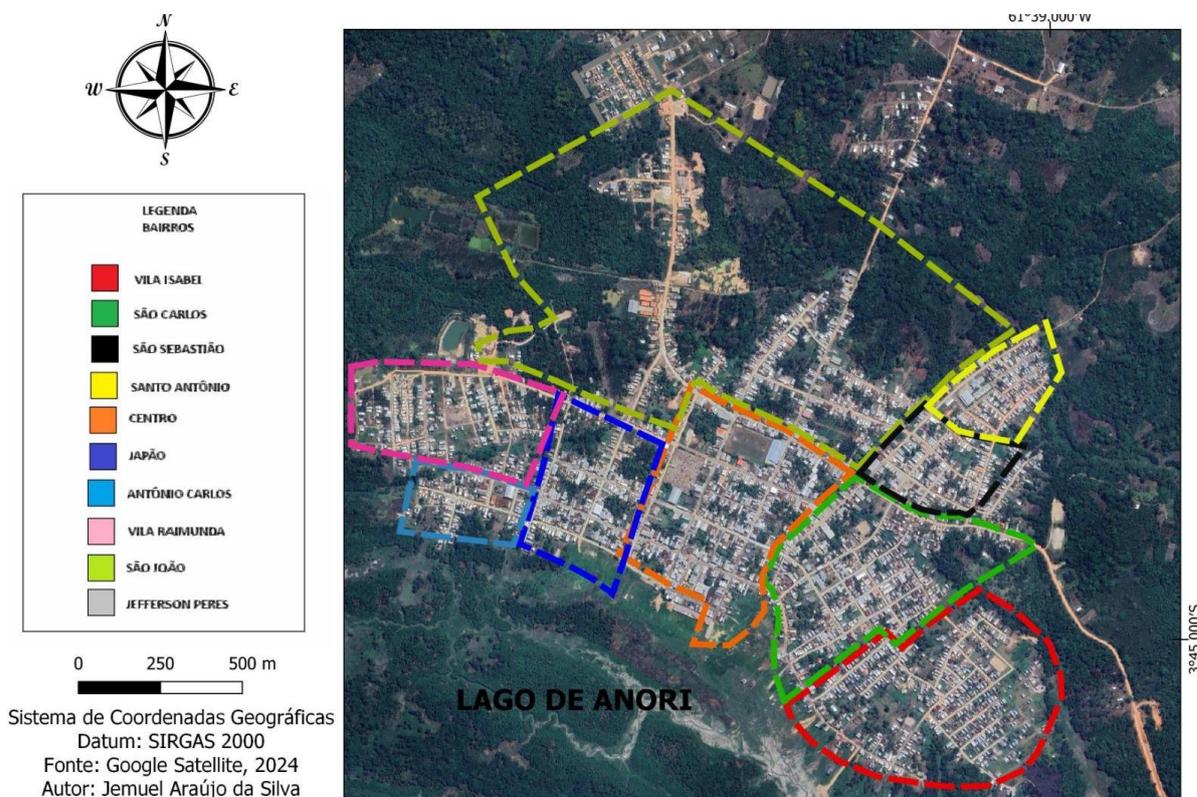
Nesta seção descrevemos detalhadamente a pesquisa exploratória e a pesquisa de campo definitiva que ocorreram entre os meses de novembro e abril de 2024 na zona urbana e rural do município de Anori. Descrever e analisar os aspectos linguísticos dessas localidades é de extrema relevância para compreender a diversidade linguística e social dessa região e para garantir que as necessidades linguísticas dessas comunidades sejam adequadamente atendidas, especialmente no contexto da investigação em P4.

3.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Nosso interesse foi coletar dados de fala no cotidiano anoriense; nesse sentido, concentramo-nos na seleção de 16 informantes representativos das zonas urbana e rural do município (Cf. seção 3.1 e 3.2). Sobre a coleta, “a única maneira de obter bons dados de fala em quantidade suficiente é mediante a entrevista individual, gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática” (Labov, 2008 [1972], p. 244). Antes, porém, da coleta de dados definitiva, este estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM), por meio da Plataforma Brasil, e obteve o parecer de aprovado³⁵ (Cf. Anexo A), seguindo todas as exigências de pesquisas com seres humanos conforme as Resoluções nº 466 (Brasil, 2012) e nº 510 (Brasil, 2016), do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Para melhor compreensão da população selecionada para esta pesquisa, apresentamos na Figura 14 o mapa contendo os bairros do município de Anori.

Figura 14 – Mapa dos bairros do município de Anori



Fonte: Silva (2023).

³⁵ A consulta pode ser realizada gratuitamente pelo nome do pesquisador no site da Plataforma Brasil em: <https://plataformabrasil.saude.gov.br>.

Conforme a Figura 14, o município de Anori é composto por dez bairros: Antonio Carlos, Centro, Japão, Jefferson Peres, Santo Antônio, São Carlos, São João, São Sebastião, Vila Isabel e Vila Raimunda. Na zona urbana, as entrevistas foram realizadas nas casas dos informantes, nos bairros Centro, São Carlos, São João e São Sebastião.

Em pesquisas sociolinguísticas, o pesquisador precisa criar estratégias para realizar com segurança a coleta de dados da melhor maneira possível. Tarallo (1986, p. 20), chama essas estratégias de paradoxo do observador, isto é, coletar dados de fala interferindo minimamente no processo de interação. Para Freitag (2016, p. 18), “a realização de uma coleta de dados com entrevistas sociolinguísticas é um modelo relativamente rápido e eficaz para se constituir uma amostra de uma comunidade de fala”.

Seguindo esses parâmetros, utilizamos instrumentos como ficha social, questionários semiestruturados e entrevista com gravação de áudio. Dentre os assuntos abordados estavam hábitos, costumes, preferências alimentares e festividades locais (Cf. Cezario; Votre, 2010; Coelho *et al.*, 2018; Labov, 2008 [1972]; Monteiro, 2000; Tarallo, 1986; Tavares; Görski, 2015).

3.3.1 Ficha Social do Informante

Para termos informações sobre as características sociais do informante, elaboramos a *Ficha Social do Informante* (Cf. Apêndice C) e a dividimos em três seções: a primeira trouxe informações iniciais, como número do informante, data da entrevista, telefone e o nome do documentador; a segunda incluiu dados extras, como nome completo, idade, data de nascimento, local de nascimento, zona de residência (se rural ou urbana), escolaridade e endereço completo, destacando ainda informações de cunho relevante, como ocupação, lugares visitados, acesso à internet e religião; a terceira seção foi dedicada a informações sobre os pais do informante; finalmente pedimos ao informante a indicação de alguém que pudesse convidar para participar do estudo.

3.3.1.1 Questionários semiestruturados e entrevista

Foi imprescindível a criação de um roteiro para a condução da pesquisa, assim elaboramos questões (Cf. Apêndice D) relacionadas à vivência dos informantes e as dividimos em cinco seções que tratam sobre o local de moradia, questões sociais, culturais, anseios e

esportes, recordações, relação familiar e trabalho/ocupação/renda/educação. O questionário foi elaborado de modo que, durante as entrevistas, os participantes tivessem mais chances de realizar as formas em estudo.

As entrevistas foram realizadas nas casas dos informantes com agendamento prévio de acordo com o roteiro previamente estabelecido. Para a realização da gravação de áudio, utilizei o aparelho celular modelo Samsung Galaxy S20FE. O tempo de duração foi de 45 minutos a 1 hora e meia. Ressaltamos que antes das entrevistas os informantes assinaram o TCLE, documento que formalizou sua participação neste estudo, e que não houve participante que desistiu da pesquisa.

Os informantes foram previamente selecionados a partir dos seguintes critérios sociolinguísticos: a) serem representativos do local onde moram; b) terem nascido e c) não terem se ausentado do local de nascimento por mais de (1/3) um terço de suas vidas (Cf. Coelho *et al.*, 2012; Fernandes, 2021; Tarallo, 1986). Após a definição desses critérios, fui a campo em busca de preencher as células sociais (Cf. seção 3.4.1.1 e 3.4.1.2). A estratificação dos informantes está descrita no Quadro 11.

Quadro 11 – Estratificação dos informantes da pesquisa

| Faixa Etária e Escolaridade | Zona Urbana de Anori | | Zona Rural de Anori | |
|---|-----------------------|----------|---------------------|----------|
| | Masculino | Feminino | Masculino | Feminino |
| 25 a 59 anos Baixa (sem escolaridade ou até o 5º ano do ensino fundamental I) | 1 | 1 | 1 | 1 |
| 25 a 59 anos Alta (ensino fundamental II até o médio) | 1 | 1 | 1 | 1 |
| Mais de 60 anos Baixa (sem escolaridade ou até o 5º ano do ensino fundamental I) | 1 | 1 | 1 | 1 |
| Mais de 60 anos Alta (ensino fundamental II até o médio) | 1 | 1 | 1 | 1 |
| TOTAL | 16 informantes | | | |

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para cada informante criamos um código para identificação, seguindo os seguintes critérios: sexo-gênero, faixa etária, escolaridade, localidade, ordem sequencial. Ilustramos no Quadro 12.

Quadro 12 – Identificação dos informantes da pesquisa

| Sequência | Informantes | Códigos |
|------------------|--|----------------|
| 1° | Masculino, 25-59 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori. | M1BU01 |
| 2° | Feminino, 25-59 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori. | F1BU02 |
| 3° | Masculino, 25-59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori. | M1AU03 |
| 4° | Feminino, 25-59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori. | F1AU04 |
| 5° | Masculino, + de 60 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori. | M2BU05 |
| 6° | Feminino, + de 60 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori. | F2BU06 |
| 7° | Masculino, + de 60 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori. | M2AU07 |
| 8° | Feminino, + de 60 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori. | F2AU08 |
| 9° | Masculino, 25-59 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori. | M1BR09 |
| 10° | Feminino, 25-59 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori. | F1BR10 |
| 11° | Masculino, 25-59 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori. | M1AR11 |
| 12° | Feminino, 25-59 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori. | F1AR12 |
| 13° | Masculino, + de 60 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori. | M2BR13 |
| 14° | Feminino, + de 60 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori. | F2BR14 |
| 15° | Masculino, + de 60 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori. | M2AR15 |
| 16° | Feminino, + de 60 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori. | F2AR16 |

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.4 TRATAMENTO DO *CORPUS*

Nesta seção, apresentamos os procedimentos para tratamento do *corpus*, abrangendo a transcrição dos dados, sua organização e codificação, bem como o tratamento estatístico e análise neste estudo.

3.4.1 Transcrição dos dados

Com os dados em mão, realizei a inserção dos áudios na plataforma on-line Reshape, ferramenta digital de transcrição e edição de textos em tempo real, para auxiliar nesse período exigente que foi a transcrição. Em seguida, fiz a escuta dos áudios com o objetivo de revisá-los, por meio do Microsoft Office Word 365, passo que me permitiu identificar as variantes linguísticas de acordo com os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos controlados nesta pesquisa verificando as possíveis ocorrências e destacando-as em vermelho e amarelo. Com o objetivo de preservar a identidade do informante e manter o sigilo, optamos por utilizar o “X” no lugar do nome do informante ou quando ele se reporta a seus conhecidos ou a terceiros.

Nas palavras de Paiva (2007, p. 135) “[...] a transcrição pressupõe uma pré-análise dos dados, na medida em que nosso posicionamento teórico preestabelece, muitas vezes, a própria unidade de análise a ser considerada [...]”. Finalmente, ajustei os dados nos moldes da transcrição grafemática, seguindo rigorosamente os critérios estabelecidos por Preti (1999), por exemplo, prolongamento de vogal sinalizado por dois-pontos (:), qualquer pausa por reticências (...), entre outros, conforme explicitado no Anexo B desta dissertação.

3.4.1.1 *Organização e codificação dos dados*

Um das etapas importantes na organização dos *corpora* refere-se à validade e à confiabilidade dos dados: a validade está ligada ao fenômeno que pretendemos estudar e a confiabilidade é a possibilidade de reprodução deste estudo por outro pesquisador (Guy; Zilles 2007, p. 116). Tendo como preocupação trazer dados confiáveis e validados, realizamos, no programa Microsoft Office Excel, a seleção e a codificação do fenômeno em estudo em 1.381 linhas com as variantes, como exemplificamos na Figura 15.

Figura 15 – Seleção e codificação da expressão pronominal de P4 no Excel, a partir da fala de Anori (AM)

| CODIFICAÇÃO DOS DADOS - DISSERTAÇÃO DE ROMÁRIO COELHO | |
|--|--|
| Cara...o que a gente mais gosta::... eu posso dizer assim:: eu quase eu nem saio...né? muito assim...de casa e tal...onde eu saio mais | |
| Cara...aqui::... é no tempo das enchente...né? os banho...né? também... tem os lazer também...assim...no próprio sítio da gente... | |
| Sim...de vez em quando::a gente vai pro sítio...a gente marca lá. | |
| Sim...de vez em quando::a gente vai pro sítio...a gente marca lá. | |
| Cara...no meu caso...né? eu uso ainda a magrelinha... a gente chama bicicleta...tô nessa ainda. | |
| Com certeza::...a gente sempre moremos aqui. | |
| Mas...a gente também tem o::...--tem...éh...o celular...né? a gente::... também a gente assiste as informações por ele. | |
| Mas...a gente também tem o::...--tem...éh...o celular...né? a gente::... também a gente assiste as informações por ele. | |
| Eh...nós moramos na comunidade Liberdade...né? mas aqui...especificamente...é a comunidade Monte das Oliveiras. | |
| Cara...mudou muito...muito mesmo...ah...aqui mesmo... como você está vendo::...nós tamo...nós tamo...represados dentro do próprio | |
| Cara...mudou muito...muito mesmo...ah...aqui mesmo... como você está vendo::...nós tamo...nós tamo...represados dentro do próprio | |
| Ai...pra você vê...que esse ano nós ficamos...eu sempre brinco com os meninos e digo...vocês tá vendo...vocês tão vendo? nós tamo | |
| Ai...pra você vê...que esse ano nós ficamos...eu sempre brinco com os meninos e digo...vocês tá vendo...vocês tão vendo? nós tamo | |
| A gente...sempre...nos final de semana...a gente vai a Anori::...nós tem família em Anori...né? a gente vai para lá...ai a gente sai pro | |
| A gente...sempre...nos final de semana...a gente vai a Anori::...nós tem família em Anori...né? a gente vai para lá...ai a gente sai pro | |

Fonte: Elaborada pelo autor.

No Excel realizamos a codificação e a preparação do arquivo de ocorrências conforme a Figura 15, identificando as variantes da nossa variável dependente (expressão de P4) nas cores vermelha e amarela. Essa marcação facilitou a análise e a inserção dos códigos na planilha de codificação. No Quadro 13, que se segue, apresentamos os grupos de fatores que foram controlados neste estudo.

Quadro 13 – Grupos de fatores extralinguístico e linguístico com os respectivos códigos

| VARIÁVEL DEPENDENTE | VARIANTES | CÓDIGOS |
|----------------------------|---|---------|
| Expressão pronominal de P4 | Nós | N |
| | A gente | G |
| VARIÁVEIS INDEPENDENTES | FATORES EXTRALINGUÍSTICOS | CÓDIGOS |
| Sexo/gênero | Masculino | M |
| | Feminino | F |
| Faixa etária | 25 a 59 anos | 1 |
| | + de 60 anos | 2 |
| Escolaridade | Baixa: sem escolaridade/ até o 5º ano do EF | B |
| | Alta: EF 2 (6º ao 9º) até o médio | A |
| Região (Anori) | Zona urbana de Anori | U |
| | Zona rural de Anori | R |

| VARIÁVEIS INDEPENDENTES | FATORES LINGUÍSTICOS | CÓDIGOS |
|--|---|----------------|
| Preenchimento do sujeito | Preenchido | P |
| | Nulo | N |
| Função sintática | Sujeito | S |
| | Objeto direto | D |
| | Objeto indireto | I |
| | Predicativo do sujeito | Q |
| | Adjunto adnominal | M |
| | Adjunto adverbial | A |
| | Complemento nominal | C |
| Referência do pronome | eu + você [+determinado] nível 1 | E |
| | eu + vocês [+determinado] nível 2 | F |
| | eu + ele [-determinado] nível 3 | G |
| | eu + eles [-determinado] nível 4 | H |
| | eu+ todos [- determinado] nível 5 | J |
| Concordância verbal | Nós + <i>-mos</i> | C |
| | Nós + <i>-mo</i> | D |
| | Nós + <i>zero</i> | B |
| | A gente + <i>-mos</i> | A |
| | A gente + <i>-mo</i> | K |
| | A gente + <i>zero</i> | W |
| Tempo verbal | Presente do indicativo | I |
| | Presente do subjuntivo | S |
| | Pretérito perfeito do indicativo | P |
| | Futuro do pretérito do indicativo | T |
| | Pretérito imperfeito do indicativo | V |
| | Pretérito imperfeito do subjuntivo | F |
| | Pretérito mais-que-perfeito do indicativo | C |
| | Futuro do subjuntivo | N |
| | Infinitivo pessoal | L |
| | Futuro do presente do indicativo | D |
| | Imperativo | E |
| | Gerúndio | G |
| | Paralelismo entre sujeitos | Sim |
| Não | | N |
| Saliência fônica (regularidade verbal) | Verbos regulares | S |
| | Verbos irregulares | F |

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.4.1.2 *Tratamento estatístico e análise*

A Sociolinguística laboviana é uma ferramenta robusta e confiável, capaz de investigar uma ampla gama de fenômenos linguísticos variáveis em diversos níveis (Naro, 2007, p. 25). De acordo com Pagotto (2004, p. 49), “a abordagem quantitativa tem sido amplamente adotada, produzindo descrições elucidativas nas análises sociolinguísticas”.

Neste estudo, empregamos o programa Goldvarb X, desenvolvido por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), para a realização de rodadas estatísticas. Nas palavras de Guy e Zilles (2007, p. 105), o programa é definido como “[...] um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. Em linhas gerais, ele processa um grande conjunto de dados linguísticos e define regra variável que ajuda o pesquisador a entender determinada tendência de um fenômeno linguístico.

Os autores destacam algumas funcionalidades desse programa como análise multivariada, isto é, a influência de diversos grupos de fatores sobre a variável em estudo, medição dos efeitos e significância por meio de percentuais e peso relativo (doravante PR), processamento de grandes conjuntos de dados de fala, testes de hipóteses, recodificação de dados, entre outros.

3.5 ENVELOPE DE VARIAÇÃO

Nesta seção, expomos o envelope de variação deste estudo, incluindo a descrição da variável dependente e das variáveis independentes – linguísticas e extralinguísticas – analisadas na pesquisa.

3.5.1 **Descrição da variável dependente**

A nossa variável dependente é binária, representada pelas variantes *nós* e *a gente*, em função de sujeito *preenchido/nulo* (P/N), como nos exemplos (16) e (17), além de outras variáveis que serão discutidas posteriormente.

Com o sujeito preenchido:

- (16) é:: ... wi-fi... né? a gente pega o wi-fi do vizinho lá nas escondida... mas tem... ((risos)) (M1BU01).

Com o sujeito nulo:

- (17) pesquemu muito... graças a Deus... meus irmãos nunca... () têvi dizavença nenhuma comigo... nem eu com eles... me... tratavam de mim muito bem... perdi meu irmão... Deus tirou... mas tudo bem... Deus... precisô (M2AU07).

3.5.2 Descrição das variáveis independentes

Entre as variáveis independentes, sete são de natureza linguística e quatro são de natureza extralinguística. Conforme os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a variação linguística está diretamente relacionada a aspectos da estrutura social, conforme as hipóteses levantadas.

3.5.2.1 Variáveis linguísticas

Após observações preliminares dos dados e também a partir das leituras dos trabalhos resenhados na seção 2.3.1, escolhemos controlar como variáveis independentes linguísticas as seguintes: a) preenchimento do sujeito, b) função sintática, c) referência do pronome, d) marca morfêmica do verbo, e) tempo verbal, f) paralelismo entre sujeitos, g) saliência fônica, h) posição do pronome em relação ao verbo.

3.5.2.1.1 Preenchimento do sujeito

Essa variável examina o preenchimento do sujeito pronominal, que pode ser: *sujeito preenchido*, *sujeito de infinitivo pessoal* e *sujeito nulo*. A literatura recente sobre a variação entre *nós* e *a gente* mostra que, em geral, o sujeito é preenchido, como demonstrado nos trabalhos de Araújo (2014), Borba (1993), Fernandes (2021), Laureano (2003), Mattos (2009, 2013), Muniz (2007), Ramos *et al.* (2009), Seara (2000), Tamanine (2010), entre outros.

Essa variável está relacionada à primeira hipótese (descrita em 2.4.3.1), que examina a relação de obrigatoriedade e/ou ausência do sujeito na fala. Abaixo, ilustramos cada uma dessas categorias:

Sujeito preenchido:

- (18) Não... a gente mora aqui mesmo:: sempre aqui mesmo... (F1BR10).

Sujeito de infinitivo pessoal:

- (19) Rapaz... éh: ... até porque a gente num sabe quem é que toca esses fogo... né? é... muito difícil a gente saber (M1BU01).

Sujeito nulo:

- (20) voltemo... pro:: acampamento... e tal... ajeitemo... fiqumo lá... eles dois né... o X³⁶... e o X são irmão (M1BU01).

3.5.2.1.2 Função sintática

As funções gramaticais têm sido um constante objeto de estudo em pesquisas conduzidas, a exemplo de Lopes (1993), Mendes (2019), Mendonça (2010), Omena (1986, 1998, 2003), Ribeiro (2020), Rocha (2009) e Tamanine (2010), entre outros. Nesse sentido, selecionamos para análise em nosso estudo o seguinte grupo de fator sintático: *sujeito (sujeito de infinitivo pessoal), objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial e complemento nominal*.

De acordo com Vieira e Faraco (2023, p. 72), “o sujeito de uma oração é o constituinte com o qual o verbo concorda”. Ancorados nesse conceito, podemos afirmar que o sujeito tem uma natureza substantiva, sendo representado por um sintagma nominal (Sautchuk, 2010). Essa função sintática é amplamente estudada (Fernandes, 2004; Lopes, 1993; Maia, 2009; Mendes 2007; Mendes, 2019; Mendonça, 2010; Menon, 1995; Omena, 1986, 1998, 2003; Rocha, 2009; Rubio, 2012; Sautchuk, 2010; Vianna, 2006, 2011; Vieira, 2014; Zilles, 2002, 2007), apontando as variantes *nós* e *a gente* em posição de sujeito.

O estudo de Mendonça (2010), intitulado *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*, analisou a função gramatical dessas variantes a partir do *corpus* Português Falado em Vitória (PortVix) com 40 entrevistas. Um dos resultados da pesquisa apontou a função sintática como relevante fator linguístico no condicionamento das variantes *nós* e *a gente*.

Outro aspecto também investigado nas pesquisas supracitadas diz respeito aos complementos verbais, nominais e aos termos acessórios adjunto adnominal e adverbial. Nas palavras de Vieira e Faraco (2023, p. 77),

Uma característica bastante importante sobre os complementos verbais é que alguns deles aparecem em dupla, por exigência de determinados verbos. Quando isso acontece, geralmente o que os diferencia entre si é a ausência ou a presença de uma preposição no início do complemento. Quando não há preposição, o complemento costuma receber o nome de objeto direto (OD); quando há preposição, o nome dado é objeto indireto (OI).

³⁶ Conforme já destacado, para resguardar a identidade do informante utilizamos a letra X no lugar do nome.

Vilela e Koch (2001, p. 370-371) destacam que, no caso do objeto direto, a preposição pode ser obrigatória em certas situações, assim como ocorre antes do pronome átono, do nome *Deus*, ou em situações em que há coordenação entre um objeto direto pronominal e um grupo nominal para desfazer ambiguidades ou tematizar o objeto direto, se o predicativo ocorrer antes do objeto direto e nas frases comparativas reduzidas a objeto direto; a preposição é facultativa com pronomes definidos designativos de pessoa. O objeto indireto é regido pela preposição *a* (ou eventualmente por *para*) e ocorre com alguns verbos transitivos indiretos (como *obedecer*, *agradar*) e transitivos diretos e indiretos (como *dar*, *responder*, *perguntar*). Normalmente, o objeto indireto vem após o verbo e o complemento direto (se este estiver presente), exceto quando realizado por pronome pessoal (Vilela; Koch, 2001).

Além disso, mencionam-se o adjunto adnominal e o adjunto adverbial. O adjunto adnominal é um sintagma interno que se integra a outro sintagma (Sautchuk, 2010, p. 107). Já o adjunto adverbial acrescenta informações e contribui para a organização geral da estrutura (Vieira; Faraco, 2023, p. 81). A seguir, ilustramos cada um dos casos citados.

Sujeito:

- (21) com o sujeito preenchido: Mas assim... está sendo muito legal... muito diferente do que eu imaginava... tipo... eu acho que nós vivemos em uma sociedade... onde as pessoas não planejam casar... sabe... elas não querem isso... elas só querem simplesmente viver uma com as outras... sem compromisso... (F1AU04).

Sujeito de infinitivo pessoal:

- (22) não... o pêxe era só pá nós comer mermo... num pegava esses horrô (F2BU06).

Objeto direto:

- (23) o senhor sabe:: que aqui tem gente praí pros outros cantos... aí diz que mexe... carrega:: as coisas... nossa... aqui nunca ninguém roubou nada... nunca ninguém roubou nada nosso aqui... ele respeita a gente aqui. (F2BR14).

Objeto indireto:

- (24) o problema financeiro sempre acontece... né... quando num... num... ninguém tem um recurso... hoje em dia... graças a Deus... nós já temos um recursozinho porque nós já temos essa aposentadoria... aí pra nós já melhorou 100%... antigamente nós num tinha. (M2AU07).

Adjunto adnominal:

- (25) a gente se junta a grupo de jovens e vai para uma quadra...um campo de jogá bola... a gente faz a própria diversão da gente mesmo... aqui num tem lugar para a gente ir... por exemplu... uma... cachoeira... um lugar assim... para a gente se divertir... coisa atrativa (M1AU03).

Adjunto adverbial:

- (26) a gente sabe que tu é visitante mas tu precisa sentir parte... então a gente leva não... bora aqui com a gente não... bora ali pegar refrigerante... vamos ali pegar o pão então

a gente nunca deixa a pessoa lá só... eu acho que isso é legal... eles gostam dessa parte. (F1AU04).

Complemento nominal:

- (27) tipo assim... a gente:: ... quando vê o desenvolvimento da criança... a gente vai vendo que... os desafios vão aumentando... né? e... por exemplo... a criança... quando ela tá perto da gente... a gente já sabe que ali a gente já vai ter algum desafio... tipo... pra educar (M1AU03).

3.5.2.1.3 Referência do pronome

Outra variável é a referência do pronome. Segundo Araújo (2016), Menon (1995), Omena (1998), Tamanine (2002, 2010) e Vieira (2014), *a gente* possui uma referência mais geral e indeterminada, conforme nossa hipótese descrita no item 2.4.3.1.

Abaixo ilustramos com alguns exemplos:

Eu + você (+determinado):

- (28) porque eu tenho amigos:: que pra mim são chegados que nem irmão... né? pessoas que é... são carente na nossa comunidade:: ... e a gente já ajuda... né? com a ação social... o negócio de a gente ajeitar... assim... vamos dizer... uma muda de roupa (M1BR09).

Eu + ele (-determinado):

- (29) mas assim a gente eu e X a gente tenta ao máximo ser muito parceiro conversar bastante a gente conversa muito qualquer atrito que a gente tem... a gente tenta resolver... mas é uma adaptação... não vou dizer... que é fácil as vezes é muito difícil... você tem que lidar com a opinião...com a opinião totalmente diferente da sua... (F1AU04).

Eu + eles (-determinado):

- (30) no início a gente lembrava:: ... todo dia né... mas agora não... agora a gente vai lembrando em... datas... hoje foi o aniversário do filho dela... hoje era o aniversário dela... (F1AU04).

Eu + todos (-determinado):

- (31) e:: a gente ia viver:: porque:: ... eu acho... na minha opinião... que a gente deve viver bem... aonde a gente se sinta bem... (F1BR10).

No exemplo (28) observa-se um referente *+determinado eu+você* indicando uma interação entre o informante e o pesquisador em (*vamos dizer*). Em (29) quando o informante se refere a si próprio e ao seu marido *eu+ele*, essa referência vai ficando *-determinada (a gente tenta)*. Em (30) ao incluir seus familiares *eu+eles (a gente vai)* e em (31) a população em geral *eu+todos (a gente deve)* os referentes ficam *+indeterminado* se genéricos.

3.5.2.1.4 Concordância verbal

A concordância verbal é um grupo de fator relevante para investigar a hipótese descrita no item 2.4.3.1 deste estudo, bem como para compreendermos o uso das variantes pronominais no Amazonas. A variante *a gente* combina-se frequentemente com verbos na terceira pessoa do singular sem a marcação da desinência, isto é, *zero*, como em “a gente vai”, já variante *nós* é frequentemente usada com verbos na terceira pessoa do plural com a desinência padrão *-mos* como em “nós vamos” (Brustolin, 2009; Lopes, 2003; Omena, 1998; Seara 2000).

Com essa variável, pretendemos examinar o fenômeno da concordância verbal, pois as formas em estudo são flexionadas e concordam com os verbos que as sucedem. Nas palavras de Vieira e Faraco (2023, p. 294):

A concordância pode ser definida como um processo sintático em que a forma de uma palavra é determinada pela forma de outra palavra ou grupo de palavras, em termos de pessoa gramatical (primeira, segunda, terceira), flexão de número (singular ou plural) e/ou flexão de gênero (masculino ou feminino).

Naro *et al.* (1999) abordaram a variação na distribuição dos pronomes de primeira pessoa do plural e as mudanças no padrão de uso das flexões verbais correspondentes no português falado no Brasil, analisando variantes como *nós fala/falamos* e *a gente fala/falamos*. Bortoni-Ricardo (1985) encontrou poucas ocorrências da variante *a gente* flexionada com *-mos* (Zilles *et al.*, 2000, p. 199-201).

Neste estudo, procuramos examinar a marca morfológica do verbo, seguindo as hipóteses descritas no item 2.4.3.1. Ilustramos abaixo:

Nós + -mos:

(32) a nossa trajetória aqui é assim... é por safra... né? o trabalho da pesca é por safra... nós vivemos da:: pesca (M1BR09).

Nós + (mo):

(33) nós tamo vivendo meio... (aperriado)... por exemplo... pra a gente pegar água para fazê:: comida... a gente tem que atravessar a praia... (F1BR10).

Nós + zero:

(34) nós ama (morar) aqui... gostamo mermo... é porque é calmo... né? agora... se for pussívi o camarada dormir até cum a porta distrancada (M2BR13).

A gente + (mos):

(35) com certeza:: ... a gente sempre moremos aqui (M1BU01).

A gente + -mo:

(36) Deus tem que ver teu esforço também... mas se cuidando:: ... né? então é:: isso aí... cara... que a gente passamo:: ... uma situação difícil mesmo... (M1BU01).

A gente + zero:

- (37) Rapaz... a gente planeja uma coisa... né? mas às vezes dá outra... né? mas eu acredito que o cara com saúde... tudo ele vence... né? pode ser um ano bom... mas pode ser um ano também ruim... né? (M2AR15).

3.5.2.1.5 *Tempo verbal*

Quanto à variável tempo verbal, observa-se que os tempos futuro e pretérito perfeito favorecem o uso de *nós*, enquanto os tempos presente do indicativo e as formas nominais tendem a favorecer o uso de *a gente* (Fernandes, 2021; Lopes, 1993; Omena, 1986; Ribeiro, 2020; Vieira, 2014).

O uso de *nós* no pretérito pode ser explicado pelo contexto das entrevistas, que frequentemente envolvem narrativas pessoais e eventos passados, o que favorece essa variante. Por outro lado, *a gente* é mais comum ao descrever ações habituais e referir-se ao tempo presente (Lopes, 1993). Segundo Tamanine (2010), os tempos mais recorrentes para o uso das variantes *nós* e *a gente* são o presente, o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do indicativo. Vieira (2014) também investigou esse fator e concluiu que há uma distribuição equivalente das variantes nos tempos verbais mencionados. Analisaremos, portanto, essas perspectivas.

Ilustramos abaixo:

Presente do indicativo:

- (38) a gente sempre tem que se adequar... né? quando é trabalho assim... a gente tem que se adequar... que é para poder fluir as coisa (M1AU03).

Pretérito perfeito do indicativo:

- (39) mas graças a Deus:: que nós casemu... dia 18 de junho:: ... casemu católico... aí... casemos civil... agora pra casar civil... nós casemo quando -- foi pra nós se batizar... que eu já estava com o X pequeno... o X era pequeno quando nós se batizemo... lá no porto do irmão X que nós fomo casar (F2BR14).

Pretérito imperfeito do indicativo:³⁷

- (40) sempre assim... e então... a gente ia fazer cabanas:: dentro das roças... e aí... a gente ia brincar de culinária... de gastronomia... assim que fazia melhor comida... e aí... as pessoas que a gente recebia eram os nossos colegas... era a maior diversão ((risos)) (F1AR12).

3.5.2.1.6 *Paralelismo entre sujeitos*

Esta variável analisa a manutenção ou a quebra dos pronomes *nós* e *a gente*, ou seja, quando há uma sucessão idêntica de duas formas pronominais ou uma quebra (Tamanine,

³⁷ Consideramos imperfeito os casos semelhantes a esse.

2010). Em outras palavras, o paralelismo sintático entre sujeitos refere-se à “simetria estrutural entre constituintes coordenados e orações coordenadas” (Vieira; Faraco, 2023, p. 130). Nesse sentido, verificamos se há simetria entre os falantes descritos nesta pesquisa e analisamos isso de acordo com a hipótese levantada. Exemplificamos a seguir.

Paralelismo entre sujeitos:

- (41) e todo mês -- nós... onti... nós tava conversando aqui na mesa... nós tava almoçando com ela... e nós tava conversando... graças a Deus... que todo mês nós paga o nosso (dízimo) direitim... inda damu uma oferta de 50 reais cada um de nós dois (M2BR13).

Sem paralelismo entre os sujeitos:

- (42) assim... tinha dia que não tinha o que comer... mas a gente ia por ali e aparecia uma coisinha comia né... porque nós relemu muito... sofremu muito pra criar meus filho (F2BU06).

3.5.2.1.7 *Saliência fônica*

Os estudos sobre concordância aplicam o princípio da saliência fônica, que sugere que formas foneticamente mais evidentes são mais marcadas do que as menos perceptíveis, explicando certos aspectos sincrônicos do uso da língua (Borges, 2004). Fernandes e Gorski (1986), Omena (1986) e Naro *et al.* (1999) investigaram essa variável utilizando diferentes grupos de fatores para testar a saliência fônica com as variantes *nós* e *a gente* (Borges, 2004).

Observe os grupos de fatores utilizados por Omena (1986):

- a) fala/falávamos
- b) fala/falamos
- c) está/estamos
- d) cantou/cantamos
- e) veio/viemos
- f) é/somos
- g) cantar/cantarmos
- h) cantando

Examinamos o grau de saliência em relação aos verbos regulares e irregulares. Quando o verbo é regular, o grau de saliência é menor; quando o verbo é irregular, o grau de saliência é maior. Vejamos dois exemplos adicionais:

Verbos regulares (-salientes):

- (43) a gente vê que::: ainda é uma comunidade unida... apesar de ter::: ... crescido um pouco o índice de criminalidade... até mesmo de morte... mas ainda tem aquelas pessoas de confiança... muitas::: pessoas de confiança... a gente gosta de morar aqui (M1AU03).

Verbos irregulares (+salientes):

- (44) a gente atravessava... vinha a pé de lá da Terra Nova... abeirando pra ir pra dentro do lago... uma vez que nós peguemu -- foi mês de novembro -- finado... que nós fumu fazer uma tal de iluminação pra lá... peguemu um temporal de noite que só faltava se acabar pelos barrancu:: ... ((risos)) (F2BR14).

3.5.2.2 Variáveis extralinguísticas

Reconhecendo que o nosso objeto de análise reflete uma variação condicionada por grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, neste estudo controlamos as seguintes variáveis: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e localidade.

3.5.2.2.1 Sexo/gênero

Desde os primeiros estudos sociolinguísticos, a variável sexo/gênero³⁸ tem sido identificada como um elemento crucial na variação linguística. Estudos de Freitag (2015), Mendes (2019), Paiva (2007), Scherre e Yacovenco (2011) e Silva (2007) enfatizam que, entre as variáveis extralinguísticas, sexo/gênero ocupa uma posição de destaque. A teoria sociolinguística sugere que as diferenças nas relações entre homens e mulheres, condicionadas por grupos de fatores extralinguísticos e linguísticos, podem explicar processos de variação e mudança.

Na mesma direção, Coelho *et al.* (2018) e Scherre (1998) observam que, tradicionalmente, as mulheres tendem a ser mais conservadoras linguisticamente do que os homens e advertem que essa variável não deve ser analisada isoladamente, visto que “os papéis

³⁸ Em nosso estudo, a dicotomia sexo/gênero é identificada como uma questão intrincada que requer uma análise mais aprofundada por parte dos pesquisadores. Apesar de termos voltado nossa atenção para a dimensão do sexo durante a pesquisa, a análise foi limitada ao aspecto do gênero, devido à ausência de informantes que se adequassem às características específicas necessárias para o estudo. Estamos convictos de que existe um amplo campo ainda não explorado no que se refere à intersecção de gênero e sexo na variação e mudança linguística. Assim, é imprescindível que pesquisas futuras nessa área abordem essa questão com profundidade e rigor. Sexo: tem a ver com o biológico e gênero com o papel social. Na Sociolinguística, geralmente, na seleção de informantes observamos o sexo, mas na análise dos dados consideramos os papéis sociais de homens e mulheres (de forma binária).

feminino e masculino nas diversas sociedades estão em constante transformação” (Coelho *et al.*, 2018, p. 44).

Podemos observar, por exemplo, a crescente participação das mulheres em diversos setores da sociedade, incluindo o trabalho, educação e conquistas sociais, e isso reflete mudanças desde o início da década de 1980. Conforme Freitag (2015, p. 21), o cenário dos papéis femininos na sociedade mudou substancialmente. Entre 2012 e 2022, a taxa de participação das mulheres no setor de serviços aumentou para 85,2%, em comparação com 60,4% dos homens. Em 2022, as mulheres dedicaram, em média, 54,4 horas semanais ao trabalho e cuidados, em comparação com 52,1 horas dos homens.

De acordo com os dados do (IBGE, 2024, p. 3-5), as mulheres alcançaram níveis mais elevados no sistema educacional, refletindo uma melhor situação educacional. Diante dessas mudanças, examinaremos a hipótese descrita no tópico 2.4.3.2.1, considerando como a evolução dos papéis de sexo/gênero são condicionadas por grupos de fatores linguísticos e sociais.

3.5.2.2.2 *Faixa etária*

A variável faixa etária examina a relação entre a idade do informante e a variação linguística. O controle dessa variável pode revelar informações sobre mudanças linguísticas em tempo aparente (Coelho *et al.*, 2018). Estudos de Seara (2000) e Zilles (2002) indicam que os jovens estão frequentemente na vanguarda das mudanças linguísticas, adotando variantes inovadoras. Esses estudos foram realizados em capitais como Florianópolis e Porto Alegre; por outro lado, nossa pesquisa foca uma região interiorana.

3.5.2.2.3 *Escolaridade*

A variável escolaridade refere-se ao primeiro contato com a escrita, a forma formalizada da linguagem falada. Sobre a variação na expressão pronominal de primeira pessoa, Coelho *et al.* (2018, p. 41, grifo nosso) afirmam:

Grau de escolaridade: por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como *nós vai* ou *a gente vamos*, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem *nós vamos* e *a gente vai*.

Na escola, temos acesso a diversos tipos de textos verbais e não verbais, bem como aprendemos a variedade culta da língua portuguesa; no excerto os autores exemplificam o uso das variantes *nós* e *a gente* com base na concordância nominal de número, fazendo-nos perceber que a escola promove mudanças significativas na expressão escrita e falada do indivíduo, com ênfase na norma padrão e desconsiderando variações fora dessa norma.

3.5.2.2.4 *Localidade*

Não é necessário se deslocar muito para observar as diferenças linguísticas entre diversas localidades, o que é amplamente reconhecido (Monteiro, 2000, p. 78). Essa variável analisa a frequência das variantes *nós* e *a gente* nas áreas investigadas, levando em conta o uso do sujeito pronominal e outros fatores previamente discutidos. Nosso objetivo é explorar como a variação linguística se distribui em uma região que engloba tanto a zona urbana quanto a zona rural, destacando as características específicas de cada área.

Mollica (2007, p. 27) afirma que a variação pode ser entendida “como um contínuo, onde se podem descrever tendências de uso linguístico de diferentes comunidades de fala com perfis sociolinguísticos variados”. O estudo de Maia (2009) comparou duas comunidades, uma rural (Pombal/Mariana) e uma urbana (Belo Horizonte), e revelou que a mudança linguística tende a ocorrer mais lentamente na zona rural em comparação com a urbana.

Nesta seção, apresentamos o processo de realização da pesquisa, desde a seleção dos informantes, processo de coleta, tratamento e análise dos dados e, finalmente, descrevemos o envelope de variação com os respectivos grupos de fatores.

3.5.3 **Síntese**

Neste capítulo, apresentamos os aspectos socioeconômicos das zonas urbana e rural de Anori, essenciais para compreender a diversidade linguística e social da região. Detalhamos o processo de coleta de dados realizado em abril de 2024, que incluiu a seleção dos informantes e a análise dos fatores linguísticos e extralinguísticos. A descrição desses aspectos é crucial para entender a complexidade da variação linguística local. Além disso, exemplificamos os grupos de fatores analisados, garantindo uma visão clara dos métodos utilizados.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, consideramos descrever o comportamento de *a gente* e de *nós*, à luz dos valores de relevância apontados pelo programa estatístico GoldVarb X (2005), na perspectiva da Sociolinguística Variacionista (WLH, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]). Para melhor organização, dividimos a análise em três subseções: na primeira, expomos de maneira geral a frequência de uso das variantes *nós/a gente*, as decisões tomadas, bem como discutimos os resultados no falar anoriense; na segunda, analisamos os grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico, evidenciando, assim, os pesos relativos; na terceira, verificamos qualitativamente os grupos de fatores não selecionados pelo programa estatístico e/ou excluídos da análise probabilística.

Para Coelho *et al.* (2018, p. 17), “[...] variável é o lugar na gramática em que localizamos variação [...]”; chamamos de variantes as formas individuais que “disputam” esse lugar de variação. Nesse sentido, compreendemos que a regra variável permite que ajustemos nossa forma de falar de acordo com o contexto linguístico, social ou estilístico, escolhendo entre duas ou mais variantes.

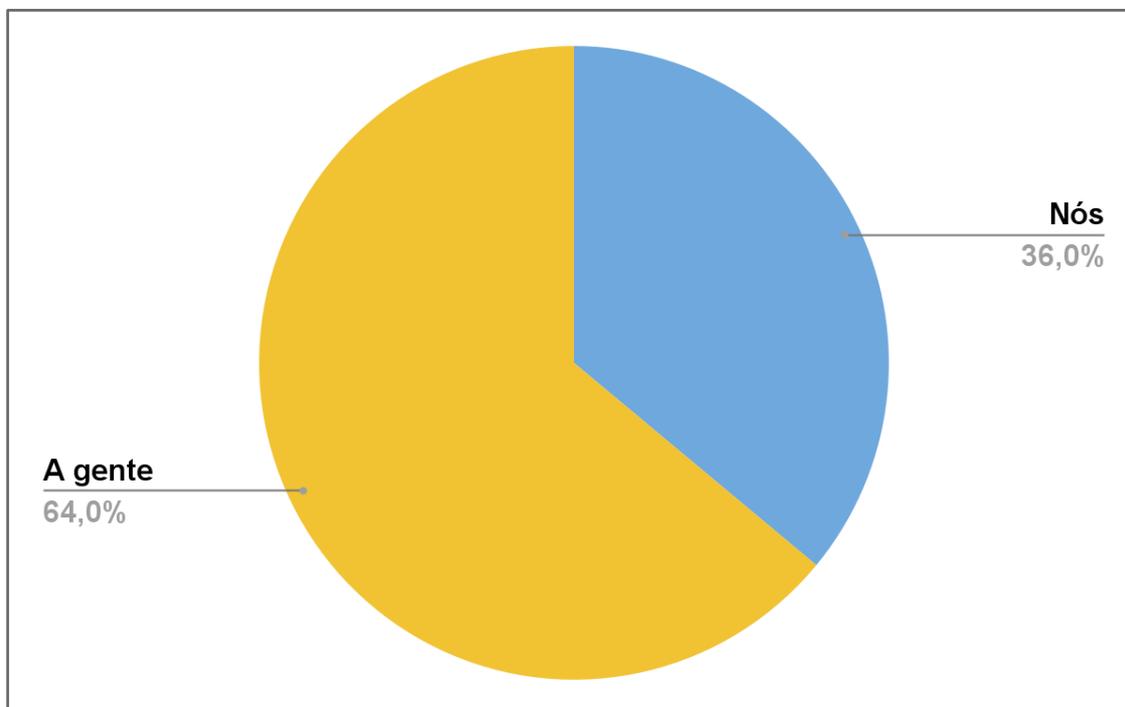
O lugar da gramática em que há variação em nosso estudo é a expressão de P4, ora realizada pela variante no plural *nós*, considerada conservadora, ora pela variante *a gente*, considerada inovadora, claro, a partir de um longo processo de gramaticalização (Lopes, 1993, 1998, 2003, 2004, 2007). Essas variantes são interpretadas como tendo um mesmo conteúdo referencial e por isso constituem um par correlato (Araújo, 2016; Fernandes, 2021; Labov, 2008 [1972]; Mendes, 2019; Ribeiro, 2020; Tamanine, 2010; Tarallo, 1986; Viana; Lopes, 2015; Vieira, 2014).

4.1 RESULTADOS GERAIS DE *NÓS/A GENTE*

Nossa amostra constitui-se de 1.351 ocorrências da variação pronominal *nós/a gente*, sendo 1.224 as consideradas para fins estatísticos. A função sintática de sujeito mostrou-se significativamente relevante, com 1.224/1.351 ocorrências, entre sujeitos desenvolvidos e sujeitos de infinitivo pessoal, em comparação às funções de objeto direto, objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial e complemento nominal que somando totalizam 127/1.351 ocorrências, por isso, neste estudo, consideramos a função sintática de sujeito. Os resultados prévios indicam que a forma *a gente* é a preferida dos anorienses, correspondendo a

64% das ocorrências (864 casos), na retaguarda temos a forma *nós*, com frequência de 36% (487 casos). No gráfico 1, mostramos essa distribuição no cenário anoriense.

Gráfico 1 – Distribuição geral do uso de *nós/a gente* no falar anoriense (AM)



Fonte: Elaborado pelo autor.

O percentual do Gráfico 1 se assemelha aos resultados dos estudos de Tamanine (2010), que identificou 54% para *a gente* e 46% para *nós*. Resultados afins também são encontrados em Vieira (2014), com 67% para *a gente* e 33% para *nós*; em Araújo (2016), que apresentou 65,6% para *a gente* e 34,4% para *nós*; e em Fernandes (2021), que registrou 253 ocorrências de *a gente* contra 40 de *nós*.

Reportando-nos às questões iniciais de pesquisa no tópico 2.4, confirmamos nossa hipótese inicial de que a forma *a gente* é mais frequente do que a forma *nós* para expressar a primeira pessoa do plural. Na rodada geral, identificamos a presença de nocautes³⁹. Em casos de variáveis binárias, como é o caso de nossa variável, Guy e Zilles (2007, p. 160-161) aconselham como melhor solução eliminar ou amalgamar ocorrências com poucos dados, visto que “[...] o nocaute é amalgamado com um não-nocaute [...]”.

³⁹ Para Guy e Zilles (2007, p. 158), “[...] é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente [...]”.

O primeiro nocaute foi identificado no grupo de fator concordância verbal, onde houve nocaute para o fator *a gente* + verbos com a desinência *-mo*, (100% das ocorrências para *a gente* – 2 casos). Decidimos amalgamar *a gente* + *-mo* com a desinência de verbos na primeira pessoa do plural *a gente* + *-mos*, tornando-se apenas um fator. Apresentamos, a seguir, as ocorrências:

A gente + zero:

- (45) a gente sai no final de semana:: ... dá aquela volta... aquela passiada... a gente lancha um pouco por ali... mas semana é muito trabalho... muito trabalho... trabalho de manhã e de tarde... de noite... que é descanso:: (M1AU03).

A gente + -mos:

- (46) aí... ele ficou muito doente:: ... a gente tivemos que ir pra--ele teve que ir pra... Manaus porque aqui não tinha recurso... né? e a gente foi pra Manaus... e eu tinha o meu filho que tava com dois mes de nascido... (F1BU02).

A gente + -mo:

- (47) Deus tem que ver teu esforço também... mas se cuidando:: ... né? então é:: isso aí... cara... que a gente passamo:: ... uma situação difícil mesmo... (M1BU01).

O segundo nocaute identificado envolveu o grupo de fator tempo verbal, especificamente o fator gerúndio, em que todas as ocorrências (100% – 6 casos) referem-se à variante *a gente*. A solução foi excluir o fator gerúndio. Ilustramos abaixo:

- (48) O X pegou muita acabada... a cidade... cabada... eu digo porque eu sei::: de tudinhu... a cidade tá quase toda... a gente andando (cai quase) na lama (M2BU05).
- (49) E essa união de família:: ... que a gente -- ajudou muito ela se recuperar:: ... muito mesmo... porque a gente incentivando... não... mamãe... vai dar certo... a gente vai lhe apoiar:: (F1AR12).
- (50) Na aquela época... o camarada saia na bêra do ri... tinha dia que pensava que era ôta coisa que vinha... vinha cardume de piramutaba:: que vinha estrondando... a bêra toda... e... escumando mermo... e dorado:: ... era... a gente lanciando e eles boiando... aí... perto da canoa (M2BR13)

Ao analisarmos o grupo de fator concordância verbal, constatamos que os fatores *nós* + *-mos*, *nós* + *-mo* e *nós* + *zero* permaneceram nos resultados, mesmo com aplicação da regra para a variante *a gente*, portanto não tivemos como manter essa variável na presente análise, no entanto, examinamos na seção 4.3 a relação das variantes em estudo *a gente/nós* com esse grupo de fator qualitativamente. Dando continuidade às observações, verificamos que houve sobreposição⁴⁰ entre a variável saliência fônica e concordância verbal na análise, por isso

⁴⁰ É quando uma variável independente afeta os resultados de outra variável independente.

tomamos a decisão de **eliminar da rodada os grupos de fatores concordância verbal e saliência fônica**, como exemplificamos em (51), (52) e (53):

- (51) Esse ano... nós colhemos 4 toneladas... (M2AR15).
- (52) Era pegar a chuva mermo... (risadas)... pesquei muito eu mais X::: nós pesquem muito... senão de noite... de noite não... mas de dia... nós pescava muito mermo... mas a gente infrentava a chuva (M2BR13).
- (53) Nós matei... só nesse bando... nós matei... -- eu mais meu irmão e o outro rapaz matemu 4::: em 9 dias... nós ía... matava 3... 4... e a gente ia trabaíá né... aí quando acabava o rancho... rapaz umbora (lá) (M2BU05).

Chamamos a atenção para a variação morfossintática presente no exemplo (53). Observa-se que o falante utilizou *nós matei* em vez de *nós matamos*, um tipo de construção comum em contextos de linguagem coloquial. Mesmo sem o uso explícito dos pronomes *nós* ou *a gente*, o falante transmite a ideia de grupo, incluindo-se, ao mencionar os participantes envolvidos (eu, meu irmão e o outro rapaz), reforçada pelo uso de formas verbais como *matemu*. Nota-se também a alternância entre variantes conservadoras e inovadoras nas expressões *nós ía* e *a gente ia trabaíá*. De acordo com Labov (2008 [1972]) e Tarallo (1986), essa variação reflete uma preferência por simplificações formais, influenciada pelo contexto social, o que expressa a identidade e a realidade social do falante.

Ao conferirmos os grupos de fatores tempo verbal e preenchimento do sujeito, notamos uma alteração na correlação entre os fatores *futuro do pretérito do indicativo* e *preenchido/nulo*, o que ocorreu devido à presença de apenas 8 casos de verbos no referido tempo verbal. Decidimos incluir as duas variáveis, porque elas foram selecionadas como significativas pelo programa. Seguem os exemplos:

- (54) Assim::: a gente poderia auxiliar... auxiliar naquilo -- que muitas das vezes... as pessoas têm perspectiva de algo tão simples... que poderia ajudar a pessoa pro o resto da vida (M1AU03).
- (55) Eu disse pro X::: que a gente deveria abrir um supermercado só pra funcionar de meio-dia até duas horas ((risos)) (F1AU04).

A análise sociolinguística exige atenção e cuidado, principalmente no que diz respeito à análise gramatical de períodos coordenados e subordinados, visto que o pesquisador é quem fornece o comando ao programa para a realização das rodadas estatísticas. Caso a codificação não seja checada, erros podem comprometer os dados.

Com o objetivo de minimizar possíveis equívocos, durante o processo de classificação, sempre que apareceram dúvidas em relação à análise gramatical de períodos complexos, discutimos as questões e validamos as análises.

Durante a revisão, tivemos dúvidas em 32 sentenças com sintaxe complexa, analisamos e tomamos decisões importantes, como a exclusão de falas sem continuidade e sem estrutura sintática clara. Esse processo foi essencial para garantir que nossa amostra incluísse os dados mais relevantes, evitando distorções na análise. A seguir, apresentamos algumas das sentenças excluídas.

- (56) sobre isso... porque a gente num frequentava muito... a mãe... ela ivitava da gente ir lá... mas:: quando eu tava... assim... eu acho que na... na minha fase de adolescência... né? eu lembro... cara... que a gente ia lá e ela já aceitava:: ... já não tinha mais aquele atrito e tal que tinha. (M1BU01).
- (57) aí foi o tempo que nós () que ele comprou o terreno... aí veio pra cá... trabalhô... fez a nossa casinha e nós viemu morar pra cá... aí começemu plantar... o plantio... começou (F2BR14).
- (58) mermo onde a gente num conhece... as vez até... pá tirar a gente... entrar numa questão... para tirar as vez... até (uma vida)... quem pega é a gente... né? (M2BR13).
- (59) Deus foi muito com com a gente em relação a isso... aí tem a igreja... né... então a gente tem aprendido muita coisa (F1AU04)
- (60) assim... a gente... a gente sempre/... foi uma família bem humilde... né? mas o que ela ensinou... assim... fazer... né... uma comida... eu sempre quando eu tô fazendo comida... que eu gosto de um pirarucu ao molho... eu ensino pus meus filho... né? o frango também... eles fica perto de mim... eu creio que tem aprendido... né? então isso são valores que a gente vai passando pus nossos filhos... né? (F1BU02).

No trecho *a mãe... ela ivitava da gente ir lá...* (56) observamos o uso da preposição *de* com o verbo *evitar* e uma construção de oração infinitiva. As falas seguintes são caracterizadas por fragmentações e ausência de continuidade, ideias desconexas, incompletas ou sem progressão lógica como em (57) *aí foi o tempo que nós* (), (58) *mermo onde a gente num conhece*, (59) *Deus foi muito com a gente em relação a isso* e (60) *assim... a gente... a gente sempre/...* Essas construções de períodos complexos inviabilizam uma compreensão clara e coerente das sentenças, comprometendo a consistência da análise.

Diante disso, optamos por excluir essas sentenças, já que sua inclusão prejudicaria a precisão dos resultados e, conseqüentemente, a qualidade das inferências sobre os padrões linguísticos estudados. A decisão de eliminá-las foi baseada na impossibilidade de aplicá-las a uma análise linguística sistemática, visto que a falta de sentido e a ausência de articulação

sintática comprometem não apenas a estrutura das falas, mas também a sua relevância para o propósito da pesquisa.

Neste estudo, controlamos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos descritos no tópico 3.5.2. Após a eliminação dos nocautes, por meio da exclusão dos fatores **concordância verbal**, **saliência fônica** e **gerúndio**, realizamos a rodada dos pesos relativos e aplicamos a regra para a variante *a gente*⁴¹.

O programa Goldvarb X, em que o *input* foi 0,704, selecionou os seguintes grupos de fatores, a partir das 9 variáveis independentes, nesta ordem: **faixa etária**, **escolaridade**, **preenchimento do sujeito**, **tempo verbal**, **referência do pronome**, **paralelismo entre os sujeitos** e **localidade**. Não foram selecionadas as variáveis: *sexo/gênero* e *função sintática*.

A seguir, analisamos os grupos de fatores selecionados pelo programa, destacando os pesos relativos.

4.2 VARIÁVEIS SELECIONADAS PELO GOLDVARB X

Nesta seção, apresentamos as variáveis independentes selecionadas como relevantes pelo programa estatístico Goldvarb X. Faz-se a análise em função da variante *a gente*, já que consideramos essa variante na aplicação da regra.

4.2.1 A variável faixa etária

A primeira variável selecionada pelo programa foi a *faixa etária*, variável social que exemplifica a mudança linguística identificada na alternância entre pronomes de primeira pessoa do plural, amplamente discutida em estudos sobre o português brasileiro (Araujo, 2016; Fernandes, 2021; Mendes, 2019; Ribeiro, 2020; Tamanine, 2010; Vieira, 2014), conforme abordado no tópico 2.4 desta dissertação.

Tabela 1 – Frequência e probabilidade da variante *a gente*, segundo a variável *faixa etária*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | % | PR |
|-------------------------------|-------------------------|----------|-------------|
| Faixa etária 1 (25 a 59 anos) | 655/816 | 80,3% | 0,66 |
| Faixa etária 2 (+ de 60 anos) | 209/535 | 39,1% | 0,26 |

Significância: 0,006

⁴¹ Informamos ao programa que o código da aplicação corresponde à variante *a gente* (G), conforme atribuído a essa variante no tópico 3.4.1.1.

Input: 0,704

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 1, a faixa etária 1 de (25 a 59) favoreceu o uso da variante *a gente* com PR de 0,66. De um total de 816, constatamos 655 casos de uso da variante inovadora entre os mais jovens. Já entre os mais velhos, de um total de 535, somente 209 correspondem à variante inovadora. Os resultados das pesquisas sobre o português brasileiro evidenciam um uso categórico de *a gente* em diferentes faixas etárias, sobretudo entre os mais jovens. Vejamos a seguir alguns desses resultados.

Tamanine (2010) aponta que os jovens preferem *a gente* (PR 0,70); Araújo (2016) reforça esse padrão, com (PR 0,68) entre os informantes de 15 a 25 anos, favorecendo essa forma. Vieira (2014) demonstra que a essa variante é profusamente utilizada em 100% nas faixas etárias de até 30 anos, 48,8% entre 31 e 49 anos e 63,6% acima de 50 anos. Mendes (2019) destaca que, em Itaúna, Piranga e Machacalis, os jovens preferem *a gente* a *nós*; Ribeiro (2020) corrobora essa tendência entre os informantes de 25 a 42 anos, com 72% de frequência de *a gente*. Já Fernandes (2021) apresenta um resultado diferente dos estudos citados, indicando que a forma *nós* é mais utilizada entre 18 a 30 anos, com PR de 0,85, contrastando com o padrão observado nas pesquisas descritas, o que sugere que a variante de prestígio tem lugar também entre os mais jovens.

A comparação dos nossos resultados com os estudos citados, com exceção de Fernandes (2021), demonstra produtividade da forma inovadora *a gente* entre os mais jovens, enquanto a forma *nós* é predominante entre os mais velhos. De acordo com os dados da Tabela 1, a primeira faixa etária (25 a 59 anos) favoreceu *a gente*, o que é demonstrado pelo PR de 0,66, como no exemplo em (61).

(61) na juventude eu gostava de jogar bola... a gente gostava de jogar bola... --brincar... assim... a gente brincava muito... brincadeiras que hoje a gente já num vê mais:: ... a juventude:: de hoje a gente vê mais::: no celular... a gente já não vê mais crianças brincar (F1BU02)⁴².

Em oposição, a segunda faixa etária (+ de 60 anos) desfavorece a aplicação da regra, com um PR de 0,26, pelos 209 casos entre 535 que utilizam *a gente*.

⁴² Feminino, 25-59 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

- (62) me lembro... ela dizia pra mim minha filha... a gente tem que ser uma pessoa que trabalhe... viva bem... seja unido com seus irmão... ela dizia pra mim... minha avó aturou muito (F2BU06)⁴³.

Os resultados confirmam nossa hipótese de que *a gente* é amplamente utilizado entre os mais jovens, sendo menos predominante entre os mais velhos, corroborando os estudos sociolinguísticos brasileiros. Acreditamos que esse favorecimento de *a gente* se deve, principalmente, às mudanças sociais e tecnológicas dos últimos anos, como exposição às redes sociais, e ao fato de a variante não sofrer estigma social (Aráujo, 2016; Fernandes, 2021; Ribeiro, 2020; Tamanine, 2010). Ressaltamos ainda que não realizamos percepção ou avaliação de uso das variantes em estudo, por isso não trazemos estudos que se ocuparam dessa questão.

4.2.2 A variável escolaridade

A segunda variável, por ordem de seleção, foi a escolaridade. O estudo desta – amplamente discutida na literatura, como apontamos no tópico 2.3.1 – nos permitiu verificar a influência dos anos de escolarização e seu reflexo no uso das variantes em estudo. Obtivemos os seguintes resultados, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Frequência e probabilidade da variante *a gente*, segundo a variável *escolaridade*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | % | PR |
|--|------------------|-------|-------------|
| Baixa (sem escolaridade ou até o 5º ano do EF I ⁴⁴) | 321/665 | 48,3% | 0,32 |
| Alta (EF II ⁴⁵ (6º ao 9º ano) até o EM) ⁴⁶ | 543/686 | 72,2% | 0,66 |

Significância: 0,006
Input: 0,704

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os dados da Tabela 2 indicam favorecimento da variante *a gente* entre os informantes com escolaridade alta como em (63), apresentando um PR de 0,66. Por outro lado, essa variante foi desfavorecida entre os informantes com baixa escolaridade (64), com PR de 0,32.

⁴³ Feminino, + de 60 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

⁴⁴ Ensino fundamental 1 (1ª ao 5º ano).

⁴⁵ Ensino fundamental 2 (6º ao 9º ano).

⁴⁶ Ensino médio (1º, 2º e 3º ano).

Escolaridade alta:

- (63) então... a gente foi acostumada naquele momento:: ... aí:: ... quando passô a energia... nós continuamos com o mesmo hábito:: ... então... quando a gente vai assistir TV... vai todo mundo assistir TV (F1AR12)⁴⁷.

Escolaridade baixa:

- (64) meus neto tão precisando de faculdade aqui... olha onde está minha neta... isso que a gente precisa para cá... uma faculdade... uma diversidade pra pessoa puder butar os neto pra estudar ... filho eu não tenho mais... meus filhos todos são formados... graças a Deus (F2BU06)⁴⁸.

Tamanine (2010) revela que os alunos do ensino fundamental I - EF I preferem *a gente* (PR 0,57), Araújo (2016) destaca que esse uso é elevado nas classes sociais mais altas (PR 0,56), e *nós* predomina nas classes médias (PR 0,41) e baixas PR 0,497). Fernandes (2021) sustenta essa tendência, mostrando que no ensino médio - EM essa variante foi favorecida (PR 0,96), enquanto *nós* foi favorecido no ensino fundamental I - EF I (PR 0,95) e no ensino fundamental II - EF II (PR 0,80).

Em (65), apresentamos o uso de *nós* por um informante com escolaridade baixa, da zona rural de Anori, corroborando os resultados de Araújo (2016), Fernandes (2021) e Tamanine (2010).

- (65) Mas graças a Deus:: que nós casemu... dia 18 de junho:: ... casemu católico... aí... casemos civil... agora pra casar civil... nós casemo quando -- foi pra nós se batizar... que eu já estava com o X pequeno... o X era pequeno quando nós se batizemo... lá no porto do irmão X que nós fomo casar (F2BR14)⁴⁹.

Comparando os resultados da Tabela 2 com os estudos descritos, podemos afirmar que os dados convergem na observação de que *a gente* é favorecida entre informantes com escolaridade alta e em estratos sociais mais elevados. Para esclarecer esse resultado, ressaltamos que a amostra identificou no total 8 informantes com alta escolaridade, sendo 4 homens (3 com faixa etária entre 25-59 anos e 1 com + de 60 anos) e 4 mulheres (2 com faixa etária de 25-59 anos e 2 com + de 60 anos). Embora os dados representem apenas 50% dos informantes, consideramos que confirmamos nossa hipótese de que *a gente* é mais produtivo nas falas dos informantes com maior nível de escolaridade, e menos frequente entre os com escolaridade baixa, semelhantemente aos estudos Araújo (2016), Fernandes (2021) e Tamanine (2010).

⁴⁷ Feminino, 25-59 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori.

⁴⁸ Feminino, + de 60 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

⁴⁹ Feminino, + de 60 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori.

Pontuamos ainda que, embora a variante inovadora seja frequente entre os informantes com alta escolaridade, isso não significa que os falantes escolarizados façam uso de acordo com as normas prescritivas nem que os falantes com baixa escolaridade não utilizam, de acordo com as normas gramaticais, a variante inovadora. Vejamos, por exemplo, o uso de *a gente* por um informante masculino, com escolaridade alta, da faixa etária de 25-59, da zona urbana, e por outro informante masculino da mesma faixa etária, da zona rural, em (66) e (67).

- (66) tipo assim... a gente::: ... quando vê o desenvolvimento da criança... a gente vai vendo que... os desafios vão aumentando... né? e... por exemplo... a criança... quando ela tá perto da gente... a gente já sabe que ali a gente já vai ter algum desafio... tipo... pra educar (M1AU03)⁵⁰.
- (67) Eh... nós moramos na comunidade Liberdade... né? mas aqui... especificamente... é a comunidade Monte das Oliveiras (M1BR09)⁵¹.

Esse comportamento linguístico pode ser explicado pela democratização do acesso à educação e exposição à mídia, que também exerce um papel fundamental na disseminação de formas linguísticas mais inovadoras entre os mais escolarizados. Frisamos, no entanto, que embora a variante inovadora não receba estigmas linguísticos, a variante de prestígio ensinada nas escolas é a forma *nós*. Esse resultado pode indicar que a escola, enquanto instituição escolar de letramento e de ensino de regras prescritivas, pode não oferecer tempo de exposição suficiente à forma de maior prestígio ou pode não estar oportunizando exercícios de língua e de gramática que deem conta de explicitar tais usos na educação básica. Por outro lado, os falantes menos escolarizados tendem a fazer menor uso de *a gente*, e mais uso da variante *nós*, o que reflete, em parte, predomínio da forma conservadora, especialmente entre aqueles que vivem em áreas rurais, como em (65).

4.2.3 A variável preenchimento do sujeito

A terceira variável, por ordem de seleção, foi o preenchimento do sujeito. Estudos sobre essa variável linguística, como os de Araújo (2016), Mendes (2019), Tamanine (2010) e Vieira (2014), indicam que os falantes tendem a preencher o sujeito pronominal em suas falas. A Tabela 3 apresenta a distribuição dessa variável em nosso estudo.

⁵⁰ Masculino, 25-59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

⁵¹ Masculino, 25-59 anos, baixa escolaridade, zona rural de Anori.

Tabela 3 – Frequência e probabilidade da variante *a gente*, segundo a variável *preenchimento do sujeito*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | % | PR |
|------------|------------------|-------|-------------|
| Preenchido | 739/1058 | 69,8% | 0,56 |
| Nulo | 54/167 | 32,3% | 0,17 |

Significância: 0,006
Input: 0,704

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os dados da Tabela 3 indicam favorecimento da variante *a gente* quando o sujeito é preenchido como em (68), PR de 0,56. Esse padrão indica que, quando o sujeito está explicitamente presente, a preferência por *a gente* é reforçada. Já quando há um primeiro uso de *a gente*, como em (69), percebe-se uma tendência de apagamento dos subsequentes, o que desfavorece a variante, com PR de 0,17.

(68) PORque::: graças a Deus que nós tamo aqui... é um lugar muito bom... graças a Deus a gente vive bem com os vizinho... GRAças a Deus... né? a gente num tem raiva de ninguém... ninguém vevi mexendo com a gente (F2BR14).

(69) Só que ela começou a sentir dor em outro lugar::: ... né... do corpo dela... era uma dor na coluna... no braço... aqui atrás::: ... e aí a gente achava que era... lá... uma dor... - sim... achava que era isso... (F1AU04).

Os estudos apontam que Tamanine (2010) registrou 54% de uso da variante *a gente* com o sujeito preenchido, em comparação com 46% de *nós*; Araújo (2016) também identificou um grande favorecimento de *a gente* preenchido (PR de 0,535), e Vieira (2014) apontou resultados consistentes, com *a gente* preenchido em 69% dos casos.

Em estudos mais recentes, como o de Mendes (2019), foi registrado favorecimento do preenchimento do sujeito com *a gente* nas cidades de Itaúna e Piranga, contabilizando 235 ocorrências de *a gente* preenchido contra apenas 40 de *nós*, confirmando o favorecimento dessa variante em sujeitos explícitos.

Comparando os resultados dispostos na Tabela 3 com os estudos citados, percebe-se uma tendência similar: esse comportamento mostra que o preenchimento do sujeito favorece tanto uma construção informal, próxima da linguagem do cotidiano, correspondendo à variante *a gente*, quanto empregos mais formais ou conservadores, como o uso de *nós* como em (70).

(70) Mas assim... está sendo muito legal... muito diferente do que eu imaginava... tipo... eu acho que nós vivemos em uma sociedade... onde as pessoas não planejam casar... sabe... elas não querem isso... elas só querem simplesmente viver uma com as outras... sem compromisso... (F1AU04).

Diante do exposto, confirmamos nossa hipótese de que a forma *a gente* é preferida com sujeito preenchido (PR 0,56), e desfavorecida com o sujeito nulo (PR 0,17). Os resultados se alinham às tendências observadas nas pesquisas de Araújo (2016), Lopes (2003), Mendes (2019), Mendonça (2010), Omena (1986, 1998, 2003), Ribeiro (2020), Rocha (2009), Tamanine (2010), Vieira e Faraco (2023) e Vieira (2014), que indicam a predominância de *a gente* na função de sujeito preenchido.

4.2.4 A variável tempo verbal

A quarta variável selecionada, por ordem de seleção, foi o tempo verbal, fator importante nos estudos de Araújo (2016), Ribeiro (2020), Tamanine (2010) e Vieira (2014). Na Tabela 4, apresentamos o comportamento dos fatores referentes a essa questão linguística.

Tabela 4 – Frequência e probabilidade da variante *a gente*, segundo a variável *tempo verbal*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | % | PR |
|------------------------------------|-------------------------|----------|--------------------|
| Pretérito imperfeito do subjuntivo | 11/12 | 91,7% | 0,82 |
| Futuro do presente do indicativo | 27/31 | 87,1% | 0,82 |
| Presente do subjuntivo | 4/2 | 66,7% | 0,60 |
| Presente do indicativo | 456/598 | 76,3% | 0,59 |
| Infinitivo | 26/43 | 60,5% | 0,47 |
| Pretérito imperfeito do indicativo | 155/279 | 55,6% | 0,45 |
| Futuro do pretérito do indicativo | 8/10 | 80,0% | 0,44 ⁵² |
| Pretérito perfeito do indicativo | 97/232 | 41,8% | 0,28 |
| Futuro do subjuntivo | 2/6 | 33,3% | 0,11 |
| Significância: 0,006 | | | |
| <i>Input</i> : 0,704 | | | |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os dados da Tabela 4 indicam o favorecimento da variante *a gente* no *pretérito imperfeito do subjuntivo*, PR de 0,82, como em (71); *futuro do presente do indicativo*⁵³, PR de 0,82, ilustração (72); *presente do subjuntivo*, PR de 0,60, como em (75); e *presente do indicativo*, PR de 0,59, como em (76). Esses tempos verbais indicam uma maior propensão ao uso da variante analisada.

Em contrapartida, foram desfavorecidos os tempos *infinitivo pessoal*, PR de 0,47, como em (77) e (78); *pretérito imperfeito do indicativo*, PR de 0,45, ilustração (79); *futuro do*

⁵² Na análise estatística, os grupos de fatores *tempo verbal* e *preenchimento do sujeito* sofreram interferência nos fatores *futuro do pretérito do indicativo* e *preenchido e nulo*.

⁵³ Assumimos a noção de futuridade discutida por Bandeira e Ramos (2019).

pretérito do indicativo, PR de 0,44, como em (80); *pretérito perfeito do indicativo*, PR de 0,28, ilustração (81); e *futuro do subjuntivo*⁵⁴, PR de 0,11, como em (82).

Bandeira e Ramos (2019) trazem uma importante discussão sobre a marcação de futuridade no português brasileiro, destacando uma diversidade de uso, ao analisarem a expressão de futuridade em 67 cartas do acervo J.G. Araújo, escritas entre os séculos XIX e XX. Os autores confrontaram as noções de futuro nas gramáticas de Cegalla (2009) e Rocha Lima (2011) com as noções de futuridade observadas nos dados coletados.

Segundo os autores, a noção de futuro nas gramáticas é identificada pelas desinências modo-temporais e por verbos, especialmente em tempos compostos. De acordo com Bandeira e Ramos (2019, p. 262), “a futuridade, por sua vez, pauta-se não necessariamente em marcas gramaticais, mas na compreensão que os falantes têm quando se referem às ações que estão para além do presente”.

É clara a diferença entre a noção de futuridade e de futuro; a noção de futuridade não se restringe às características normativas e pode ser analisada a partir do contexto. Em nosso estudo, assumimos a noção de futuridade descrita pelos autores, já que não podemos identificar o futuro exclusivamente por meio de marcações, como *ir* no futuro do presente + infinitivo, em (72), (73) e (74), locução verbal (verbo auxiliar + verbo principal) em (80) e locução formada por verbo auxiliar + preposição + verbo principal, em (82).

A seguir apresentamos os exemplos citados.

Pretérito imperfeito do subjuntivo:

(71) era muito bom se... se... por acaso... a gente tivesse um tio rico... viesse um recurso pra Anori... através... pelo meno... do prefeito... que os prefeitos que entram ele não olham... por... esse escoamento d'água... fica tudo represado e aí a gente sofre muito... até pela água ruim... cheiro da água... FEio... chêro da água ruim mermo... que aí fica até... provoca... as vez... cum tanta agua suja. (M2AU07).

Futuro do presente do indicativo:

(72) então assim:: a gente planta muito... passeia:: a gente gosta de viajar... conhecer outros lugares a gente... final de ano... por exemplo... a gente vai ter o nosso momento com a família tudo mais... mas já está na lista e conhecer exatamente outros lugares...(F1AR12).

(73) então... a gente foi acostumada naquele momento:: ... aí:: ... quando passô a energia... nós continuamos com o mesmo hábito:: ... então... quando a gente vai assistir TV... vai todo mundo assistir TV. (F1AR12)

(74) a gente vai fazer o esforço:: esse ano de 2024 pá dá uma olhada lá na decoração de fim de ano... que é sempre na praça né... (M1BU01).

⁵⁴ Assumimos a noção de futuridade discutida por Bandeira e Ramos (2019).

Presente do subjuntivo:

- (75) que a gente esteja satisfeito... com tudo que a gente conseguiu... realizar nesse final de ano... e conseguir para o próximo... ano... (F1AU04).

Presente do indicativo:

- (76) assim... tem uns que é pra fazer realmente um plantio... né? esses aí a gente concorda... mas eu vejo que a grande maioria desses incêndios são de pessoas que fazem de forma criminal mesmo. (M1AU03).

Infinitivo pessoal:

- (77) eh... sempre as veze a gente saía por aí... adquiria algum... alguma produçãozinha pra gente trazer para casa... pra alimentação. (M2AU07)

- (78) então assim:: a gente planta muito... passeia:: a gente gosta de viajar... conhecer outros lugares a gente... final de ano... por exemplo... a gente vai ter o nosso momento com a família tudo mais... mas já está na lista e conhecer exatamente outros lugares... (F1AR12).

Pretérito imperfeito do indicativo:

- (79) na juventude eu gostava de jogar bola... a gente gostava de jogar bola... -- brincar... assim... a gente brincava muito... brincadeiras que hoje a gente já num vê mais:: ... a juventude:: de hoje a gente vê mais:: no celular... a gente já não vê mais crianças brincar (F1BU02).

Futuro do pretérito do indicativo:

- (80) o ponto negativo acho que pode melhorar:: é:: às vezes nós procuramos em Anori algumas coisas que não tem entendeu? tipo... eu gosto muito de livros então eu gostaria que tivesse uma livraria em Anori não tem uma livraria... né? mas eu acho que a gente deveria ter um lugar onde as pessoas pudessem escolher livros:: ... né? ou pelo menos... ah... eu quero criar o hábito de leitura então aqui tem um local... né? que dá pra escolher um livro legal... (F1AU04).

Pretérito perfeito do indicativo:

- (81) exatamente... foi isso que a gente fez esse ano... agora... setembro pra outubro... já incluímos ela no plano... porque:: eu já pensei... agora vou usar o meu plano (F1AR12).

Futuro do subjuntivo:

- (82) porque se a gente for dar ouvido:: a nossa bagagem... fica tão cheia:: das opiniões dos outros... que a gente adoce e realmente a gente adoce o psicológico da gente:: se a gente não souber equilibrar (F1AR12).

Nos estudos de Tamanine (2010), o favorecimento da variante *a gente* ocorreu principalmente no gerúndio (92%), seguido do pretérito imperfeito do subjuntivo (71%), pretérito imperfeito do indicativo (54%) e presente do indicativo (56%). Já no estudo de Vieira (2016), o presente do indicativo foi o tempo verbal que mais favoreceu a variante (73,6%). Em Araújo (2016), a análise mostrou PR de 0,54 de favorecimento de *a gente* no pretérito perfeito do indicativo e 0,50 no presente do indicativo. Ribeiro (2020) também registrou um alto favorecimento no presente do indicativo, com PR de 0,69.

Ao comparar os dados da Tabela 4 com os estudos de Tamanine (2010) e Vieira (2016), há similaridades e diferenças. Em Tamanine, o pretérito imperfeito do subjuntivo (71%) favoreceu *a gente*, assim como em nosso estudo, com PR de 0,82. O presente do indicativo, que aparece com 56% em Tamanine (2010), 73,6% em Vieira e PR de 0,69 em Ribeiro (2020), está alinhado com os nossos resultados, PR de 0,59, confirmando a tendência observada.

No entanto, não confirmamos a nossa hipótese, porque esperávamos o favorecimento do tempo verbal pretérito imperfeito do indicativo, já que as narrativas pessoais durante a entrevista se referiram aos fatos passados, em nosso estudo esse tempo foi desfavorecido, com PR de 0,45, como na ilustração (73).

4.2.5 A variável referência do pronome

A quinta variável selecionada foi a referência do pronome, também conhecida sob os rótulos de determinação [+determinado]/[-determinado], controle do referente [+específico]/[+genérico], referência do sujeito [-específico]/[+específico], conforme abordado nos trabalhos de Araújo (2016), Lopes (1993, 1998, 2003, 2004, 2007), Mendes (2019), Ribeiro (2020), Tamanine (2010) e Vieira (2014). Esses estudos investigaram a referência dos pronomes *nós/a gente* em contextos sociolinguísticos, revelando padrões semelhantes quanto ao tipo de referência. Vejamos os dados registrados na Tabela 5.

Tabela 5 – Frequência e probabilidade da variante *a gente*, segundo a variável *referência do pronome*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | % | PR |
|-----------------------------------|------------------|-------|-------------|
| Eu + todos [-determinado] nível 5 | 168/203 | 82,8% | 0,68 |
| Eu + eles [-determinado] nível 4 | 618/997 | 62,0% | 0,47 |
| Eu + ele [+determinado] nível 3 | 77/142 | 54,2% | 0,40 |
| Eu + você [+determinado] nível 1 | 1/9 | 11,1% | 0,13 |

Significância: 0,006
Input: 0,704

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 5, *a gente* é favorecido quando seu referente é *-determinado*, (nível 5: eu + todos), como em (83), com PR de 0,68; quando o referente vai ficando menos genérico, ocorre o desfavorecimento da aplicação da regra, como em *eu + eles* (nível 4) (PR de 0,47), conforme o exemplo (84); *eu + ele* (nível 3) com PR de 0,40, como o exemplo (85); e *eu + você* (nível 1) com PR de 0,13, como em (86). Já a variante *nós* ganha terreno quando o

referente é +*determinado*, como em (87) e (88). Portanto, conclui-se que a variante *nós* é favorecida quando o sujeito é +*determinado*.

Eu + todos [-determinado]:

- (83) meu (...)... ééé... aqui na cidade de Anori... a gente tá (o informante se refere a todos os municípios)... precisANDo de... de muitos objetivo... pelo meno... de escoação d'água que nós num temo... as águas vive todo preso... pela saí... num tem sarjeta e a gente passa muita dificuldade com essas água parada... fechada as saída (M2AU07).

Eu + eles [-determinado]:

- (84) sempre assim... e então... a gente ia fazer (a informante se refere às suas amigas) cabanas:: dentro das roças... e aí... a gente ia brincar de culinária... de gastronomia... assim que fazia melhor comida... e aí... as pessoas que a gente recebia eram os nossos colegas... era a maior diversão ((risos)) (F1AR12).

Eu + ele [+determinado]

- (85) é... eu acho que a gente tem que levar ele junto com a gente eu acho que o que torna mais fácil é tudo uma questão de conversa... né... nós temos a mesma ideia... eu e o X (a informante se refere ao seu esposo)... a gente não diverge quanto a igreja... entendeu? a gente tem a nossa vida sim... muito importante... porque é tipo assim... dia de sábado e domingo a gente tem que ir para a igreja... então a gente não tem... tipo assim... tu não vai para a igreja hoje não? a gente não tem isso... entendeu? não... deu o horário todo mundo está se arrumando... não tem esse problema... (F1AU04).
- (86) quando eu olhei... distância assim dos 200 metros... o Jaú boiou lá embaixo... cara... em cima d 'água... nadando... ele disse pra mim (o informante se refere ao seu parceiro de pesca) ... e agora o que qui... nós faz? eu disse... agora tu funciona a ronda... nós joga essa rede de volta no rumo desse peixe (M1BR09).

Eu + você [+determinado]:

- (87) rapaz... éh: ... até porque a gente num sabe (o informante se refere ao pesquisador) quem é que toca esses fogo... né? é... muito difícil a gente saber (M1BU01).
- (88) rapaz... num mundão que nem esse que nós tamo vivo... (o informante se refere ao pesquisador). a gente:: ...-eu como pai... posso dizer assim:: né? quando tu sai da porta de casa que tu olha pum lado e pra ôtro... tu já vê perigo de todos os lados (M1BU01).

Tamanine (2010) constatou que *a gente* é favorecido quando o referente é indeterminado (62%) e *nós* quando o referente é determinado. Já Vieira (2014) observou a predominância de *a gente* com referência indeterminada (85,7%) e *nós* com determinada 13,7%. Araújo (2016) confirmou essa preferência pela indeterminação de *a gente* (72,6%), bem como *nós* ocorrendo com referentes específicos. Mendes (2019) também associou *a gente* a sujeitos determinados. Ribeiro (2020) mostrou uma tendência similar com referentes genéricos (68,9%) e *nós* com específicos (58,3%). Lopes (2003) observou o uso mais em contextos indeterminados. Esses

estudos apontam para uma correlação consistente entre o uso de *a gente* com referentes mais genéricos e *nós* com referentes mais específicos.

Ao comparar esses resultados com os dados da Tabela 5, a tendência permanece semelhante, mas com algumas nuances relacionadas ao grau de determinação do referente. Os resultados confirmam nossa hipótese de que *a gente* é favorecido quando o referente é indeterminado, como em *eu + todos*, PR de 0,68. À medida que o referente se torna mais específico, essa preferência tende a diminuir, como em *eu + eles*, *eu + ele* ou *eu + você*, sendo predominante o uso de *nós*, dados que corroboram os resultados dos estudos de Araújo (2016), Lopes (2003), Ribeiro (2020) e Vieira (2014).

4.2.6 A variável paralelismo entre sujeitos

A sexta variável selecionada, por ordem de seleção, foi o paralelismo entre os sujeitos. Assumimos como paralelismo sintático quando há correspondência em forma e posição de constituintes ou orações, como descrito na seção 2.4.3.1.6, isto é, a repetição ou alternância entre os pronomes *nós/a gente*. Portanto, controlamos os fatores (sim) para ocorrências de paralelismo e (não) para não ocorrências de paralelismo e apresentamos, na Tabela 6, a distribuição dessa variante na fala anoriense, comparando os nossos resultados com o trabalho de Fernandes (2021), realizado na região Norte de Manaus.

Tabela 6 – Frequência e probabilidade da variante *a gente*, segundo a variável *paralelismo entre sujeitos*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | % | PR |
|----------------|-------------------------|----------|-------------|
| Sim | 456/ 651 | 70,0% | 0,55 |
| Não | 246/427 | 57,6% | 0,41 |

Significância: 0,006
Input: 0,704

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com os dados da Tabela 6, a variante *a gente* é favorecida em contextos em que há paralelismo, com PR de 0,55, como em (89). Por outro lado, a regra é desfavorecida quando não há paralelismo, com PR de 0,41, como em (90).

Com paralelismo:

- (89) como a gente foi criado dessa forma... a nossa diversão era com poucas coisa... então... a gente... a gente... na juventude... a gente às vez chamava pra ir jogar bola... chamava pra ir pescar... tudo isso era diversão a gente se juntava os grupos lá... a gente saía (M1AU03).

Sem paralelismo:

- (90) é... brincar... a gente brincava muito... aonde nós morava era onze primo... aí ... nesse tempo era bêra de lago... pescaria... a gente ia pescar e quando chegava... a gente ia treinar capoeira... lutar... capoeira é uma luta que o cara dá a tesoura... dá a (rastêra)... joga o outro quebrado por trás (M2AU07).

A pesquisa de Fernandes (2021) considerou os mesmos fatores analisados por Vitório (2017), como a *realização isolada*, o *primeiro da série* e a *sequência de pronomes antecidos* por *nós* ou a *gente*. Os resultados mostraram que, quando *nós* aparece como o primeiro da série, ele é favorecido com PR de 0,75. Já na realização isolada, *nós* foi favorecido com peso de 0,77. Quando *a gente* é antecido por outro *a gente*, ele foi mantido com peso de 0,84. Da mesma forma, quando *nós* é antecido por outro *nós*, houve favorecimento na manutenção, com PR de 0,99. Esses dados indicam que o contexto e a repetição dos pronomes influenciam na escolha entre *nós* e *gente*.

Em nosso estudo, não verificamos os fatores analisados por Fernandes (2021), como a realização isolada, o primeiro da série ou a sequência de pronomes; nossa análise priorizou a presença ou ausência de paralelismo, indicando que a repetição influencia a escolha da variante. Nossa hipótese foi confirmada, indicando que a sequência *a gente* > *a gente* (89) favorece o paralelismo, enquanto *a gente* > *nós* desfavorece (90). Indicando que a repetição do mesmo pronome na sentença favorece contextos de paralelismo.

4.2.7 A variável localidade

A sétima variável selecionada como relevante para a aplicação da regra foi localidade, também objeto de estudo de Maia (2009), cujos dados utilizamos para comparação. A análise dessa variável permite observar padrões regionais, como mostrado nos resultados apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 – Frequência e probabilidade da variante *a gente*, segundo a variável *localidade*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | Aplicação/ Total | % | PR |
|----------------------|-------------------------|----------|-------------|
| Zona urbana de Anori | 520/749 | 69,4% | 0,54 |
| Zona rural de Anori | 344/602 | 57,1% | 0,44 |

Significância: 0,006
Input: 0,704

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com a Tabela 7, pode-se observar que a zona urbana de Anori favorece o uso da variante *a gente* (PR de 0,54), mas quase no ponto neutro, como em (91), indicando que os falantes dessa região tendem a utilizar mais essa variante em suas falas. Por outro lado, na zona rural de Anori, a variante foi desfavorecida (PR de 0,44) conforme o exemplo (92), o que indica que na zona rural o uso de *nós* é mais frequente.

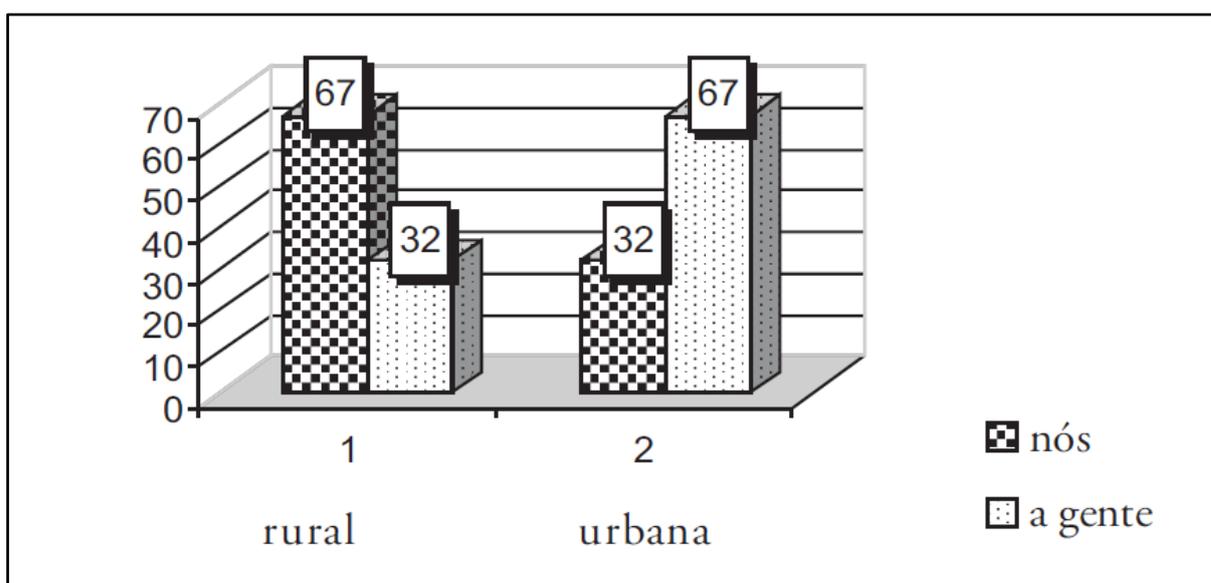
(91) quando lembro do baião... a gente diz... logo que a gente vai comer um outro... diz... ah::: não é que nem o do vovô... num é que nem o do vovô... não sai... quase... chegava lá... mas não era (M1AU03).

(92) ela dizia que nós estaríamos... entre assim... com a mente mais aberta pra aprender... né ((risos)) então... quando nós chegava... depois que nós chegava da escola::: aí... tinha o momento do almoço::: do banho::: e ela ia ensinar a atividade de casa (F1AR12).

Esses dados apontam para uma diferença significativa no comportamento linguístico entre os falantes das zonas urbana e rural, refletindo possivelmente fortes influências culturais e sociais nesses espaços.

O estudo de Maia (2009) controlou essa variável para analisar o uso das formas *nós/a gente* no dialeto mineiro, com dois *corpora* de fala, sendo um urbano de Minas Gerais e outro rural de Pombal/Mariana. Vejamos os resultados registrados por Maia (2009) na Figura 16.

Figura 16 – *Nós/a gente* segundo a variável *localidade* no estudo de Maia (2009)



Fonte: Reprodução de Maia (2009, p. 58).

Na Figura 16, observa-se predomínio da variante *a gente* na zona urbana (67 casos) em detrimento de *nós* (32 casos). Já na zona rural, predomina a variante *nós* (67 casos), contra *a*

gente (32 casos). Esses resultados vão de encontro aos desta pesquisa, conforme observado na Tabela 7, pois a zona urbana de Anori também favoreceu o uso de *a gente* (PR de 0,54); já a zona rural de Anori desfavoreceu a aplicação da regra (PR de 0,44).

Comparando nossos resultados com os de Maia (2009), podemos afirmar que na zona rural de Anori a mudança apresenta um ritmo mais lento, se comparada à zona urbana. Além disso, confirmamos a nossa hipótese de que na zona urbana a variante *a gente* é mais utilizada que na zona rural.

Os dados podem ser explicados pela faixa etária, sendo o uso frequente de *nós* entre os mais velhos e também pelo isolamento em períodos de seca, quando o acesso à comunidade é menor até o nível do rio voltar a subir. Os 344 casos de *a gente* presentes nessa localidade podem indicar a presença dos jovens escolarizados e a intervenção das redes sociais nas interações cotidianas.

4.3 VARIÁVEIS NÃO SELECIONADAS PELO GOLDVARB X

Nesta seção, apresentamos as variáveis que não foram selecionadas pelo programa estatístico. Os dados correspondem a um total de 1.351 ocorrências, sem considerar os amálgamas e exclusão de grupos de fatores. Acreditamos que os resultados a seguir são significativos. .

4.3.1 A variável sexo/gênero

Embora essa variável social não tenha sido selecionada em nosso estudo, analisamos os dados e apresentamos o percentual em relação a esse uso e comparamos com os resultados dos estudos de Tamanine (2010), Vieira (2014) e Mendes (2019). Essa análise permite uma reflexão sobre a escolha da variante no falar anoriense.

Tabela 8 – Frequência de *nós/a gente*, segundo a variável social *sexo/gênero*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | A expressão de P4 | | |
|--------------|-------------------|------------------|--------------|
| | <i>A gente</i> | <i>Nós</i> | total |
| Masculino | 359/63,1% | 210/36,9% | 569 |
| Feminino | 505/64,6% | 277/35,4% | 782 |
| TOTAL | 864/64% | 487/36,0% | 1.351 |

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os dados apresentados na Tabela 8 indicam elevada preferência pela variante *a gente* tanto pelas mulheres 64,6%, como em (93), quanto pelos homens 63,1%, como em (94); o uso da variante *nós* pelos homens ficou com 36,9%, como em (95), e pelas mulheres com 35,4%, como em (96). Esses resultados indicam maior produtividade da variante inovadora em ambos os sexos/gêneros.

- (93) sim... é legal eu já comecei né... a fazer:: isso... mas a gente:: gosta muito de açai... (F1AU04)⁵⁵.
- (94) ah... a festa a gente ia pá dançá nas festa... tá junto com seus amigo... lá conversando e tal... formasse uma... (uma) azar... eu corria e deixava eles pra lá... eu não andava não... (M2BU05)⁵⁶.
- (95) quando o sinhô quiser aparecer:: nós estamos aqui (M2AR15)⁵⁷.
- (96) nós gosta::de morar aqui... porque fica perto... né? a cidade... pra... nós... aqui é o primeiro bairro... né? que chega... quem vem de lá... ele é o primeiro bairro... ahn... então fica tudo perto aqui... pra nós... é o ()... nós ficar aqui até (F1BU02)⁵⁸.

O estudo de Tamanine (2010) indica que a variante inovadora é a preferida das mulheres (58%), apresentando uma razão de prevalência (PR) de 0,55. Mendes (2019) e Vieira (2014) corroboram essa tendência, destacando que as mulheres utilizam *a gente* com maior frequência. Fernandes (2021) e Ribeiro (2020) também reforçam essa observação, com Fernandes (2021) apontando que as mulheres optaram por essa variante com PR de 0,58.

Ao comparar os dados apresentados na Tabela 8 com as conclusões dos estudos citados, observa-se um padrão consistente de uso da variante *a gente* tanto pelas mulheres quanto pelos homens. O estudo, em parte, reflete a tendência geral de que as mulheres ocidentais optam por formas linguísticas mais informais e inovadoras.

Os dados confirmam nossa hipótese de que as mulheres lideram o uso da variante inovadora, embora com uma pequena diferença em relação aos homens. Os dados não indicam uma tendência de uso, o que podemos afirmar é que tanto as mulheres quanto os homens preferem utilizar *a gente* a *nós*, o que reforça a ideia de que a linguagem é condicionada por grupos de fatores linguísticos e sociais.

⁵⁵ Feminino, 25-59 anos, alta escolaridade, zona urbana de Anori.

⁵⁶ Masculino, + de 60 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

⁵⁷ Masculino, + de 60 anos, alta escolaridade, zona rural de Anori.

⁵⁸ Feminino, 25-59 anos, baixa escolaridade, zona urbana de Anori.

4.3.2 A variável função sintática

Analizamos a variável função sintática porque ela foi considerada relevante nos estudos de Araújo (2016), Mendes (2019) e Vieira (2014), como descrevemos no tópico 2.3.1. Na Tabela 9, apresentamos a frequência das variantes *nós/a gente*, em todas as funções sintáticas dispostas.

Tabela 9 – Frequência de *nós/a gente*, segundo a variável linguística *função sintática*, no falar dos moradores de Anori (AM)

| Fatores | A expressão de P4 | | |
|-------------------------------|-------------------|----------------|--------------|
| | <i>A gente</i> | <i>Nós</i> | total |
| Sujeito desenvolvido | 760/64,8% | 412/35,2% | 1.172 |
| Objeto indireto | 25/46,3% | 29/53,7% | 54 |
| Sujeito de infinitivo pessoal | 32/61,5% | 20/38,5% | 52 |
| Objeto direto | 16/44,4% | 20/55,6% | 36 |
| Adjunto adverbial | 20/90,9% | 2/9,1% | 22 |
| Complemento nominal | 8/72,7% | 3/27,3% | 11 |
| Adjunto adnominal | 3/75% | 1/25% | 4 |
| TOTAL | 864/64% | 487/36% | 1.351 |

Fonte: Elaborada pelo autor.

A Tabela 9 mostra maior produtividade de *a gente* nas funções de: sujeito *desenvolvido* (64,8%), como em (97) e (98), e junto *a nós*, como em (99); *sujeito de infinitivo pessoal* (61,5%), conforme em (100); *adjunto adverbial* (90,9%), em (101); *complemento nominal* (72,7%), em (102); e *adjunto adnominal* (75%), como em (103). Já a variante *nós* é registrada com *objeto indireto* (53,7%), em (104), e *objeto direto* (55,6%), como em (105), de acordo com o que podemos conferir nos exemplos a seguir.

Sujeito desenvolvido:

- (97) é... difícu... né? o temporal... a gente vai pá bêra pá deixar passar... que:: ... aquela chuva pá poder a gente vim... porque o temporal no meio do Solimões aí é muito difícu... (F1BU02).
- (98) nós tamo vivendo meio... (aperriado)... por exemplo... pra a gente pegar água para fazê:: comida... a gente tem que atravessar a praia... (F1BR10)
- (99) então assim:: a gente planta muito... passeia:: a gente gosta de viajar... conhecer outros lugares a gente... final de ano... por exemplo... a gente vai ter o nosso momento com a família tudo mais... mas já está na lista e conhecer exatamente outros lugares... (FIAR12).

Sujeito de infinitivo pessoal:

- (100) aí começa você a ceder de um jeito... eu cedo do outro para a gente poder encaixar... senão vai ficar assim... bate... bate... bate uma hora (não bate mais) (F1AR12).

Adjunto adverbial:

- (101) quando a gente bateu lá pra acordar o menino que ia com a gente... o X... foi o pai dele que atendeu... o tio X... ele disse assim... X não vai hoje não... rapaz... o X chegou aqui nos braços dos outros... quebrô a testa... num sei por onde (M1AU03).

Complemento nominal:

- (102) ficou um resquício... do câncer dentro dela...e aí pra gente... foi muito difícil:: ... eu tive que... -- eu parei de trabalhar:: ...pra cuidar dela::: ... ficava com ela... de seis da manhã até seis da noite... (F1AU04).

Adjunto adnominal:

- (103) é... aquela história:: ... eu sempre digo pra mim... porque... às vez... quando a gente dá umas duas lapadas:: ... no filho da gente... dói mais na gente do que dói no filho da gente:: ... (M1BR09).

Objeto indireto:

- (104) o problema financeiro sempre acontece... né... quando num... num... ninguém tem um recurso... hoje em dia... graças a Deus... nós já temos um recursozinho porque nós já temos essa aposentadoria... aí pra nós já melhorou 100%... antigamente nós num tinha (M2AU07).

Objeto direto:

- (105) foi boa:: ... né? que... naquele tempo... num é que nem agora... né? a gente::: ... ela criava nós:: ... e eu me lembro que:::com seis... sete ano de idade... eu comecei -- o papai trabalhava em malva... e a gente começou a trabalhar na malva... com ele... ele só tinha filha mulher... (F2AR16).

De acordo com Vieira (2014), *a gente* se destaca em construções com verbos no acusativo (69,1%) e com verbos transitivos que possuem complementos oblíquos (70,8%); em contrapartida, *nós* apresenta percentuais bem mais baixos (27,7%). Araújo (2016) enfatiza que *a gente* é produtiva na função de sujeito (65,8%). Complementando essa análise, Mendes (2019) destaca essa produtividade não apenas como sujeito, mas também nas funções de objeto direto e indireto.

A comparação entre os resultados indica a preferência da forma *a gente* em diversas funções sintáticas, como podemos observar na Tabela 9. De forma semelhante, Vieira (2014) corrobora essa tendência, destacando a predominância de *a gente* em construções com verbos no acusativo (69,1%) e verbos transitivos com complementos oblíquos (70,8%). Esses resultados apontam para a consolidação de *a gente* no quadro pronominal do PB, refletindo sua ampla aceitação entre os falantes. Por outro lado, a forma *nós* tem percentuais em diversas funções mais baixos tanto em nossos resultados quanto nos trabalhos citados.

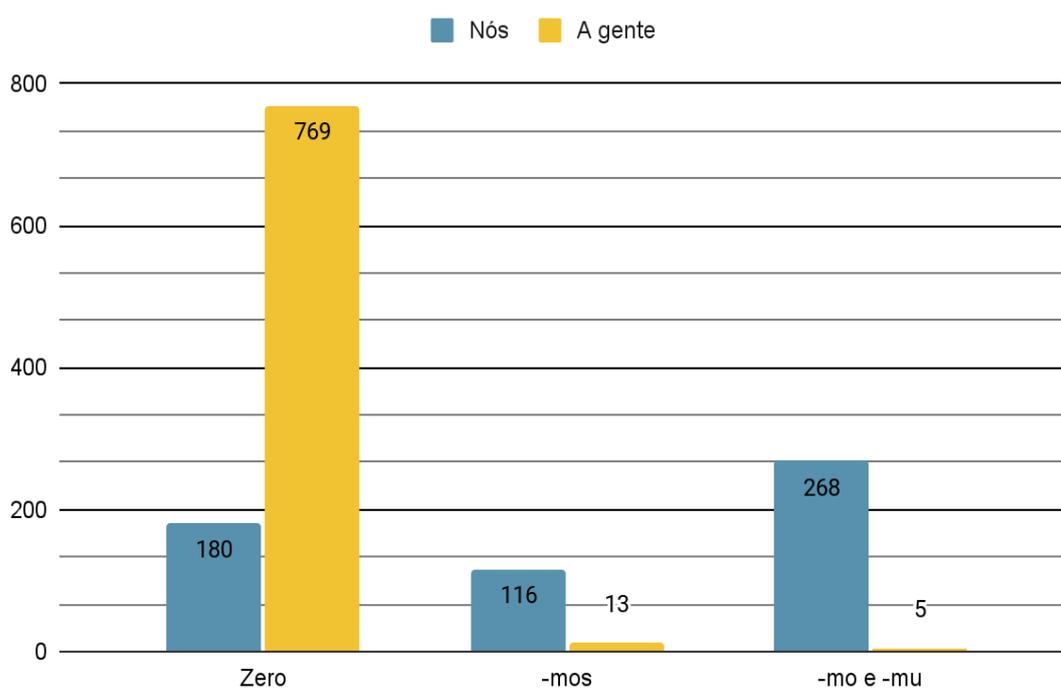
Podemos afirmar, portanto, que os percentuais registrados confirmam nossa hipótese de que as formas *nós* e *a gente* são predominantemente utilizadas na função de sujeito em comparação com outras funções sintáticas. Os resultados corroboram análises anteriores, evidenciando a complexidade do uso das formas pronominais e revelando diferenças significativas no comportamento linguístico dos falantes anorienses.

4.3.3 Considerações sobre a variável concordância verbal

Esta variável foi excluída da análise de peso relativo devido aos nocautes e à sobreposição com a variável saliência fônica (ver seção 4.1). No entanto, realizamos uma análise qualitativa, considerando sua relevância nos trabalhos de Brustolin (2009) e Seara (2000), além de seu uso produtivo em nossa amostra. A discussão enfatiza o grupo de fatores de concordância verbal, especialmente a relação entre *nós* e *a gente* com os fatores: as desinências *zero*, *-mo* e *-mos* e nas formas verbais associadas às variantes *nós/a gente*.

Para melhor entendimento desses números, agrupamos no Gráfico 2 os resultados referentes às desinências *zero*, *-mo* e *-mos* relacionadas às variantes *nós/a gente*.

Gráfico 2 – Uso de *nós/a gente* segundo a concordância verbal, no falar dos moradores de Anori (AM)



Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 2 mostra que a variante *a gente* tem 769 ocorrências com concordância verbal *zero*, como ilustrado em (106), e a variante *nós* contabiliza 180 ocorrências, como em (107); em contrapartida, a concordância padrão com a desinência *-mos* está majoritariamente associada à variante conservadora (116 casos), como em (108). Registramos também o uso de *a gente* com *-mos* (13 casos), conforme o exemplo (109). Além disso, observamos o apagamento da desinência de número com as variantes *nós* (268 casos) e *a gente* (5 casos), como exemplificado em (110) e (111), respectivamente.

- (106) o que a gente vê:: muito agora:: nas escolas são alunos com deficiência mental meu Deus... (F1AR12).
- (107) e todo mês -- nós... onti... nós tava conversando aqui na mesa... nós tava almoçando com ela... e nós tava conversando... graças a Deus... que todo mês nós paga o nosso (dízimo) direitim... inda damu uma oferta de 50 reais cada um de nós dois (M2BR13).
- (108) é uma tia que morô:: muitos anos perto de nós:: ... a tia X e (o) tio X... nós morávamos lá no -- Quarubal Ibarubá... eles morava perto de nós... a nossa casa era como aqui... a deles era como lá na casa da X (F2AU08).
- (109) essa que estuda direito lá... a gente lutamos... ela passô naquele... bolsa universidade... aí ela... já tá se formando... esse outro ano... (F2AR16).
- (110) meu trabalho desde 12 anos era braçal::: ... carregar malva:: afogar malva:: e lavar malva::: estender malva::: era tudo::: ... ((risos)) não tem negócio de escolha não... todo o trabalho nós fazia... eu junto com ele... todo mundo se admirava quando nós trabalhava... teve um ano que nós colhemo cinco tonelada de malva... eu fui com ele (F2BR14).
- (111) não... éé... quando a gente... a gente chegamo aqui... num tinha essas coisas assim... né... de posto de saÚde... era muito diFIço... mas agora já têm tudo já... né... tudo perto... né... aí... era muito diFIço pra a gente também... num tinha rua::: ... a gente andava pelo caminho... mas agora... (tem) (F2AU08).

Na análise, consideramos o uso de *-mu* como *-mo*, devido à similaridade, embora entendamos que são realizações distintas, no entanto não nos aprofundamos nessa temática. Ilustramos os casos descritos em (112), (113) e (114).

- (112) primêro nós fiquemu ali... defronte o Anori... ali tinha meu irmão morava... ali... que era o X... morava lá... aí nós fiquemu lá... aí ()... nós passemu... cinco ano... aí de lá nós vinhemu pra cá (M2BR13).
- (113) nós fumo pra ôtros lugares::: mas... -- mais perto... vamos dizer assim::: mais longe... né? mas o mais longe foi Manacapuru (F1BR10).

- (114) pelo meno pra nós vir pra cá... já foi uma grande dificuldade... só: ... pela mão de Deus mermo que nós vihemu... porque nós num tinha conhecimento com o rapaz que trouxe nós... mas ele se ofereceu: ... nós chegamu aí (M2BR13).

Brustolin (2009) investigou a alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* em textos de estudantes do ensino fundamental. Ao todo, foram encontradas 1.284 ocorrências dessa variação, sendo 84% para *nós* e 16% para *a gente*. A autora destaca a forma inovadora com morfema *zero* em 92% dos casos, com PR de 0,99, enquanto apenas 4% dos dados estavam associados à desinência *-mos*, com PR de 0,21.

Os dados de Seara (2000) confirmaram essa tendência de uso de *a gente* em 72% em sua amostra; em Florianópolis, a perda da desinência *-mos* ocorreu em 28% dos casos envolvendo o pronome *nós* e em apenas 1% das ocorrências em que *a gente* foi seguido por um verbo com a desinência *-mos*.

Ao comparar os nossos resultados aos de Brustolin (2009) e Seara (2000), é possível identificar padrões consistentes e algumas diferenças importantes em relação ao uso das formas em estudo e suas respectivas concordâncias verbais. Em nossa amostra, a variante *a gente* aparece com 769 ocorrências com concordância verbal *zero*, o que é semelhante aos achados de Brustolin (2009), que relatou 92% de ocorrências dessa variante sem desinência. Seara (2000) também aponta um alto percentual de concordância *zero* com *a gente*, em 72% dos casos.

Já em relação à concordância padrão com a desinência *-mos*, os dados do Gráfico 2 mostram *nós* com essa desinência (116 casos), em consonância com o estudo de Brustolin (2009), que também associa o uso da variante conservadora predominantemente à desinência *-mos* (84% dos casos). Em contrapartida, Seara (2000) destaca que a perda da desinência *-mos* com *nós* ocorre em 28% dos casos, revelando um fenômeno mais acentuado em sua amostra. Nosso resultado é mais próximo ao de Brustolin, indicando que, embora a variante *nós* com *-mos* predomine, há uma tendência de redução dessa concordância em alguns contextos.

O uso de *a gente* com a desinência *-mos*, como em (109), assim como nos resultados do Gráfico 2, é baixo, com apenas 13 casos, nossos dados se assemelham aos de Brustolin (2009) em que 4% das ocorrências dessa variante apresentam a desinência *-mos*; em Seara (2000) esse número cai para 1%, o que mostra uma leve tendência de uso da variante inovadora em concordância com P4.

A partir da comparação dos estudos, confirmamos nossa hipótese de que o pronome conservador *nós* é predominante com as desinências *-mos*, já *a gente* é mais produtivo com desinência *zero*, o que é justificado, de acordo com Lopes (2003, 2004), pela função sujeito ser

predominantemente atribuída à forma *a gente*, favorecendo a simplificação morfológica. Nossos resultados coadunam com os resultados de Omena (1998), que apontam uma forte convergência no que diz respeito à predominância do uso de *a gente* com concordância zero e à maior frequência de *nós* com a desinência *-mos*.

Com o Quadro 14, podemos perceber algumas formas verbais que são utilizadas com as variantes *nós/a gente* no falar anoriense.

Quadro 14 – Verbos comuns às variantes *nós/a gente* no falar anoriense (AM)

| FORMAS VERBAIS UTILIZADAS | |
|---|---|
| NÓS | A GENTE |
| [...] nós fumo pra ôtros lugares::: [...] (F1BR10). | [...] a gente procurô a melhor forma [...] (F1AR12). |
| [...] aí quando nós cheguemu [...] M2BR13). | [...] tipo assim se a gente tiver dinheiro [...] (F1AU04). |
| [...] porque nós relemu muito[...] (F2BU06). | [...] a gente vinha né... de lá [...] (F2BU06). |
| [...] NUN-CA nós pinTEmu nosso beijo [...] (F2BR14). | [...] a gente vai trabalhando ...então [...] (M1BR09). |
| [...] é:: ...eu cheguei...nós se topemu [...] M2BU05). | [...] a gente arranca ela...rapa...bota n'água [...] (M2AU07). |

Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 14, é possível observar que a variante conservadora aparece com os verbos fumar (*fumo*), chegar (*cheguemu*), ralar (*relemu*), pintar (*pinTEmu*) e topar (*topemu*). Associados à variante inovadora estão os verbos procurar (*procurô*), ter (*tiver*), vir (*vinha*) e arrancar (*arranca*). A seguir, apresentamos alguns exemplos que incluem verbos regulares, como nos casos (115) e (116), e verbos irregulares, como nos exemplos (117) e (118).

- (115) agora a gente usa aquele::: ... carbonato... porque aqui num... mum... suja muito... a gente lava (M2BU05).
- (116) agora eu tô com essa daqui... essa daqui tem dia que tá... coitada... eu tô fazendo as coisas em pé... mas tá doendo toda aquela dor... cansada... cansada... cansada... mas aí eu tomo um calmante... passo... faço gel... eu sei que gel... nós gosta de sair com as latas de gel também ((risos)) (F2BR14)
- (117) a gente não tinha aquele medo... sabe a nossa infância... tanto hoje que eu digo::: ... as crianças de agora não tiveram a infância que nós tivemos... antes (F1AR12).
- (118) se por exemplo... a gente tivesse ganhado... eu acho que a gente poderia é::: ... fazer... por exemplo... algo pra cuidar dos idosos... entendeu? e também eu criava algo também para cuidar das crianças... entendeu? (M1AU03).

Não podemos, no entanto, concluir que a variante *a gente* esteja associada predominantemente a verbos irregulares, uma vez que a variável *saliência fônica* não foi controlada, devido à sua exclusão pelo programa estatístico. Sugere-se, para análises futuras, cruzar essa variável com os fatores *tempo verbal* e *concordância verbal*, visando a uma análise mais detalhada.

Para encerrar nossa reflexão, selecionamos 2 sentenças que nos ajudaram a entender melhor a natureza mutável da língua e como as variações linguísticas refletem a diversidade cultural e social dos anorienses. Pautamo-nos pelas reflexões de Neves (2014, p. 73), que oferece uma análise crítica sobre a ativação da linguagem na produção linguística e propõe “[...] um caminho que se faça por uma reflexão que penetre a produção de sentidos e de efeitos [...]”, ressaltando a importância de valorizar a língua, compreendê-la e sentir-se pertencente a esse bem tão singular. Com base nessa perspectiva, analisamos as sentenças (119) e (120).

(119) foi boa:: ... né? que... naquele tempo... num é que nem agora... né? a gente:: ... ela criava nós:: ... e eu me lembro que::com seis... sete ano de idade... eu comecei -- o papai trabalhava em malva... e a gente começou a trabalhar na malva... com ele... ele só tinha filha mulher... (F2AR16).

(120) pelo meno pra nós vir pra cá... já foi uma grande dificuldade... só:: ... pela mão de Deus mermo que nós vihemu... porque nós num tinha conhecimento com o rapaz que trouxe nós... mas ele se ofereceu:: ... nós chegamu aí (M2BR13).

Em (119) – *ela criava nós* – o pronome *nós* está desempenhando a função de objeto direto (ou acusativa) na oração, pois é o elemento que recebe diretamente a ação do verbo *criar*. No entanto, em variantes mais prestigiadas da língua, como na norma culta, *nós* exerce comumente a função de sujeito, ou seja, aquele que realiza a ação expressa pelo verbo. Percebe-se que, embora essa construção seja diferente do uso padrão que posiciona *nós* como sujeito, ela se adapta perfeitamente ao contexto comunicativo e às normas internas, moldada pelas necessidades de quem a usa.

Em (120), a sintaxe revela características da oralidade, como o uso das formas verbais *vihemu* e *chegamu*, a presença de locuções adverbiais e expressões informais, como *pela mão de Deus mermo* – destaque também para o trecho *o rapaz que trouxe nós* –, o que demonstra a flexibilidade da língua falada e a variação presente em diferentes contextos socioculturais como em (119).

As sentenças ilustram como a estrutura sintática pode ser moldada pela experiência e pela cultura, refletindo a identidade do falante anoriense, bem como sua ocupação, estilo de

vida e escolaridade, dentre outras questões. Embora algumas construções possam não seguir a norma prescritiva, elas são válidas dentro de seu contexto e comunicam efetivamente a mensagem. Portanto, temos uma compreensão mais profunda da dinâmica da linguagem no dia a dia e das escolhas linguísticas feitas pelos falantes anorienses.

4.4 SÍNTESE

Neste capítulo, discutimos os resultados referentes às variantes *nós* e *a gente* no falar anoriense, registrados por meio do programa estatístico Goldvarb X. Foram analisadas as variáveis selecionadas pelo programa, considerando o PR de cada uma. Já as variáveis que não foram selecionadas ou que foram excluídas da análise probabilística foram analisadas qualitativamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, objetivamos investigar o fenômeno variável da “expressão pronominal de P4”, especificamente as variantes pronominais *nós* e *a gente* na função de sujeito. O estudo se concentrou na fala de 16 informantes residentes na região de Anori, interior do Amazonas. A análise das variantes visou também contribuir com a descrição do português brasileiro em sua diversidade regional.

A pesquisa está fundamentada na Sociolinguística Variacionista, desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Os informantes foram divididos em duas faixas etárias (de 25 a 59 e + de 60 anos), sexo/gênero (masculino e feminino) e níveis de escolaridade (baixa, do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I, e alta, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental II e ensino médio). A coleta de dados abrangeu tanto moradores da área urbana quanto da zona rural de Anori, a fim de capturar uma visão mais ampla das variações linguísticas no município.

Na análise, utilizando o programa Goldvarb X, foram controladas nove variáveis extralinguísticas e linguísticas: sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, localidade, preenchimento do sujeito, função sintática, referência do pronome, concordância verbal, tempo verbal, paralelismo entre os sujeitos e saliência fônica. Dentre essas variáveis, após as devidas exclusões e amálgamas, o programa selecionou sete, por ordem de seleção: faixa etária, escolaridade, preenchimento do sujeito, tempo verbal, referência do pronome, paralelismo entre os sujeitos e localidade. Analisamos qualitativamente e por percentuais as variáveis que não foram selecionadas: sexo/gênero e função sintática. Incluímos também a discussão sobre a variável concordância verbal, a qual precisou ser retirada da rodada estatística por ter se sobreposto à variável saliência fônica. O programa identificou um total de 1.351 ocorrências da expressão de P4, sendo 36% de *nós* e 64% de *a gente*, na função de sujeito. Esses dados responderam à primeira questão da pesquisa, mostrando que a expressão pronominal de P4 na fala dos moradores de Anori é realizada, principalmente, pela variante *a gente*.

Além disso, também foi respondida a segunda questão da pesquisa, que indagava sobre qual variante é mais frequente: os resultados indicam que *a gente* com (864 ocorrências) é a variante mais utilizada. Esses resultados são consistentes com os de Araújo (2016), Fernandes (2021), Tamanine (2020) e Vieira (2014), que também observaram a predominância dessa variante em contextos similares de fala no português brasileiro.

A seguir, respondemos à terceira pergunta, indicando os grupos de fatores extralinguísticos e linguísticos que condicionam o uso da variante *a gente* no falar anoriense.

Em relação à *variável faixa etária*, os dados mostraram que os informantes da primeira faixa etária (25 a 59 anos), ou seja, os mais jovens optam por *a gente* (PR de 0,66). Já entre os informantes da segunda faixa etária (mais de 60 anos), os mais velhos, esse uso é desfavorecido (PR de 0,26). Os resultados confirmaram nossa hipótese de que a variante *a gente* é amplamente utilizada entre os mais jovens, corroborando as conclusões de outros estudos sociolinguísticos brasileiros, que também identificam essa tendência geracional no uso dessa variante.

Quanto à *variável escolaridade*, os resultados indicam que o pronome *a gente* foi favorecido entre os informantes com maior nível de escolaridade (PR de 0,66). Em contraste, entre os falantes com menor escolaridade, essa forma foi desfavorecida (PR de 0,32). Nossa hipótese de que *a gente* é mais recorrente entre aqueles com níveis mais elevados de escolaridade e menos frequente entre os falantes com menor escolaridade foi confirmada, resultado semelhantemente às conclusões de Araújo (2016) e Tamanine (2010), para quem a variante inovadora não apresenta estigma social.

No que diz respeito à *variável preenchimento do sujeito*, os resultados mostram que *a gente* foi favorecido quando o sujeito é preenchido (PR de 0,56) e, em contraste, desfavorecido quando o sujeito é nulo (PR de 0,17). Os resultados confirmaram a hipótese de que a variante *a gente* é preferida com sujeito preenchido, uma tendência amplamente reconhecida em pesquisas como as de Lopes (2003), Mendes (2019), Mendonça (2010) e Omena (1986, 1998, 2003).

A análise da *variável tempo verbal* mostrou favorecimento de *a gente* no *futuro do presente do indicativo* (0,82), *pretérito imperfeito do subjuntivo* (0,82), *presente do subjuntivo* (0,60) e *presente do indicativo* (0,59). Por outro lado, verificamos desfavorecimento no *infinitivo* (0,47), *pretérito imperfeito do indicativo* (0,45), *futuro do pretérito do indicativo* (0,44), *pretérito perfeito do indicativo* (0,28) e *futuro do subjuntivo* (0,11). A hipótese inicial não foi confirmada, pois esperávamos que *a gente* fosse favorecida no *pretérito imperfeito do indicativo*, no entanto essa expectativa não se concretizou nos dados analisados.

Em relação à *variável referência do pronome*, *a gente* foi favorecida com referente genérico (*eu + todos: nível 5*), com PR de 0,68, e desfavorecida com referente determinado: *eu + eles* (nível 4), com PR de 0,47; *eu + ele* (nível 3), com PR de 0,40; e *eu + você* (nível 1), com PR de 0,13. Esses resultados confirmaram a hipótese de que, quando o falante expande o referente para incluir um grupo indeterminado, a variante *a gente* tende a ser favorecida. Vale ressaltar que esse é um resultado semelhante àqueles da maioria das pesquisas que controlaram esse condicionador.

A análise da variável *paralelismo entre sujeitos* mostrou favorecimento de *a gente* quando há paralelismo linguístico (PR de 0,55). Por outro lado, a variante é menos utilizada quando não há paralelismo (PR de 0,41). Os resultados confirmaram a nossa hipótese de que a sequência *a gente > a gente* favorece o paralelismo pronominal, enquanto a mudança para *a gente > nós* desfavorece.

Em relação à variável *localidade*, *a gente* foi favorecida na zona urbana de Anori (PR de 0,54) e desfavorecida na zona rural (PR de 0,44). Esses resultados confirmam nossa hipótese de que a variante *a gente* é mais utilizada na zona urbana e menos utilizada na zona rural de Anori. Entendemos que o acesso à internet e a exposição às redes sociais influenciam essa distribuição na frequência de uso da variante inovadora e na pouca utilização de *nós*. Vale lembrar que esse resultado vai ao encontro do estudo de Maia (2009).

A variável *sexo/gênero* mostrou que a variante *a gente* é utilizada pelas mulheres 64,6% e pelos homens 63,1%. Em sentido contrário, a variante *nós* é utilizada por 36,9% dos homens e 35,4% das mulheres. Esses resultados confirmam a hipótese de que as mulheres são predominantes no uso da variante inovadora, embora a diferença em relação aos homens seja bastante sutil. Os dados demonstram maior participação das mulheres em todos os âmbitos da sociedade moderna.

A variável *função sintática* mostrou a frequência da variante *a gente* com *sujeito desenvolvido* (64,8%), *sujeito de infinitivo pessoal* (61,5%), *adjunto adverbial* (90,9%), *complemento nominal* (72,7%) e *adjunto adnominal* (75%). Em contrapartida, *nós* apresentou a maior frequência com *objeto indireto* (53,7%) e *objeto direto* (55,6%). Esses dados confirmaram nossa hipótese de que *a gente* é predominantemente utilizado na função de sujeito, em comparação com outras funções sintáticas, destacando o amplo uso dessas variantes em diversas construções e reforçando seu caráter inovador na fala.

A variável *concordância verbal* foi produtiva com a forma *a gente*, com a desinência *zero* em 769 ocorrências, seguida de *nós*, com 180 casos, ressaltando-se que o uso da desinência *-mos* é categórico com a variante conservadora, com 116 casos, e menos produtiva com *a gente* (13 casos); com relação à desinência *-mo* e *-um*, ocorre o apagamento predominante com *nós* em 268 casos, sendo menos produtiva com *a gente* (5 casos). Os resultados confirmam nossa hipótese de uso de *nós* com as desinências *-mos* e *a gente* com a desinência *zero*.

Durante a pesquisa enfrentamos algumas limitações e desafios, como a seca e a falta de acesso à internet para codificação dos dados, desafios nas análises das sentenças pela complexidade dos dados de fala e limitações na combinação de variáveis no programa estatístico, o que pode ter dificultado o alcance de um conjunto de dados mais representativo.

Apesar dessas limitações e desafios, os objetivos do estudo foram alcançados, resultando em contribuições significativas para a compreensão da variação linguística na região Norte do país.

Nesse sentido, indicamos os seguintes aspectos para futuros estudos: (a) exploração de funções sintáticas: investigar o uso de *nós/a gente* além da função sintática de sujeito em construções complexas, para mais bem compreender seu uso e implicações na estrutura da língua; (b) mudança linguística: realizar pesquisa longitudinal para monitorar mudanças no uso das variantes *nós/a gente* ao longo do tempo, especialmente entre diferentes gerações e grupos sociais; (c) métodos combinados: conduzir estudos que integrem abordagens da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo linguístico para entender as motivações de uso das variantes, assim como estudos sobre as percepções dos falantes e (d) cruzamento de variáveis: realizar o cruzamento das variáveis saliência fônica com tempo verbal e concordância verbal para análise detalhada do comportamento das variantes *nós/a gente*.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. T. de. **Gramática completa para concursos e vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares...** 9. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística: Parte 1. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística 1: domínios e fronteiras.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-47.
- AMAZONAS. **Lei Ordinária nº 117, de 29 de dezembro de 1956.** Estabelece nova divisão Territorial Administrativa e Judiciária. (Lei nº 28, de 15.08.58 - Altera os limites entre Municípios de Codajás e Anori). Manaus: Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, 1956. Disponível em: <https://sapl.al.am.leg.br/norma/3185>. Acesso em: 8 out. 2023.
- AMAZONAS. Secretaria de Assistência Social. **Diagnóstico socioterritorial do estado do Amazonas.** Manaus: SEAS, 2020. Disponível em: <https://www.seas.am.gov.br/wp-content/uploads/2021/01/DIAGNOSTICO-SOCIOTERRITORIAL-DO-ESTADO-DO-AMAZONAS.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.
- ANORI. Secretaria Municipal de Infraestrutura e Saneamento Básico. **Estrutura organizacional.** Anori: Prefeitura Municipal de Anori, 2023.
- ARAÚJO, M. A. M. de. **Será que a gente usa mais o nós?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=84197>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- ARTOS, S. V. Índices funcionales y transpositores sintácticos en español y portugués. *In*: CONGRESSO RELIPES, 3., Covilhã, 2007. **Actas** [...]. Covilhã: Ed. Literatura; Universidade da Beira Interior, 2007. p. 87-111. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/6690>. Acesso em: 25 nov. 2023.
- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa.** 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2014.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.** São Paulo: Parábola, 2007.
- BANDEIRA, G. dos A. F. **O apagamento de se nas funções sujeito e objeto: um estudo variacionista com dados do Varsul do Paraná.** 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/18830>. Acesso em: 4 dez. 2023.
- BANDEIRA, G. dos A. F.; RAMOS, R. F. Expressões de futuridade em cartas manuscritas do século XIX. **Revista Moara**, Belém, n. 54, p. 260-280, ago./dez. 2019 Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/viewFile/8161/5993>. Acesso em: 4 dez. 2023.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BÍBLIA Sagrada: nova versão internacional leitura perfeita. Rio de Janeiro: Vida Melhor Editora, 2018.

BORBA, L. R. Alguns aspectos sobre o uso de “nós” e “a gente” em Curitiba. **Fragmenta**, Curitiba, n. 10, p. 65-76, 1993.

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo: Parte 3. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2007. p. 57-87.

BORGES, P. R. S. **A gramaticalização de “a gente” no português brasileiro**: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4003>. Acesso em: 2 set. 2023.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais, São Paulo, Parábola Editorial, 1985.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: CNS, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 9 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: CNS, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 9 out. 2023.

BRUSTOLIN, A. B. da S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis**. 2009. Dissertação (mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALVET, L.-J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, G. R. Sociolinguística: Parte 2. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à linguística 1**: domínios e fronteiras. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 52-75.

CAMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1987 [1970].

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1 ed. 6. reimpr. São Paulo: Contexto, 2020.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 49. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEZARIO, M. M. E; VOTRE, S.; Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, E. M. (org.). **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 141-153.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2008.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

COELHO, I. L. *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2012. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 13 out. 2023.

COSTA, M. A. Estruturalismo. *In*. MARTELOTTA, E. M. (org.). **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COULMAS, F. (ed.). **The Handbook of Sociolinguistics**. [S. l.]: Blackwell Publishing Ltd, 1998. Disponível em: https://is.muni.cz/el/1423/jaro2018/ZUR517/um/books_-_materials_for_assigned_readings/The_handbook_of_Sociolinguistics.pdf. Acesso em: 8 nov. 2023.

CUNHA, C. Linguagem e condição social no Brasil. **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 55-78, jan./jun. 1979. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2944/1/1979_Art_CCunha.pdf. Acesso em: 4 dez. 2023.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DUARTE, E. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/99179>. Acesso em: 4 jul. 2023.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 12. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FERNANDES, E. A.; GORSKI, E. A concordância verbal com os sujeitos Nós e A gente: um mecanismo do discurso em mudança. *In*: SIMPÓSIO SOBRE A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NO BRASIL, 1., Salvador, 1986. **Atas [...]**. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986. p. 175-183.

FERNANDES, H. R. **A variação do sujeito nós e a gente na fala Benjaminconstantense**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8317>. Acesso em: 21 ago. 2023.

FERNANDES, E. A. Fenômeno variável: nós e a gente. *In*: HORA, D. da (org.). **Estudos Sociolinguísticos**: perfil de uma comunidade. João Pessoa: Pallotti, 2004. p. 149-156.

FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei nº 1676/99. *In*: FARACO, C. A. **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001. p. 105-123.

FRAXE, T. de J. P. *et al.* (org.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas**: modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007. Disponível em: https://transforma.fbb.org.br/storage/socialtecnologias/24/files/comunidades_ribeirinhas_modos_de_vida_web.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

FREITAG, R. M. K. (Re)discutindo sexo/gênero na sociolinguística. *In*: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). **Mulheres, Linguagem e Poder**: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.

FREITAG, R. M. K. *et al.* (org.). **Sociolinguística e política linguística**: olhares contemporâneos. São Paulo: Blucher, 2016. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/sociolinguistica-e-politica-linguistica-302/list#undefined>. Acesso em: 3 out. 2023.

FREITAG, R. M. K. **Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85498>. Acesso em: 3 out. 2023.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, [s. l.], v. 32, n. 4, p. 889-917, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44506992907750337>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/29225>. Acesso em: 5 set. 2023.

GARCEZ, P. M.; ZILLES, A. M. S. Estrangeirismo: desejos e ameaças. *In*: FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos**: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola, 2001. p. 11-34.

GHESSI-ARROYO, R. R.; PELUCO, L. C. A variável sexo/gênero na Sociolinguística Variacionista: um olhar crítico sobre os dados linguísticos. **Revista InterteXto**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 30-55, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18554/it.v13i2.5122>. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/intertexto/article/view/5122>. Acesso em: 3 out. 2023.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GONÇALVES, S. C. L. Verbo parecer no PB: um caso de gramaticalização? **Sínteses**: Revista dos Cursos de Pós-Graduação, [s. l.], v. 9, p. 195-209, 2004. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/sinteses/article/view/6294>. Acesso em: 3 out. 2023.

GUILLEN, I. C. M. Cidadania e exclusão social: a história dos soldados da borracha em questão. **Trajeto Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 69-82, 2002. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17191>. Acesso em: 2 set. 2023.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2007.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados, 2009. v. 1.

IBGE. Brasil/Amazonas/Anori: História e fotos. **IBGE Cidades**, Rio de Janeiro, 2022a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/anori/historico>. Acesso em: 2 out. 2023.

IBGE. Brasil/Amazonas/Anori: Panorama. **IBGE Cidades**, Rio de Janeiro, 2022b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/anori/panorama>. Acesso em: 12 out. 2023.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 5 set. 2024.

IDAM. Anori: aspectos físicos e geográficos. **IDAM**, Manaus, 23 jul. 2013. Disponível em: <http://www.idam.am.gov.br/municipio/anori>. Acesso em: 12 out. 2023.

INFOSANBAS. Caracterização social, territorial e econômica. **Infosanbas**, [s. l.], [202-]. Disponível em: <https://infosanbas.org.br/municipio/anori-am/#distribuicao>. Acesso em: 24 nov. 2023.

IPAAM. **Estudo de Impacto Ambiental (EIA): UTE ANORI – AM**. Manaus: IPAAM, 2020. Disponível em: <https://www.ipaam.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/EIA-ANORI.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

KENEDY, E. Gerativismo. *In*: MARTELOTTA, E. M. (org.). **Manual de linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 127-140.

LABOV, W. How I got into linguistics and what I got out of it. **University of Pennsylvania**, [s. l.], [1997]. Disponível em: <https://www.ling.upenn.edu/~wlabov/HowIgot.html>. Acesso em: 8 abr. 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAUREANO, D. C. **A variação dos pronomes de primeira pessoa do plural na posição de sujeito: nós e a gente**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LONGHIN, S. R. **A gramaticalização da perífrase conjuncional só que**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/280444>. Acesso em: 3 out. 2023.

LOPES, C. R. dos S. A gramaticalização de “a gente” em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, jul. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728/7098>. Acesso em: 3 out. 2023.

LOPES, C. R. dos S. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português**. Madri: Ibero-Americana; Frankfurt: Vervuert, 2003. (Linguística Ibero-Americana, 18). Disponível em: <https://laborhistorico.letras.ufrj.br/producao/Lopestese.pdf>. Acesso em: 15 maio 2024.

LOPES, C. R. dos S. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. *In*: ALKMIM, T. M. (org.). **Para a história do português brasileiro: novos estudos**. São Paulo: Humanitas/FLP/USP, 2002. p. 25-46. Disponível em: <https://laborhistorico.letras.ufrj.br/producao/campi99publi.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2023.

LOPES, C. R. dos S. **Nós e a gente no português falado culto do Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **D.E.L.T.A.**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44300/29330>. Acesso em: 3 out. 2023.

LOPES, C. R. dos S. Pronomes pessoais. *In*: BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. (org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 113-114. Disponível em: <https://laborhistorico.letras.ufrj.br/producao/pronomes-contexto.pdf>. Acesso em: 3 out. 2023.

MACIEL, J. S. **Subjetividade e trabalho rural: organização de trabalho de ribeirinhos em uma comunidade de Anori-AM**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7399>. Acesso em: 6 ago. 2023.

MAIA, F. P. S. A variação nós / a gente no dialeto mineiro: investigando a transição. **Revista da ABRALIN**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 45-70, 2009. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1032>. Acesso em: 1 set. 2024.

MAPA das regiões do Brasil [...]. 2022. 1 mapa. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/695595104923502734/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MARQUES, R. O. **Erosão nas margens do rio Amazonas: o fenômeno das terras caídas e as implicações para a cidade de Parintins-AM**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5826>. Acesso em: 27 jan. 2024.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. *In*: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 1. ed., 3. reimpr. São Paulo: Contexto, 2010. p. 43-70.

MATTOS, S. E. R. A primeira pessoa do plural em Goiás. *In*: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., Évora, 2009. **Anais** [...]. Évora: Universidade de Évora, 2009.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

MENDES, E. A. G. **Variação NÓS ~ A GENTE: implementação da forma inovadora em diferentes comunidades de fala em Minas Gerais**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/30794>.

Acesso em: 21 ago. 2023.

MENDES, R. P. S. **O perfil da alternância do sujeito nós e a gente em Santo Antônio de Jesus**: um recorte no português popular do interior da Bahia. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MENDONÇA, A. K. **Nós e a gente em Vitória**: análise sociolinguística da fala capixaba. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Disponível em: <http://linguistica.ufes.br/pt-br/posgraduacao/PPGEL/detalhes-da-tese?id=4127>. Acesso em: 5 mar. 2024.

MENDONÇA, M. S. *et al.* **Etnobotânica e o saber tradicional**. Manaus: EDUA, 2007. Disponível em: https://transforma.fbb.org.br/storage/socialtecnologias/24/files/comunidades_ribeirinhas_modos_de_vida_web.pdf. Acesso em: 30 jan. 2024.

MENON, O. P. S. O Sistema Pronominal do Português do Brasil. **Letras**, Curitiba, v. 1, n. 44, p. 91-106, 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/viewFile/19069/12374>. Acesso em: 3 out. 2023.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1987.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MORAES, A. C. A. de. Mais borracha para a vitória: sobre o primeiro cartaz de Jean-Pierre Chablos para a campanha da borracha. **Revista de História da Arte e da Cultura**, São Paulo, n. 20, p. 139-165, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/15284>. Acesso em: 24 nov. 2023.

MUNIZ, L. **On the Use of “a gente” in Brazilian Portuguese**. 2007. Independent study.

NARO, A. J.; *et al.* Change without change. **Language Variation and Change**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

NARO, A. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-25.

NEVES, M. H. de M. Defino minha obra gramatical como... *In*: NEVES, M. H. de M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). **Gramáticas Contemporâneas do Português**: com a palavra, os autores. São Paulo: Parábola, 2014. p. 68-79.

OMENA, N. P. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. *In*: NARO, A. J. *et al.* **Relatório Final de Pesquisa**: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. v. II. p. 286-319.

OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. *In*: PAIVA, M. C. de; DUARTE, M. E. L. (org.). **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa/FAPERJ, 2003. p. 63-80.

OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. *In*: SILVA, G. M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões Sociolingüísticos: Análises de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 183-215.

PAGOTTO, E. G. **Variação e(é) identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 34-42.

PAIVA, M. C. Transcrição de dados lingüísticos. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 135-146.

PAIVA, M. C.; SCHERRE, M. M. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. *Lingüística. D.E.L.T.A.*, [s. l.], v. 15, n. especial, p. 201-232, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/Fs5Sf3yM65D75mmWjYhjkTk/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

PEREIRA, C. F. *et al.* **Análise da caça nas comunidades da área de atuação do PIATAM**. Manaus: EDUA, 2007. Disponível em: https://transforma.fbb.org.br/storage/socialtecnologias/24/files/comunidades_ribeirinhas_modos_de_vida_web.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do Português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PRETI, D. (org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: FFLCH, 1999.

RAMOS, C. M. de. *et al.* Do nosso cotidiano ou cotidiano “da gente”? Um estudo da alternância “nós/a gente no Português do Maranhão”. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, 2009.

REIS JÚNIOR, E. M. **Avaliação do programa “Luz para Todos” no estado do Amazonas sob o aspecto da qualidade da continuidade do serviço de energia elétrica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Recursos da Amazônia) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Recursos da Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4731>. Acesso em: 12 jan. 2023.

RIBEIRO, L. C. de S. **Variação pronominal de primeira pessoa do plural: “nós” e “a gente” na Cidade de Goiás**. 2020. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <http://www.bdtd.ueg.br/handle/tede/778>. Acesso em: 4 abr. 2023.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro:

José Olympio, 2011.

ROCHA, F. da C. F. **A alternância nos pronomes pessoais e possessivos do português de Belo Horizonte**. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ROMAINE, S. **Language in society: an introduction to socio-linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. Tese (Doutorado em estudos linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Jose do Rio Preto, 2012.

SALOMÃO, A. C. B. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 188-207, jul./dez. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2011v8n2p187>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187/21673>. Acesso em: 8 nov. 2023.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SAUTCHUK, I. **Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática**. Barueri: Manole, 2010.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português. *In*: SILVA, G. M. de O. e; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998. p. 85-117.

SCHERRE, M. M. P.; YACOVENCO, L. C. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 121-146, 2011.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, [s. l.], v. 14, n. 28/29, p. 179-194, 2000.

SILVA, F. E. G. da. **“Batalha da Borracha”**: o contexto da migração cearense para a Amazônia no período de 1939 a 1970. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/5060>. Acesso em: 24 nov. 2023.

SILVA, G. M. O. e. Coleta de dados. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 117-133.

SILVA, J. A. **Sistema de coordenadas geográficas**. Rio de Janeiro: Base de Dados do IBGE, 2023.

SILVA, R. A.; FEARNSIDE, P. M. A seca de 2023 na Amazônia terá muito estrago pela frente. **Amazônia Real**, Manaus, 26 out. 2023. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/seca-de-2023/>. Acesso em: 3 fev. 2024.

TAMANINE, A. M. B. **A alternância nós/a gente no interior de Santa Catarina**. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

TAMANINE, A. M. B. **Curitiba da gente**: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba – PR. 2010. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/24120>. Acesso em: 21 ago. 2023.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.

TAVARES, A. M.; GÖRSKI, M. E. Mapeamento sociolinguístico do Português brasileiro: parte II. In: MARTINS, A. M.; ABRAÇADO, J. **Variação e sociofuncionalismo**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TERRA, E. **Curso prático de gramática**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2011.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TRUDGILL, P. **Accent, Dialect and The School**. London, Edward Arnold. 1975.

VIANA, S. J.; LOPES, S. R. C. Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro: parte II. In: MARTINS, A. M.; ABRAÇADO, J. **Variação e sociofuncionalismo**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

VIANNA, J. B. de S. **A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIANNA, J. B. de S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, A. S. de O. **Nós e a gente**: um estudo sobre a sintaxe do português. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014. Disponível em: <https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertaco/article/view/35>. Acesso em: 21 ago. 2023.

VIEIRA, F. E.; FARACO, C. A. **Gramática do Português Brasileiro Escrito**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2023.

VILELA, M.; KOCH, I. G. V. **Gramática da língua portuguesa**: gramática da palavra; gramática da frase; gramática do texto/discurso. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

VITÓRIO, E. G. De S. L. A. A realização dos pronomes nós e a gente na função de sujeito e nas funções de complemento e adjunto na cidade de Maceió/AL. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n.1, p. 122-138, jan./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2017.1.24756>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/24756>. Acesso em: 27 jun. 2023.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. Revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZILLES, A. M. S. *et al.* A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. **Organon**, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 195-219, 2000.

ZILLES, A. M. S. Grammaticalization of “gente” in Brazilian Portuguese. **Workpapers in Linguistic**, Philadelphia, v. 8, n. 3, p. 297-310, 2002.

ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de “a gente”? **Letras hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.

APÊNDICE A – DADOS DE FALA COM A VARIANTE NÓS

- (1) fui com o meu colega:: ... X e meu colega X: ... meu amigo:: nós fumo pra lá:: ... chegemu e tal... ajeitemo... o material... butemo (M1BU01).
- (2) e nós... espertu... né... em vez de tê pensando... de pegá lá e se ajeitar... ou então fazer alguma coisa... não... nós ficava lá deitado... com fome... lá dentro do musquitêro... (M1BU01).
- (3) as opções de lazer... mais é:: ir na praça... né? porque () o que nós tem mesmo é... nos... final de semana que eu utilizo com meus filho é pra ir pra iGREja... a igreja pra casa... algumas vez que a gente sai por () pizzeria só... só mesmo (F1BU02).
- (4) aí... num tem... precisamos mudar muito essa questão... né... e também:: -- ah... questão da saúde... né? () nós precisa... às vez... pra fazer um inzâmi:: melhor... a gente precisa ir pra Manaus... a questão... que eu tenho até é que a minha filha agora... ela tem que fazer um inzâmi e eu preciso me deslocar daqui pra Manaus com ela (F1BU02).
- (5) então... pra isso:: ...exigiu um pouco mais da gente... intão:: nós lá em casa tivemos que:: visar esse lado também né...de melhorá... de... em si... exigir um pouco mais na questão de estudo... (M1AU03)
- (6) rapaz... aí eu sei que o X veio embora... e nós com raiva do X... porque ele que foi que quebrou a corda da ronda:: ... rapaz... agora você vai remar daqui até lá... fizemos ele remar... sozinho. (M1AU03)
- (7) ((risos)) ... nós somos muito:: próximos... muito assim daqueles que:: ajudam mesmo um ao outro... (F1AU04)
- (8) por exemplo ahn fazer um exame... né? um exame mais... específico:: aqui a gente não consegue... né? tem que ir pra uma outra... cidade ou:: ...eu acho que a gente deveria ter sabe? pelo tempo que existe Anori eu acho que já deveria ter muito... eu acho que essa facilidade deveria já existir pra nós um shopping sabe? (F1AU04)
- (9) porque:: ... ((espirros)) ela secou demais pra nós... nós num trabalháva na bêra do rio ... nós trabalháva lá no centro e é longe ... aí num tem estrada:: e da beira da estrada... pá pegar lá meu terreno é 2.500 metros pá ir pela mata... nós num podia ir por ali... tarra tudo seco... afetô demais (M2BU05)
- (10) não... nunca gostei de (...) meus amigo... era quando nós táva assim coisando... mas quando nós ia pum:: ... negócio de uma festa... uma coisa... eu não gostava... (M2BU05)
- (11) nós... -- o papai tirava açai... nós fazia farinha... fazia pra -- plantava roça...eu mais a minha mãe... nesse tempo minha mãe era nova... mas inda tenho a minha mãe viva... mas meu pai não tenho mais não (F2BU06).
- (12) a gente vinha né... de lá... vinha remando vinha pra cá... pra essa cidadizinha... nós morava no interior né... MUITO sacrificoso... eu sofri muito na minha vida... estou dizendo porque foi verdade... o começo da minha vida... (F2BU06).
- (13) meu () ... é:: ... aqui na cidade de Anori... a gente tá... preciSANDo de... de muitos objetivo... pelo meno... de escoação d'água que nós num temo... as águas vive todo preso... pela saí... num tem sarjeta e a gente passa muita dificuldade com essas água parada... fechada as saída (M2AU07).
- (14) ah... eu conheci... eu conheci... a... minha esposa através... de... de... comunicação mermo... (às vez) a gente andava nas zona ruRAL e dava uma passeada por onde tinha alguma família e se

conhecemu... e... aí deu certo... me casei... graças a Deus... até hoje... sempre morando aqui na cidade... e assim nós tamu vivendo até hoje... graças a Deus (M2AU07).

- (15) éh... nasci no Miri... aí... pra -- morei uns ano lá... aí de lá nós viemu para cá (F2AU08).
- (16) eu me lembro:: ... sim... lá onde nós morava... no interior:: todos os ano ia um professor... me ensinava né... naquele ano... aí vinha e ia embora... mas só que eu era uma pessoa que eu não tinha uma boa inteligência... (F2AU08).
- (17) cara... mudou muito... muito mesmo... ah... aqui mesmo... como você está vendo:: ... nós tamo... nós tamo... represados dentro do próprio Rio Solimões... isso... né... ano passado... isso num aconteceu e esse ano já aconteceu né... (M1BR09).
- (18) como evangélico... como cristão:: ...eu ia tirar mil reais de dízimo:: ... e eu ia aprontá uma igreja... uma congregação... eu ia deixar ela pronta... -- que nós tamó em construção já uns cinco... seis anos. (M1BR09).
- (19) ah... eu gostáva::: ... eu saía demais:: ... eh:: nós ia... -- eu andava... assim... por exemplo... quando nós ia pra Anori... nós ia pra praça::: ... nós andava pelos cantinho... assim... onde tinha um lazer::: ... andava pra tomar banho... pra brincar... aí... aqui no interior... quase não tem essas coisas... né? (F1BR10).
- (20) é... os pais... assim... onde nós mora... os pais num faz muita questão de saber dos filhos... assim... em colégio (F1BR10).
- (21) a gente num vai impedir... nós... vamos te ajudar... é difícil... mas vai dar certo (M1AR11).
- (22) nós:: ... durante toda a vida... moramos na Liberdade 1... comunidade aqui do Anori... mesmo (M1AR11).
- (23) pra brincar... a mamãe nos organizava em horários... né:: por exemplo... ela sempre colocou nós pra estudarmos pelo período da manhã:: ... que era o momento em que ela estava mais ativa (F1AR12).
- (24) era uma brincadêra...e quando nós cansáva... tomava banho e pronto... dormia... apagava... então... essa era uma rotina (F1AR12).
- (25) aí::nós pagáva...a nossa taxazinha aqui...todas essas coisa...(tem) que pagar...né?:(M2BR13).
- (26) (somos) os premêru morador mermu... porque teve assim os premêru... mas nós num tava por aqui... né? aí foi saindo... morreu... ôtros saíru... fóru embora pro berurí... mas depois que nós chegemu aqui... aí quando nós chegemu aqui só era nós mermo... (M2BR13).
- (27) porque quando nós chegemu aqui... num morava quase ninguém aqui... só morava um morador ali... morava outro aculá embaixo... casa aqui não tinha... né... aí foi o tempo que nós viemu:: pra cá e ele comprou... compremo esse daqui... aí ele fez um tapirizinho pra nós aqui... casinha pequena... né? (F2BR14).
- (28) era muito bom aqui... aí nós comecemu... (...) ele comprou e viemu morar pra cá... e começou a trabalhar pra cá foi aparecendo um... aparece daqui... outro dacolá... aí foi aparecendo agora já tá lastrado::: (F2BR14).
- (29) aí veio o prefeito lá de Tonantins com a família dele:: ... aí ela num quiria deixar eu ir:: ... eu disse::: colega... eu vô... né?:: porque o cara veio de lá::pra ir pra lá:: ele num conhece nada... lá:: eu vô cum ele... aí nós fomos pra Anori... passamos um dia... e uma noite:: de festa pra lá ((risos)) (M2AR15).

- (30) rapaz... se eu não me engano... parece que nós temos... num sei se é:: 34... 35 anos de casado... rapaz... porque era -- a minha filha morreu... parece que é 35 mesmo... não prestei nem atenção... (M2AR15).
- (31) às vezes... nós saímos daqui... cinco e meia:: ... pra chegar lá antes das sete hora... (F2AR16).
- (32) São as lembrança...eu me lembrei:: ... quando nós estávamos carregando água... meu Deus... quantos anos (F2AR16).

APÊNDICE B – DADOS DE FALA COM A VARIANTE A *GENTE*

- (1) cara... ((tosse))... isso é um caso:: ... pra gente se pensar bem... com calma... bem delicado. (M1BU01).
- (2) mas... a gente também tem o::: ... -- tem... éh... o celular... né? a gente::: ... também a gente assiste as informações por ele (M1BU01).
- (3) a gente tem que ir pra Manaus... como a minha irmã mora em Manaus... a gente manda ela marcar os inzámi... às vez... ou a gente mesmo... aí a gente vai daqui... (F1BU02).
- (4) tem uma TV... RÁdio não... a gente ôvi no celular::: ... (F1BU02).
- (5) e::: ... eu vou falar para mim também... na questão... a gente é evangélico::: ... e os eventos da igreja::: ... né... os aniversáru dos grupo... são os eventos que a gente frequenta... e que a gente gosta também que tem na igreja... (M1AU03)
- (6) no geral... a gente tem... sim... a gente tem acesso a todas as informações possíveis (M1AU03).
- (7) nossa está sendo muito legal... é diferente né... a gente viveu muitos anos solteiros ((risos))... então... assim é bem mais e bem mais difícil... (F1AU04).
- (8) a gente sabe que tu é visitante mas tu precisa sentir parte... então a gente leva não... bora aqui com a gente não... bora ali pegar refrigerante... vamos ali pegar o pão então a gente nunca deixa a pessoa lá só... eu acho que isso é legal... eles gostam dessa parte (F1AU04).
- (9) ah... a festa a gente ia pá dançá nas festa... tá junto com seus amigo... lá conversando e tal... formasse uma... (uma) azar... eu corria e deixava eles pra lá... eu não andava não... (M2BU05).
- (10) (a otra)... nós saía 12 hora e chegava 2 hora da tarde... 480 madêra... tinha uma e a ôta tinha 390... e nós cortava -- só que a gente só pode cortar até mês de dezembro (M2BU05).
- (11) eu sinto falta... porque de primeiro num era assim::: né... chegava na casa... () mas eu sô assim... eu tenho meu celular... mas tento horário pra vê... e num fico conversando com gente... num fico cum celular na minha mão não... (F2BU06).
- (12) meus neto tão precisando de faculdade aqui... olha onde está minha neta... isso que a gente precisa para cá... uma faculdade... uma diversidade pra pessoa puder butar os neto pra estudar ... filho eu não tenho mais... meus filhos todos são formados... graças a Deus (F2BU06).
- (13) eh... sempre às veze a gente saía por aí... adquiria algum... alguma produçãozinha pra gente trazer para casa... pra alimentação (M2AU07).
- (14) era roçando... todo serviço que calha pro serviço braçal... a gente fazia... e até hoje... e até hoje ainda faço ainda... e assim... hoje em dia... graças a Deus... tenho meus materiais... meus atensilhos de trabalho (M2AU07).
- (15) a saúde... pelo menos a saúde né... porque hoje a gente::: vai:: se consultar::: ... quando a gente vai atrás de remédio... não têm remédio... a gente tem que comprar::: remédio né... aí... aí... outra coisa também... que tem muitas rua::: que eles ainda não ajeitaram que é preciso ajeitar... (F2AU08).
- (16) é... porque muitas vêz... a gente::fica em casa::: ... num:::procura uma coisa para fazer né... num vai passear... aí vai pensar certas coisas... ah... vai dar depressão (F2AU08).

- (17) a gente... sempre... nos final de semana... a gente vai a Anori:: ... nós tem família em Anori... né? a gente vai para lá... aí a gente sai pros os banho... a gente vai... passa... assim... no final de semana... normalmente... fora (M1BR09).
- (18) sim... a gente tá trazendo água de lá de Anori... só que agora... como ficô difícil... né? o acesso pra a gente chegar lá no porto da cidade... a gente tá comprando a água... a gente compra a água aqui já nos pontão que tem aqui fora na bêra do solimões... a gente compra água mineral... não tomá água clorada... né? (M1BR09).
- (19) gostamos::: ... é::: uma área -- é um lugar tranquilo... não têm::: ... violência e a gente pode::: ir::: ... pode vir TRAN-QUI-LA-MEN-TE:::(F1BR10).
- (20) sim... o festival da igreja quando tem... é sempre final de ano... intão começo de ano::: ... a gente vai (F1BR10).
- (21) a gente passa a jogar bola... jogar vôlei na praia (M1AR11).
- (22) era uma coisa esperada por todo mundo... porque sem energia era muito chato::: ... tipo... a gente queria assistir às coisas e... como criança não tinha energia (M1AR11).
- (23) eh:::brincar... principalmente lá perto de casa tem um campo grande... de futebol... né? então... aos finais de semana:::a gente vê muito:::as--pessoas formam os times... fazem campeonatos:::brincam::: ... de futebol (F1AR12).
- (24) não::: ... é como se fosse aquele dia de passear::: ... de lazer::: ... que você também póde participar::: ... então a gente faz uma pequena cooperação pra colaborar com o diesel do barco... e vai todo mundo::: (F1AR12).
- (25) toda a vida... era mais... no trabalho... mas... a gente saía::: ... quando era dia de sábado... tinha às vez... a... pidia dos velho... dar uma volta... volta... domingo de tarde (M2BR13).
- (26) a educação que a gente diz... assim... que era da escola... né? Porque tem educação de vida... né? (M2BR13).
- (27) agora faço como outro... graças a Deus que a gente dorme aqui... tem as coisas... a gente fica por aí pelo pé das escadas... por isso que aí pra baixo e pra fora ninguém pode ficar... né? (F2BR14).
- (28) bom demais... farto de peixe... muito peixe... uma fartura mesmo... que só Jesus mesmo... e agora tudo o que a gente planta dá... só não dá o que não planta... mas tudo o que a gente planta dá... e dá bom (F2BR14).
- (29) planta:::aí capina::: ... né? capina duas vez e aí vai embora... é o procedimento dela... quando chega na época... a gente corta::: ela... afoga... ispera amolecer... ela amolece... a gente vai disfibrar... vara por vara (M2AR15).
- (30) tem::: ... tem que colocar no varal... chamo varal... né? que a gente faz::: ... bota a furguilha... bota a vara... estende::: ... espera ela secar (M2AR15).
- (31) aí a gente ficava todo tempo andando por terra... aí desde lá -- eu vim morando só na bêra do rio mermo aí quando seca:::a gente baixa::: cum flutuante vem acompanhando a água todo tempo... (F2AR16).
- (32) o meu esposo não quer::: ... eu já tive... vontade:::de morar em Anori... a gente já teve uma casa lá:::e ele vendeu... mas num quer::: ... num tem vontade não de morar em Anori... gosta daqui mesmo ((risos)) (F2AR16).

APÊNDICE C – FICHA SOCIAL DO INFORMANTE

INFORMAÇÕES INICIAIS

1. Nº do informante: _____ Data: ____/____/____ Telefone _____
 2. Documentador: _____

INFORMANTE

3. Nome completo: _____
 4. Apelido (se tiver): _____
 5. Idade: _____
 6. Data de nascimento: ____/____/____ Local de nascimento _____
 7. Zona de residência: Anori () Comunidade da Liberdade ()
 8. Escolaridade:
 () Não escolarizado/ Escolarizado: Ensino fundamental () Ensino médio ().
 Observação (se houver) _____
 9. Rua: _____ Bairro: _____
 10. Município (comunidade) _____ Telefone: _____
 11. Trabalha atualmente: () sim () não Outras atividades: _____
 12. Você já morou em outro lugar? Sim () Não () Qual? _____
 13. Se ausentou? Sim () não () Por quanto tempo? _____
 14. Lugares que já visitou: _____
 15. Morou por mais de um ano em outro município? Sim () Não ()
 16. Quais: _____
 17. Prestou serviço militar Sim () Não () Cidade em que prestou serviço militar ____
 18. Ouve rádio: Sim () Não () Quais estações/emissoras? _____
 19. Vê televisão? Sim () Não () Quais canais? _____
 20. Programa(s) preferido(s): _____
 21. Tem hábito de ler? Sim () Não () Que tipo de leitura? _____
 22. Está inserido nas redes sociais? Sim () Não () Quais? _____
 23. Participa de algum grupo religioso? Sim () Não () Qual? _____
 24. Participa de Algum grupo (associação de bairro, coletivo etc.)? Sim () Não ()
 25. Qual(is)? _____

DADOS RELATIVOS AOS PAIS DO INFORMANTE

26. Em que município nasceu e morou por mais tempo?
 27. O pai nasceu: _____ morou: _____
 28. a mãe nasceu: _____ morou: _____

INDICAÇÃO DE OUTRO INFORMANTE

29. Nome: _____
 30. Grau de proximidade () grau 1 () Grau 2 () Grau 3 () Grau 4 () Grau 5

APÊNDICE D – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Parte I – Local de moradia

1. Qual é o seu nome?
2. Como se chama o lugar em que você e sua família moram?
3. Esse lugar em que você mora passou por muitas mudanças nos últimos 10 anos?
4. Você e sua família gostam de morar aqui?
5. O que vocês mais gostam de fazer aqui onde moram?
6. Quais são as festas e opções de lazer que vocês têm?
7. Vocês gostam da comida que é servida nessas festas?
8. Você e sua família, ou amigos, vão para festas fora dessa localidade? Vocês esperam por essas festas?
9. O que dessa localidade é atrativo para vocês se divertirem?
10. Como cidadãos moradores dessa localidade, o que vocês acham que pode melhorar?
11. Falando por você e por sua família, quais pontos positivos e negativos vocês podem apontar dessa comunidade (município)?
12. Vocês sempre moraram aqui?
13. Vocês já viajaram para outros lugares? Se sim, como foi? Se não, gostariam de viajar?
14. Em sua casa tem tv, rádio ou acesso à internet?
15. Vocês têm redes sociais? (sim) o que mais costumam acessar? (não) qual o motivo de não terem rede social?

Parte II – Questões sociais, culturais, anseios e esportes

16. Como você ou alguém da sua família veem (as melhorias/não melhorias) aqui em (Anori/ Liberdade)?
17. Caso você ou alguém da sua família ganhasse na mega-sena, quais seriam seus anseios?
18. Vocês pensariam em mudar a vida de alguém?
19. O que vocês fariam pela saúde da comunidade (município)?
20. O que vocês mudariam em suas vidas?
21. Tem alguma festa aqui da comunidade (cidade) de que você e sua família participam? Quais?
22. Vocês são mais caseiros ou saem nos finais de semana?
23. Vocês já foram à festa da cidade em (Anori/liberdade) alguma vez? Como foi? Vocês se divertiram?
24. Vocês preferem as festas dos santos padroeiros ou outras? Quais?
25. Falando em festa, a gente lembra de comida né?
26. Para você e sua família, quais pratos não podem faltar no leilão?
27. Vocês gostam de quais pratos?
28. E nas festas de família, vocês têm receitas dos avós, de seus antepassados que vocês não podem deixar de preparar?
29. E sobremesa, de quais você e sua família mais gostam?
30. Vocês gostam de Açaí?
31. Todos da sua família gostam de açaí? E para quem não gosta qual conselho você e sua família dariam?
32. Vocês gostam de esporte(s)? Qual(ais)?
33. Você e seus amigos costumam se reunir para pescar?

34. Neste ano, estamos em um período de grande seca, me conte como você e sua família estão passando por esse momento?
35. Na estiagem/seca temos visto muitas pessoas queimarem o solo, o que vocês acham sobre isso?

Parte III – Recordações

36. Você tem irmãos? Qual é a relação de proximidade de vocês?
37. Você e seus irmãos brincavam muito quando eram crianças? O que vocês faziam?
38. Na escola você era/é uma pessoa estudioso(a)?
39. Durante esse período de estudos, você e seus colegas (matavam/gazeteavam muitas aulas)?
40. Na juventude você saía muito com os seus amigos? Aonde vocês gostavam mais de ir?
41. Quais são seus amigos mais antigos? Vocês ainda mantêm contato?
42. Quais são as pessoas com que você tem mais proximidade? Vocês estão sempre juntas?
43. Seus pais trabalham? Onde?
44. Consegue me falar como era a criação de vocês? E dos seus avós? São formas parecidas?

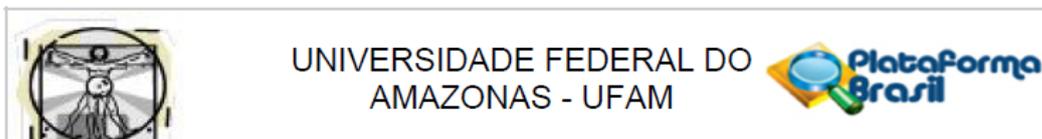
Parte IV – Relação familiar

45. Você é casado (a)? Tem filhos? Quantos anos eles têm?
46. Como pais, quais são os desafios para criarem os filhos hoje em dia?
47. Você e seus filhos conversam sobre o futuro?
48. Quais ensinamentos você e seu/sua esposa (a) querem que seus filhos aprendam?
49. Vocês e sua família assistem televisão juntos?
50. Qual programação da televisão vocês mais apreciam?
51. Durante a manhã, você e sua família ouvem as notícias pelo rádio?
52. Quais expectativas você e sua esposa têm de seus filhos em relação ao trabalho e estudo?
53. Você e sua família saem para passear no final de semana? Quais lugares vocês mais frequentam?
54. Vocês gostam de apreciar as decorações natalinas em Anori?
55. Você e sua família já superaram alguma doença, situação perigosa, algum acidente, vivenciaram um luto, problemas financeiros ou alguma outra circunstância que resolveram juntos?

Parte V – Trabalho/ocupação/renda/educação

56. Qual a sua ocupação no momento? Trabalha?)? Estuda?
57. Em qual escola você e seu irmão (a) estudam?
58. Vocês gostam da infraestrutura da escola?
59. Na escola vocês têm uma merenda boa?
60. Você e sua família recebem algum auxílio do governo federal?
61. Além dessa renda, vocês têm outra para se manter?
62. Quando estão pescando, vocês passam à noite? Vocês dormem onde?
63. Vocês estão pescando e cai uma chuva, como fazem para se proteger?
64. O fim do ano está chegando, o que você e sua família esperam do ano de 2024?

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: UM OLHAR SOCIOLINGÜÍSTICO SOBRE A VARIACÃO DOS PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL (NÓS/A GENTE) NO FALAR ANORIENSE (AMAZONAS)

Pesquisador: ROMARIO NEVES COELHO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76928723.8.0000.5020

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Letras e PPGL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.630.585

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram encontrados óbices éticos.

E-mail: cep@ufam.edu.br

Considerações Finais a critério do CEP:

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 31 de Janeiro de 2024

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

ANEXO B – NORMAS DA TRANSCRIÇÃO GRAFEMÁTICA ADOTADA

| OCORRÊNCIAS | SINAIS | EXEMPLIFICAÇÃO |
|--|---------------------------------|--|
| Hipótese do que se ouviu | (hipótese) | saímos com o e dizia assim olha vai custar tanto... (mas os daqui) não há problema... |
| Truncamento | / | sim ahn é... mas tem ge/tem ... cara que às vezes vai num restaurante é bacana né? |
| Incompreensão de palavras ou segmentos | () | bom mas eu acho que ginástica em () deve solucionar esse problema né? |
| Entonação | maiúsculas | já que o ginásio vai TANTa coisa boa... acho que não custa pôr uma banheira térmica ali |
| Alongamento de vogal e consoante (como s, r) | Poden::do muito sua::ve | acho bacana à beça a pantalona viu? né? calça com a boca bem larga... bem cintura::da entende? |
| Silabação | - | CAMpos... espetaculares não tinha deserto... mas uma COIsa assim fan-TÁs-ti-ca um negócio |
| Interrogação | ? | e quanto a frutas verduras assim o que vocês preferem? |
| Qualquer pausa | ... | leva todo o período de aula... só... subindo e descendo escada |
| Comentários descritivos do transcritor | ((minúsculas)) | aqui vai melhor assim... bom... eu te digo o seguinte... ((pigarro)) tu acharias que:: todas as nossas aulas... |
| Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático | -- | também a comida vinha:: -- era muita gente, né? muitos atletas -- e a comida vinha de São Paulo |
| Superposição simultânea de vozes | [Ligando linhas | é difícil de explicar assim [porque tu queres ver uma coisa |
| Citações literais ou leitura de textos durante a gravação | “ ” | um cara... me atacou... “que que eu faço pra tirar a barriga?” eu digo para de tomar chope... |

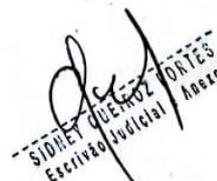
Fonte: Preti (1999, p. 11-12).

**ANEXO C – ATA DE FUNDAÇÃO E ELEIÇÃO DA DIRETORIA DA
COMUNIDADE LIBERDADE**

**ATA DE FUNDAÇÃO E ELEIÇÃO DA DIRETORIA DA COMUNIDADE:
LIBERDADE - FUNDADA EM 26 DE AGOSTO DE 2007.**

Aos vinte e seis dias do mês de agosto do ano de 2007 na comunidade da Liberdade I. na Sede da Escola Municipal Nova União no município de Anori/Am, as 9:00h reuniram-se os comunitários para fundarem e elegerem a diretoria da mesma. Tomando a palavra a Senhora Maria Ivani da Silva Gomes, deu boa vinda aos presentes e falou aos mesmos o motivo da Assembléia. Neste momento o Senhor Fausto pediu a palavra e conclamou aos presentes, que votassem pela aprovação da constituição da mesma, pois, sabemos que não podemos mais viver desorganizados, retomando a palavra a senhora Maria Ivani colocou em discussão a proposta de Fundação da Comunidade, e após vários debates foi colocada em votação a qual foi aprovada por unanimidade pelos presentes. Após a aprovação a senhora Maria Ivani solicitou aos presentes que apresentassem suas propostas de chapa o qual foram apresentadas duas propostas: uma encabeçada pelo senhor Ercílio Gomes de Oliveira Filho e a segunda pelo senhor João Vieira Barbosa, depois de colocadas as chapas em votação a qual ocorreu por voto secreto. Os votos foram contabilizados, que ficou com o seguinte resultado: venceu o senhor Ercílio Gomes de Oliveira, com o total de 23 votos e o senhor João Vieira Barbosa com 22 votos, a indicação para vice-presidente foi feita por aclamação, o qual foi indicado o senhor Raimundo da Silva dos Santos e para 1ª Secretária: Maria Ivani da Silva Gomes, 2º Secretário: o senhor Fausto da S. Gomes, 1º Tesoureiro: Maria Francisca Moura Araújo Santos, 2º Tesoureiro: Pedrina Moura de Araújo e para o Conselho Fiscal as senhoras: Franciane dos Santos Lima, Elinalva Andrade da Silva e o senhor Josimar Barbosa da Silva. Após a aprovação da Fundação e Eleição da Diretoria ficou acertado

CARTÓRIO DO JUDICIAL E ANEXOS
DA COMARCA DE ANORI-AM
SIDNEY QUEIROZ FORTES
ESCRIVÃO
ROSANGELA RASTOS DE MOURA
SUB-ESCRIVA


SIDNEY QUEIROZ FORTES
Escrivão Judicial Anexo